



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL,
ARQUITETURA E URBANISMO

MOSAICO PORTUGUÊS:
100 anos na paisagem urbana de Campinas

Christiane Terra de Lisboa

Campinas

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO

Christiane Terra de Lisboa

MOSAICO PORTUGUÊS:
100 anos na paisagem urbana de Campinas

Dissertação apresentada à Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Engenharia Civil, na área de Arquitetura e Construção.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Ziggiatti Monteiro

Campinas

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA ÁREA DE ENGENHARIA E ARQUITETURA - BAE - UNICAMP

L81m Lisboa, Christiane Terra de
Mosaico Português: 100 anos na paisagem urbana de
Campinas / Christiane Terra de Lisboa. --Campinas, SP:
[s.n.], 2011.

Orientador: Evandro Ziggiatti Monteiro.
Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e
Urbanismo.

1. Mosaico. 2. Calçada. 3. Pavimentos de pedra. 4.
Paisagens e jardins. I. Monteiro, Evandro Ziggiatti. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Título em Inglês: Portuguese Pavement: 100 years of urban landscape in
Campinas.

Palavras-chave em Inglês: Mosaic, Sidewalks, Stone pavements,
Landscapes and gardens

Área de concentração: Arquitetura e Construção

Titulação: Mestre em Engenharia Civil

Banca examinadora: Vladimir Bartalini, Ana Maria Reis de Góes Monteiro

Data da defesa: 24/08/2011

Programa de Pós Graduação: Engenharia Civil

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO**

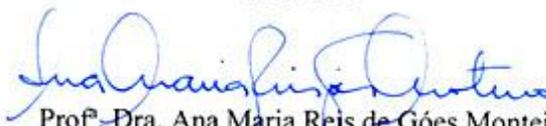
**MOSAICO PORTUGUÊS: 100 ANOS NA PAISAGEM URBANA
DE CAMPINAS**

Christiane Terra de Lisboa

Dissertação de Mestrado aprovada pela Banca Examinadora, constituída por:


Prof. Dr. Evandro Zaggiatti Monteiro
Presidente e Orientador FEC, AU UNICAMP


Prof. Dr. Vladimir Bartalini
FAU USP


Prof.^a-Dra. Ana Maria Rejs de Góes Monteiro
FEC, AU UNICAMP

Campinas, 24 de Agosto de 2011.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, ambos professores, Waldyr Lisboa e Ismenia Terra de Lisboa, que além do cuidado e dedicação que a mim dispensaram, ensinaram-me a ver e a perseverar.

E aos meus filhos Daniel Lisboa e Laura Lisboa, que me inspiram e impulsionam sempre.

A eles sou grata pelo carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores da Escola Experimental da Lapa, da Deubrook High School, do Colégio Equipe, da Faculdade de Artes Plásticas da FAAP, da FAU USP e da FEC, AU UNICAMP por revelarem mundos e apontarem caminhos.

Agradeço especialmente ao Professor. Doutor Evandro Ziggiatti Monteiro pela calorosa acolhida, orientação constante e dedicada e pela interlocução instigante, e às Professoras Doutoras Ana Maria Reis de Góes Monteiro e Silvia Aparecida Mikami Gonçalves Pina pelas valiosas sugestões.

Agradeço aos amigos que cederam fotografias, aos entrevistados que relataram experiências e aos calceteiros que atenciosamente compartilharam seus saberes.

E aos queridos amigos, especialmente a Alexandre Luiz Rocha, Claudia Gallian, Elza da Costa Cruz Vasconcellos, Maria do Carmo Ianaccone, Maria Regina Alvarenga Lepage e Sandra Negraes Brisolla, pela colaboração importante nesta empreitada, pelo incentivo e apoio em tantas ocasiões.

***“A cidade e seu viver se descobrem.
E pedem que dela se fale e se pense
e se diga e se faça.”¹***

Flavio Lichtenfels Motta

¹ MOTTA, Flávio L. **Textos Informes**. São Paulo: FAU USP, 1973. p. 2

RESUMO

LISBOA, Christiane Terra de **Mosaico português: 100 anos na paisagem urbana de Campinas**. Campinas: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo – UNICAMP, 2011. 275 p. Dissertação (Mestrado)

As calçadas de mosaicos são testemunho de uma época em que a cidade era desenhada também para o pedestre e havia uma preocupação formal e estética no tratamento do passeio público, incluindo desde calçadas de áreas residenciais a praças e instituições importantes da cidade, que tiveram seus passeios especialmente criados e adornados com os mosaicos. Em Campinas esse tipo de calçamento alcançou grande popularidade, e por muitos anos seu uso foi exigido pelo poder público municipal, propiciando o aparecimento de diversas empresas, profissionais e artesãos que se dedicaram à atividade, conferindo aos espaços e à paisagem urbana uma qualidade visual ímpar. Esse período coincidiu com as décadas em que a cidade voltou a crescer e se desenvolver, após o surto de febre amarela. O estudo de caso das calçadas de mosaico português em Campinas relaciona a sua ocorrência com a urbanização, crescimento e história dos bairros mais antigos de Campinas, aqueles surgidos desde fins do século XIX até a década de 70 do século XX, por meio de levantamento de ocorrência e mapeamento de sua abrangência espacial; pesquisa da história da técnica do calçamento em Campinas; documentação fotográfica da situação atual; leitura visual e o conseqüente estudo das relações entre espaço público e privado; registro e catalogação dos signos visuais e pesquisa sobre sua relação com a identidade e a memória local do espaço das calçadas nos bairros e na cidade.

Palavras-chave: paisagem urbana, calçadas, mosaico português.

ABSTRACT

The present work is focused on the study of the Portuguese pavement mosaic sidewalks which were very popular in Campinas city from the end of the 19th century through the decade of 1970. This period corresponds to seven decades during which the city resumed its expansion and development after recovering from two severe yellow fever epidemics. This case study aims to relate the Portuguese mosaic pavements to the city's urban development, expansion and history of the oldest neighborhoods – those emerging around 1890 up to 1970 when this kind of pavement was, for many years, required by the municipal laws. This gave rise to the emergence of several paving businesses, employing stone layer professionals and skilled craftsmen dedicated to the activity. Consequently, a unique and diverse urban landscape emerged. The task is accomplished by the assessment of the occurrence of the mosaic paved paths throughout the years and the mapping of sites where they were present –sidewalks, plazas and public sites. Moreover, the study is supported by a research on the history of the paving technique used in Campinas, photos documenting the present situation, visual assessment of the remains of the past, and the resulting study of the relationship between public and private space, and the registration and indexation of visual signs. Altogether, these data from neighborhoods and the city in general, help to retrieve the memory, identity and local history of the sites.

Key words: urban landscape, sidewalks, portuguese pavement.

LISTA DE FIGURAS

		Pág.
Figura 1	Calçadas em mosaicos contínuos nas ruas de Campinas-SP A: Guanabara, B: R. Gal. Osório, Centro. C: Rua Br. de Jaguará, D: Rua. Benjamim Constant, Centro. Fotografias da autora.....	46
Figura 2	Residências nos bairros A: Guanabara. B: R. Cel. Manuel de Moraes, V. Itapura. C: imóvel comercial no Taquaral-Campinas, SP. Fotografias da autora.....	47
Figura 3	Calçadas padronizadas: Limeira, SP A: fotografia de Silvia M. Pina. Campinas, SP. B: Rua. Estácio de Sá, Santa Genebra. e C: Guanabara. Fotografias da autora.....	49
Figura 4	Bordaduras geométricas decoram mosaico romano Século II d.C. (LING, 1998. p.65).....	59
Figura 5	Mosaico em Creta, no estilo Italiano em preto e branco. (LING, 1998. p.60).....	60
Figura 6	Lisboa. Primeira calçada de mosaico português. Batalhão dos Caçadores nº5 in CABRERA, 1998, p.XV.....	64
Figura 7	Lisboa Largo do Rossio, em 1900. Foto atribuída a Louis Daguerre. Disponível em http://calcadaportuguesa.blogspot.com/ Acesso em Outubro de 2010.....	65
Figura 8	Obra “O contra ataque de Michelotto da Cotignola na batalha de São Romano”, Pintura sobre madeira. Paolo Ucello, 1440. Museu do Louvre, Paris, França. (SUREDA, 1991. p. 242).....	66
Figura 9	Desfile de pálios em Siena no século XXI: As bandeiras da Onda. Siena Italia. Fotografia dos sites da Comune di Siena, disponível em http://palio.comune.siena.it/main.asp?id=3541 e http://www.comune.siena.it/contenuti/palio/inglese/17contrade/17contrade.html . Acesso em Setembro de 2010.....	67

Figura 10	Lisboa. Calceteiros pavimentando em 1910. Calceteiros assentado calçamento em 1907. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Calceteiros_lisboa.jpg Acesso em Outubro de 2010.....	69
Figura 11	Lisboa. Calceteiros nivelando o calçamento, começo do século XX. Eles usam o maço para nivelar pavimento em Lisboa, 1910. Disponível em http://calcadaportuguesa.blogspot.com/ Acesso em Outubro de 2010.....	72
Figura 12	Portugal. A, B e C: Assinaturas de calceteiros. Fotografias de Ernesto Matos in MATOS, 2006.....	73
Figura 13	A e B: Detalhes do piso, assinaturas de calceteiros nos desenhos centrais da Praça Luis de Camões no centro de Campinas, SP. Fotografia da autora.....	73
Figura 14	Manaus, AM, Largo São Sebastião.....	77
Figura 15	Manaus, AM Teatro Amazonas. Biblioteca Virtual do Amazonas. Disponível em: http://www.bv.am.gov.br/ Acesso em Setembro de 2010.....	77
Figura 16	Rio de Janeiro, RJ. Teatro Municipal e Avenida Central. Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ.....	79
Figura 17	Rio de Janeiro, RJ Praia do Leme. Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ, anos 20.....	79
Figura 18	Rio de Janeiro, RJ Porto do Rio de Janeiro. Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ.....	80
Figura 19	Portugal, Lisboa A: Rua Augusta. Fotografia de Ernesto Matos in MATOS, 2004 e B: Rua Augusta in CABRERA, 1998.....	80
Figura 20	Rio de Janeiro, RJ Avenida Central, atual Avenida Rio Branco Fotogramas do filme "Rio the Magnificent" Traveltalks de James A. Fitzpatrick, para Metro-Goldwyn-Mayer, 1932. http://www.youtube.com/watch?v=a7Q1kITY168 Acesso em Outubro de 2010.....	81

Figura 21	Rio de Janeiro, RJ. A e B: Cenas da Avenida Rio de Janeiro RJ Fotogramas do filme “Rio the Magnificent” Traveltalks de James A. Fitzpatrick, para Metro-Goldwyn-Mayer, 1932. http://www.youtube.com/watch?v=a7Q1kITY168 Acesso em Outubro de 2010.....	81
Figura 22	Rio de Janeiro RJ Calçada da Avenida Atlântica, em 1932, disponível em http://mosaicodobrasil.tripod.com/id4.html Acesso em Outubro 2010.....	82
Figura 23	Rio de Janeiro, RJ. A: Calçada da Avenida Atlântica, Copacabana, disponível em, http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CopacabanaPavement.jpg Acesso em Outubro de 2010 e B: Rio de Janeiro RJ Calçada da Avenida Atlântica, R. B, padrão <i>onda copacabana</i> inserido em desenhos geométricos. Marx, disponível em http://mosaicodobrasil.tripod.com/id4.html Acesso em Outubro 2010.....	84
Figura 24	São Paulo, SP A: Mapa em mosaico português. Fotografia Regina Lepage e B: Avenida Amaral Gurgel, São Paulo. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=GJ5ACe-2yv4&feature=related . Acesso 2010.....	86
Figura 25	Campinas, SP, Jardim Carlos Gomes em 1922 in Álbum de Campinas - Comemorativo do centenário da Independência Do Brasil -).....	91
Figura 26	Campinas, SP Largo da Matriz nova em 1929, Acervo CMU. Arquivo Centro de Memória da UNICAMP	93
Figura 27	A e B: Casas geminadas na Vila Industrial, ornamentos na fachada e calçada Campinas, SP. A: Av. Dr. Salles de Oliveira, e B: Rua Cons. Gomide 186. Fotografias da autora.....	95
Figura 28	A, B e C: Calçadas da Vila Industrial Campinas, SP A: Rua Antonio Bento, Vila Industrial. B: Rua Dr. Carlos de Campos, Vila Industrial. C: Rua Sete de Setembro, Vila Industrial. Fotografias da autora.....	96

Figura 29	A paisagem dos bairros campineiros: Campinas, SP A: Rua Mestre Tito, Vila Industrial. B: Rua Teodoro Langard, Bonfim. C: Rua Oito de Maio, Vila Itapura. 2009 e 2010. Fotografias da autora.....	97
Figura 30	Figura 30. Campinas, SP, Mapa de abrangência das calçadas com mosaicos contínuos em pedra portuguesa.....	99
Figura 31	A: Casarão residencial de esquina no centro velho. B: Calçada: motivo geométrico. Campinas, SP, Rua Bernardino de Campos, Centro. Fotografias da autora.....	100
Figura 32	A: Imóvel residencial no centro. B: Calçada: motivo floral Campinas, SP, Rua Luzitana, Centro. Fotografias da autora.....	101
Figura 33	A: Imóvel comercial com estrada lateral no centro velho. B: Calçada: motivo curvilíneo Campinas, SP Rua General Osório, Centro. Fotografias da autora.....	101
Figura 34	A: Casas geminadas, porão alto, Av. Dr. Salles de Oliveira, Vila Industrial B: Calçada: motivo florão duplo composto. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	101
Figura 35	A: Casa porão alto, sem recuos, Rua Sete de Setembro, Vila Industrial, Campinas, SP. B: Calçada: motivo geométrico curvilíneo. Fotografias da autora.....	102
Figura 36	A: Casas geminadas de porão alto, Bonfim. Anos 20. B: Calçada: motivo florão duplo. Campinas, SP Rua Teodoro Langard, Bonfim. Fotografias da autora.....	102
Figura 37	A: Casa com fachada <i>Art déco</i> , anos 30. V. Industrial. B: Calçada: motivo geométrico tricolor. C: detalhe da calçada e D: Detalhe da fachada: formas concordantes. Campinas, SP, Rua Dr. Carlos de Campos, Vila Industrial. Fotografias da autora.....	103

Figura 38	A: Edifício comercial/hotel <i>Art déco</i> ao lado da estação ferroviária no centro velho de Campinas. B: Calçada: motivo geométrico. C e D: Entrada comercial, detalhe da fachada, serralheria e elementos decorativos de linhas retilíneas. F: Piso tricolor em pedras com faces de 2 a 5 cm de lado. Campinas, SP, Rua Onze de Agosto esquina com Rua Treze de Maio, Centro. Fotografias da autora.....	104
Figura 39	A: Casa popular, pequeno recuo, sem garagem, no Cambuí. B: Calçada com florão duplo. Campinas, SP Rua Santo Antonio, Cambuí. Fotografias da autora.....	105
Figura 40	A: Residência <i>neocolonial</i> no Cambuí, Projeto Arq. Mario Penteadó, 1942. Mosaicos com desenhos exclusivos. B: entrada lateral da garagem, C: entrada do jardim D: na calçada. E: no quintal. Campinas, SP Rua Guilherme da Silva, Cambuí. Fotografias da autora.....	105
Figura 41	A: Residência em estilo <i>missões californiano</i> em Campinas, SP, Rua Presciliana Soares esquina com Rua Cel. Quirino, Cambuí. Projeto Arq. Mario Penteadó, 1938 (ZAKIA, 2004), B: Calçadas têm motivo curvilíneo em três cores. Fotografias da autora.....	106
Figura 42	A: Residência eclética estilo <i>Missões</i> . B: calçada com florões geométricos curvilíneos. Rua Vinte e quatro de Maio esquina com Rua Sete de Setembro, Vila Industrial, Campinas, SP. Fotografias da autora.....	106
Figura 43	A: Casa “ <i>moderna</i> ” com garagem no corpo do edifício. B: Calçada com losangos. Avenida Dr. Carlos de Campos, Vila Industrial, Campinas, SP. Fotografias da autora.....	106
Figura 44	A: Residência no centro, com garagem, tem fachada em linhas retas e revestimento em filetes de pedra mineira, comum nos anos 1970. B: Calçada com desenho <i>onda copacabana</i> . Rua Culto à Ciência, Centro Campinas, SP. Fotografias da autora.....	107
Figura 45	Campinas, SP Beco do Caracol, Atual Av. Benjamim Constant. Acervo CMU UNICAMP foto de 1947.....	108

Figura 46	A e B: Calçadas de mosaicos deterioradas na V. Industrial. C: Bairro Guanabara. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	111
Figura 47	A: Centro, B e C: Guanabara, Campinas, SP. Fotografias da autora....	113
Figura 48	Figura 48. A e B: Cambuí e C: Centro. Campinas, SP Fotografias da autora.....	113
Figura 49	Rua apresenta tapete efêmero da festa de Corpus Christi em Garça, SP, anos 1960. Cerca 1965. Fotografia do acervo de família de Valderéz Casella Frota.....	115
Figura 50	Rampas e faixas táteis integradas ao calçamento de mosaico. Campinas, SP Rua Lidgerwood, Centro. Fotografia da autora.....	117
Figura 51	Calçadas tradicionais de Curitiba, Paraná em fotos de 2010. A: flor de pinhão, B: desenhos da cestaria indígena C: geométricos D: pinhões e araucárias. E: grafismos sinuosos. Curitiba, PR. Fotografias de Ruth Klotzel, 2010.....	119
Figura 52	Florianópolis, SC, Praça XV de Novembro. A: Rendas de bilro. B: Criança brincando e C: Criança soltando pipa. A e B: Fotografias de João Bittar Fiammenghi. C: Fotografia de Ernesto Matos in MATOS, 2004.....	120
Figura 53	Piso de mosaico português sendo assentado sem gabaritos no canteiro da obra do edifício São Paulo, SP FAUUSP, Fotografia circa 1962. in 2G, nº 54, Julho 2010. Barcelona. Editorial Gustavo Gili. 2010.....	121
Figura 54	A, B e C: Mosaico português padrão <i>onda copacabana</i> e piso com ladrilhos hidráulicos com padrão similar assentados na mesma calçada da Rua Buarque de Macedo, Vila Nova, em Campinas. Fotografias da autora.....	122
Figura 55	A, B e C: Praça e calçadas internas do Shopping Parque D. Pedro, Campinas. Fotografias da autora.....	125
Figura 56	Mosaico de calçada reparado com cimento imitando pedras no Jd.Chapadão, Campinas, SP, Fotografia de Rafael Cury.....	128

Figura 57	O padrão tradicional da onda, moldes e suas derivações cromáticas e de paginação. Campinas SP Fotografias da autora.....	131
Figura 58	Figura 58. Desenhos criados com o molde/gabarito da onda. Campinas SP. Fotografias da autora.....	132
Figura 59	Figura 59. Desenhos criados com o molde/gabarito da onda. Fotografias da autora.....	133
Figura 60	Figura 60. Desenhos florais. Campinas SP. Fotografias da autora.....	134
Figura 61	Figura 61. Desenhos florais. Campinas SP. Fotografias da autora.....	135
Figura 62	Figura 62. Estrelas. Campinas SP. Fotografias da autora.....	136
Figura 63	Padrões geométricos retilíneos e faixas paralelas ao arruamento. Campinas SP. Fotografias da autora.....	137
Figura 64	Padrões geométricos retilíneos e faixas. Os moldes para os círculos são os batedores/compactadores. Campinas SP. Fotografias da autora.....	138
Figura 65	Padrões geométricos curvilíneos. Fotografias da autora.....	139
Figura 66	A, B, C, e E: Padrão <i>revoada de andorinhas</i> e derivações cromáticas. D: Forma/molde/gabarito. F: Derivação formal: Peixe, desenho feito a partir do gabarito do corpo da andorinha, sem utilizar os gabaritos das asas. G: Composição com três elementos. H: Motivos em positivo e I: Motivo em negativo. Campinas, SP, Fotografias da autora.....	140
Figura 67	Mapa Tipologia dos desenhos. Elaborado pela autora.....	141
Figura 68	Largo do Rosário, Centro em 1934: piso de desenhos <i>Art Nouveau</i> colocado em 1910. Acervo MIS, Campinas, SP.....	155
Figura 69	Largo do Rosário em 1935 in Campinas de Ontem e de Hoje, Campinas, SP: Empresas Lix da Cunha, 1988.....	156
Figura 70	Largo do Rosário, Centro, durante a reforma do fim dos anos 50. Campinas, SP. Acervo do MIS.....	157
Figura 71	A e B: Campinas, SP, Largo do Rosário, Centro, em 2010, Fotografias de Sergio Bisello, 2010. C: Largo do Rosário em 2007, Fotografia da autora, 2007.....	158

Figura 72	Planta Hospital Beneficência Portuguesa, Campinas, constante do Processo de Tombamento 008/01, vol. 1 - 4, do CONDEPACC Sem data.....	160
Figura 73	Hospital da Real Beneficência Portuguesa, Centro. Piso das áreas internas. A: Caminho e B: Caravela. C: Calçada externa. Campinas, SP.....	160
Figura 74	Hospital Beneficência Portuguesa em desenho de Fúlvia Gonçalves. in GONÇALVES, 1986.....	162
Figura 75	Plantas do Processo de tombamento 008/01 do CONDEPACC. A: Planta de 1929, mostrando a Praça e o hospital. B: Planta de 2008, que não foi fiel à forma quadrada da praça.....	163
Figura 76	A e B: Desenhos florais <i>Art Nouveau</i> . C: Grega na calçada da Praça Luis de Camões, Centro Campinas, SP, Fotografias da autora.....	164
Figura 77	A: Borboleta do piso <i>Art nouveau</i> Largo do Rosário, obra de 1910. Fotografia de 1934 do acervo do MIS, Campinas.(Ver canto inferior direito da Fig. 68) B: Borboleta do piso da Praça Luis de Camões, obra datada de 1922, em foto de 2011. Fotografia da autora.....	165
Figura 78	Cenário da Praça Luis de Camões. A: Portão do Hospital Beneficência Portuguesa e palmeiras imperiais. B: Busto de Camões e árvores seculares, na praça de mesmo nome. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	166
Figura 79	A: Esfera armilar em piso em Portugal. Fotografia de Ernesto Matos in MATOS, 2006. B: Detalhe do piso da Praça Luis de Camões, Campinas, SP, Fotografia da autora. 2010.....	167
Figura 80	A: borboleta; B, C e D: Motivos vegetais. Desenhos do piso da Praça Luis de Camões, Centro, Campinas, SP, Fotografias da autora 2010...	169
Figura 81	Detalhes do piso da Praça Luis de Camões. Centro, Campinas, SP. A: Motivos florais; B: Caminho; C: Assinatura; D: Arabescos; E: Data e F: Assinatura do calceteiro inserida num desenho. Fotografias da autora, 2010.....	170

Figura 82	Veículos da Empresa Concessionária da Limpeza Pública, frequentemente transitam e estacionam sobre o piso executado unicamente para a passagem de pedestres no ano 1920. Fotografia de abril de 2011. Praça Luis de Camões, Centro, Campinas, SP, 2011. Fotografia da autora.....	171
Figura 83	A: Ponto de parada de ônibus. B: Rampa e faixa tátil: Obras recentes desconsideram e fragmentam o piso antigo. Praça Luis de Camões, Centro, Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	171
Figura 84	Registro gráfico dos ornamentos do piso. 2011. Croquis Praça Luis de Camões, registro do mosaico português. 2011. Desenho da autora.....	172
Figura 85	Prédios tombados e seus mosaicos. A: Edifício D. Pedro II, B: Edifício Franz Daffert, C: Edifício Conselheiro Antonio Prado e D: Casa do Diretor. Campinas, SP, IAC - Instituto Agrônomo de Campinas. Fotografia da autora.....	174
Figura 86	A: Entrada do Instituto Agrônomo de Campinas, IAC; B: Ornamento da Catedral (GONÇALVES, 1986) e C: Bebedouro. (GOULART,1983) A: Fotografias da autora. B: Desenho de Fúlvia Gonçalves in GONÇALVES, 1986. C: Fotografia de bebedouro no centro de Campinas, primeiro quartel do século XX, in GOULART, 1983.....	176
Figura 87	A: Rosácea; B: Volutas e flor-de-lis; C: Desenho clássico com volutas. Fotos de 2010 Instituto Agrônomo de Campinas, SP, 2010. Fotografias da autora.....	176
Figura 88	Desenhos que se alternam nas calçadas externas do Instituto Agrônomo de Campinas na Av. Barão de Itapura, Campinas, SP. A: Faixas, flores-de-lis e volutas; B: Faixas e rosácea. Fotografias da autora.....	176
Figura 89	A e B: Desenhos do piso do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Campinas, SP de inspiração botânica e clássica. Fotografias da autora.....	177
Figura 90	Entrada do IAC em desenho de Fúlvia Gonçalves in GONÇALVES, 1986.....	178

Figura 91	Instituto Agronômico de Campinas, piso de mosaico recoberto em exposição em Maio 2010 Campinas, SP, 2010. Fotografia da autora...	178
Figura 92	A: Entrada principal (monumental) em mosaico e B: calçada externa do IAC na Avenida Barão de Itapura deterioradas, abandonadas sem manutenção e limpeza. Fotos de 2011. Campinas, SP Fotografias da autora.....	179
Figura 93	A, B, C, D, E e F: Desenhos dos caminhos internos dos jardins do Instituto Agronômico de Campinas, IAC. Campinas, SP. Fotografia da autora, 2011.....	180
Figura 94	A: Lira no detalhe da planta de implantação e B: na fachada ornamentada, CONDEPACC, Campinas, SP.....	182
Figura 95	A: Lira na platibanda. B: Desenho em mosaico na calçada. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	182
Figura 96	A: Entrada monumental do Cemitério da Saudade e alameda de palmeiras. B: Detalhe data. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	183
Figura 97	A: Caminho interno do Cemitério Da Saudade, Campinas, SP, com piso em florão, B: Desenho no cruzamento de caminhos. Fotografias da autora.....	185
Figura 98	Desenhos do piso do Cemitério da Saudade, 2011. A: Mandala. B: Losangos. C: Bordadura geométrica. D: Círculos entrelaçados. E: Louros. F: Flor-de-lis. Fotografias da autora.....	185
Figura 99	Desenhos do piso do Jardim Carlos Gomes 2011 (mosaico restaurado na reforma de 1995.) Fotografias da autora.....	187
Figura 100	A: Casa de Saúde de Campinas. B, C e D: Piso da Praça Prof ^a . Silvia Simões Magro, antigo Largo São Benedito. XX Empresa Pedramista. Moldes/gabaritos da onda. Fotografias da autora.....	189
Figura 101	A: Fachada de imóvel na Rua Lusitana, B: Piso de mosaico floral na calçada. Fotografias da autora.....	190
Figura 102	Fachada do imóvel Rua Luzitana, em desenho de Fúlvia Gonçalves in GONÇALVES, 1986 ilustra o desenho do piso em mosaico.....	191

Figura 103	Exemplos da utilização das formas <i>onda</i> em desenhos diversos. A: O módulo da <i>onda copacabana</i> . B: Para florão, C: Para arabesco e D: Para motivos curvilíneos. Moldes da onda copacabana da empresa Pedramista e possibilidades de combinações. Fotografias da autora...	194
Figura 104	Troca de padrão nas esquinas A: Jardim Chapadão, B: Bonfim e C Taquaral. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	195
Figura 105	Praga, República Checa. A: Calçada ornamentada e B: Calceteiros fazendo manutenção de mosaico. 2009, Fotografia Raul Lisboa.....	196
Figura 106	A, B, C: Dimensões das pedras assentadas em mosaicos do começo do século XX no IAC e D: em calçada no centro. Reparos com pedras maiores E: Acima reparo recente com pedras maiores e abaixo as originais mais antigas e menores. F: Pedras originais e menores à esquerda e reparo recente com pedras maiores à direita. Campinas, SP. 2009 a 2011. Fotografias da autora.....	200
Figura 107	A: Ferramentas. B: Soquete ou batedor. C: Posição de trabalho. Campinas, SP. 2009 a 2011 Fotografias da autora.....	201
Figura 108	A: Preparação do terreno para colocação de guias. B: Colocação de guias com pegadores de metal. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	202
Figura 109	A: Preparação da base do mosaico. B: Espessura da base (9 cm) e pedra a ser assentada. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora....	203
Figura 110	Colocação das formas (moldes/gabaritos) sobre a base seguindo desenho existente na calçada. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	204
Figura 111	Dimensão das pedras. De 6 a 10 com de lado nas faces dos blocos. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	205
Figura 112	Martelos de pedreiro em dois tamanhos. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	205
Figura 113	Assentamentos das pedras ao redor da forma. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	206

Figura 114	A: Ajuste da pedra. B: nivelamento com as pedras previamente assentadas. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	206
Figura 115	A, e B: Colocação e assentamento das pedras. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	207
Figura 116	Mistura do rejunte. A: Traço, 1 carrinho de areia e 1 saco de cimento. B: Revolvendo a mistura para que fique homogênea. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	208
Figura 117	Completando a colocação das pedras para iniciar o 1º rejunte que já está sendo colocado. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	208
Figura 118	A: Varrição do 1º rejunte que penetra nos vãos entre as pedras. B: Colocação de material de rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	209
Figura 119	Várias tarefas se desenvolvem ao mesmo tempo no canteiro. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	209
Figura 120	As primeiras 3 fases do trabalho: base, pedras assentadas e primeiro rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	210
Figura 121	A, B, C e D: Compactação com batedor para nivelamento do conjunto. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	211
Figura 122	Compactação e rega da placa de mosaico. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	212
Figura 123	A e B: A placa de mosaico após o 1º rejunte e lavagem. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	212
Figura 124	A e B: Colocação do 2º rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	213
Figura 125	A: Varrição e rega para que o rejunte penetre entre as pedras. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	213
Figura 126	A: Detalhe do piso com o 2º rejunte sobre placa. B: Varrição do 2º rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora.....	214

Figura 127	A: Colocação de areia para limpeza do excesso de rejunte. B e C: Varrição vigorosa e D: preparação de base para continuar o trabalho. E: Calçada e área de estacionamento prontos, com acabamento ajardinado (Julho 2011) Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora...	215
Figura 128	Calcário amarelo. 2011. Fotografia da autora.....	228
Figura 129	Calcário vermelho. 2011. Fotografia da autora.....	228
Figura 130	Calcário branco. 2011. Fotografia da autora.....	228
Figura 131	Basalto preto. 2011. Fotografia da autora.....	228
Figura 132	Granito cinza. 2011. Fotografia da autora.....	228
Figura 133	Granito cinza escuro. 2011. Fotografia da autora.....	228
Figura 134	A: Faixas em desenho com “projeto”, Guanabara. B: Mosaico e grama, Condomínio “Barão do Café” em Barão Geraldo, Campinas, SP, 2010. Fotografias da autora.....	229
Figura 135	A: Coleção de formas metálicas da empresa Pedramista, Campinas. B: Três formas para a <i>andorinha</i> . Campinas, SP. Formas/moldes/gabaritos. Fotografias da autora.....	230
Figura 136	Calçada e entrada de garagem na região central, com piso de mosaico deteriorado, assentado até meados do século XX, com menos cimento na mistura. Rua Prof. Luis Rosa, Centro, Campinas, SP. Fotografia da autora.....	232
Figura 137	A: Mosaico interrompe a continuidade do motivo da quadra, no Cambuí. B: Desenho da lira e C: Bairro Guanabara, Campinas, SP. Fotografias da autora.....	238
Figura 138	Calçadas com mosaico contínuo. A: V. Itapura. B: Taquaral. C: Guanabara. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	238
Figura 139	A: <i>Onda copacabana</i> . B: Salpicado. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	238
Figura 140	A: Florão simples. B: Florão duplo. C: Losango “moderno”. Campinas, SP. Fotografias da autora.....	244

SUMÁRIO

	Pág.
RESUMO	11
ABSTRACT	13
1 . INTRODUÇÃO	45
2 . OBJETIVOS	53
3 . ORIGENS	57
3 . 1 . A arte musiva da antiguidade grega e romana	57
3 . 2 . A calçada mosaico portuguesa: Advento em Lisboa	62
3 . 3 . O mosaico português chega ao Brasil	74
4 . O MOSAICO PORTUGUÊS NA CIDADE DE CAMPINAS	87
4 . 1 . Saneamento e embelezamento: Prerrogativas para o renascimento da cidade	87
4 . 2 . A ornamentação das calçadas como referência da estética urbana de Campinas	95
4 . 3 . Transformações urbanas no século XX no Brasil e em Campinas	107
5 . O CHÃO E O PISO NA PAISAGEM DA CIDADE	113
5 . 1 . Vias e calçadas como imagem urbana significativa: suporte e função	113
5 . 2 . A percepção, o uso e o abandono	122
5 . 3 . O mosaico português como sistema de reprodução de imagens	129
5 . 4 . Os desenhos	129

6 . LEGISLAÇÃO MUNICIPAL E TOMBAMENTOS.....	143
6 . 1 . A transformação da Legislação Municipal que rege os passeios públicos.....	143
6 . 2 . As calçadas ornamentadas nos registros oficiais de tombamentos feitos pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas - CONDEPACC e na literatura.....	153
7 . A TÉCNICA DO MOSAICO PORTUGUÊS.....	193
7 . 1 . Pedrinha por pedrinha: o trabalho dos calceteiros.....	193
7 . 2 . A técnica da calcetaria: tradição e transformação.....	198
7 . 3 . A técnica da calcetaria em Campinas no século XXI.....	201
8 . CONCLUSÕES.....	217
9 . APÊNDICES - Entrevistas.....	225
9 . 1 . Sr. Claudio Grande.....	225
9 . 2 . Sr. Marcos Alexandre Grande.....	226
9 . 3 . Sr. Dorivaldo dos Santos.....	234
9 . 4 . Sr. Cosmo Passos.....	239
9 . 5 . Sr. Carlos Amilcar Parada.....	242
9 . 6 . Sra. Elis Stela Mello de Oliveira.....	248
10 . ANEXOS.....	253
10 . 1 . Cristalizações, de Cesário Verde.....	253
10 . 2 . Artigo do Prof. Cristovão Fernandes Duarte.....	256
10 . 3 . Parecer Ordep Serra, Docente da UFBA.....	259
10 . 4 . Carta A.B.A.P.....	262
11 . REFERÊNCIAS.....	265

1. INTRODUÇÃO

As calçadas de muitos bairros de Campinas apresentam um trabalho artesanal de mosaicos em pedra, popularmente chamados de *petit pavet*, *calçamento de pedra portuguesa*, *mosaico português* ou *calçada portuguesa* que, com grande variedade de desenhos, formas e cores unificam o espaço público de cada quadra com motivos geométricos ou orgânicos, gregas, molduras diversas, rendilhadas, com volutas e outros signos visuais, proporcionando uma identidade visual característica dos espaços públicos de muitos bairros residenciais e comerciais. Por várias décadas esse tipo de calçamento foi utilizado no passeio das ruas dos bairros mais antigos, se apresentando como um verdadeiro conjunto de vinhetas decorativas, características e tradicionais da cidade. O desenho da calçada se constituía numa moldura única para todo o quarteirão e não em uma ornamentação diferente em cada lote, sem relação de continuidade com os demais lotes vizinhos. A vineta integrava a vizinhança ao espaço que é destinado à necessidade comum de deslocamento a pé através da calçada e se constituía num fator unificador, propiciando o *nosso* em lugar do *meu*. Integrava o lote (privado), com a vizinhança e a rua (público). Pode-se entender que essa feição da cidade é indício da história de sua urbanização em relação aos espaços públicos e privados. E que sua gradual substituição, desaparecimento e transformação refletem as mudanças de conceitos de espaço público na atualidade.

As calçadas ornamentadas, verdadeiras *bordaduras* das quadras, algumas delas já centenárias, ainda podem ser encontradas na paisagem urbana de Campinas, mesmo não tendo sido preservadas e mantidas ao longo das décadas. O apuro técnico e formal desse tipo de calçamento, que foi utilizado a no centro (Figura 1) e nos bairros residenciais urbanizados a partir de 1910, indica um cuidado e apreço do poder municipal e do morador da cidade pelos espaços públicos e confere aos mosaicos um valor simbólico, tanto no seu uso coletivo como na sua iconografia. A moldura contínua traduz espacialmente e visualmente o que é pertencer à cidade: como se dá a integração do privado no público e a transformação de seu uso.



Figura 1. Calçadas em mosaicos contínuos nas ruas de Campinas-SP **A:** Guanabara, **B:** R. Gal. Osório, Centro. **C:** Rua Br. de Jaguará, **D:** Rua. Benjamim Constant, Centro. Fotografias da autora

Esta é a uma das características mais importantes nas calçadas de Campinas: A continuidade de motivos e desenhos que adorna as quadras, independentemente da testada dos lotes (Figura 1), tendo seus pontos de inflexão nas esquinas das quadras onde as cores e motivos são trocados. De acordo com um empresário² atuante no setor: “Os primeiros proprietários da quadra escolhiam os motivos e cores do calçamento e os vizinhos seguiam com o mesmo padrão até as esquinas para não destoar dos demais.” A unidade visual das calçadas nas quadras foi por muitos anos exigida por leis de posturas urbanas relativas ao passeio público. Este sentido de unidade conferido ao espaço público denota a importância formal da ornamentação urbana aplicada ao espaço do passeio, como indício da civilidade que os legisladores da cidade almejavam para Campinas. Ao longo do tempo esses valores estéticos se modificaram com transformações do uso dos espaços públicos e da vida urbana e com elas também as leis. Em muitos casos pode-se notar que por desejo do proprietário do imóvel, o calçamento da rua invade o espaço privado e o integra ao espaço público, criando uma continuidade de motivos, mesmo dentro das áreas internas aos lotes e jardins das edificações. Também denota que a calçada e a área externa da residência foram executadas ao mesmo tempo, quando da finalização das obras das edificações. (Figura 2)

² Entrevista 2 no Apêndice



Figura 2. Residências nos bairros **A:** Guanabara. **B:** R. Cel. Manuel de Moraes, V. Itapura. **C:** imóvel comercial no Taquaral-Campinas, SP. Fotografias da autora

O calçamento tradicional em mosaico tem origem portuguesa, tendo sido criado em Lisboa em 1842, usando material rochoso disponível na região, com referências à tradição dos mosaicos romanos presentes em Portugal. Seu uso se difundiu a partir da Exposição de Paris, em 1900, chegando ao Brasil logo em seguida e coincidindo com reformas de saneamento e pavimentação que aconteceram em importantes cidades brasileiras. O calçamento em pedra portuguesa se difundiu por diversas cidades brasileiras a partir de Manaus e do Rio de Janeiro que, em 1905, recebeu 22 artesãos calceteiros portugueses para executarem a pavimentação das calçadas da Avenida Rio Branco. São Paulo já apresenta o calçamento em diversos espaços públicos e residências de elite bem antes da década de vinte. (YAZIGI, 2000, p. 135).

Os espaços abertos públicos se ornamentaram para fazer jus à arquitetura eclética dos edifícios públicos e privados que traduzia em esforços construtivos as pretensões refinadas do período da opulência do ciclo cafeeiro. Coexistiram no período edifícios comerciais, públicos e residenciais afrancesadas *Art nouveau*, neoclássicas, ou mesmo apresentando detalhes árabes e orientais, chalés de inspiração normanda, do *Art déco* e depois do primeiro quartel do século XX também os acabamentos e estilemas do repertório *neocolonial* e *missões californiano* estiveram presentes na paisagem da cidade.

Em Campinas, encontramos esse tipo de calçamento em uma grande área da cidade, em todos os bairros urbanizados até a década de 80 do século XX. Por muitos anos seu uso foi exigido pelo poder público municipal, como se verá a

seguir, propiciando o aparecimento de diversas empresas, profissionais e artesãos calceteiros que se dedicaram à atividade, conferindo aos espaços e à paisagem urbana assim tratada, uma qualidade visual ímpar devido à continuidade dos motivos ao longo dos lados das quadras e à grande variedade dos desenhos empregados

As calçadas de mosaicos em Campinas são testemunhas de uma época em que a cidade era desenhada principalmente para o pedestre e havia uma preocupação formal e estética no tratamento do passeio público, incluindo desde calçadas de áreas residenciais a praças e instituições importantes da cidade, que tiveram seus passeios especialmente criados e adornados com os mosaicos, como é o caso da Praça Luis de Camões, do Hospital Beneficência Portuguesa e do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), que tem mosaicos quase seculares nas áreas de circulação, nos jardins internos e nas calçadas.

Durante a gestão do prefeito Lauro Péricles Gonçalves, de 1972 a 1976, Campinas já nem era mais a *Cidade das Andorinhas*³, e mesmo assim houve decreto municipal visando à padronização dos motivos dos passeios com o motivo ornamental “*revoada de andorinhas*” (CAMPINAS, Decreto 4301) em 1973. Esse fato demonstra a tentativa de introduzir na paisagem urbana um elemento gráfico, alusivo a um fato que se julgava memorável, que conferisse identidade à cidade. A tentativa de padronização do passeio com um motivo significativo também se deu em outras cidades paulistas: Araras, com a *onda* bicolor, em Americana, SP, com a letra A e em Limeira, SP, com o desenho de uma fruta cítrica (Figura 3 A)

Em Campinas o motivo de andorinhas e suas variações cromáticas e combinações é muito encontrado. (Figura 3 B e C) e pode ser visto nos bairros urbanizados na década de 1970 e em calçadas que foram reformadas no mesmo período em todos os bairros da cidade.

³ Anacrônica alusão à alcunha que a cidade adotou após a divulgação, em 1914, de texto autoria de Rui Barbosa por ocasião de sua visita a Campinas. Com a expansão urbana e industrialização nos anos 1970,, a cidade já perdera seu entorno das fazendas cafeeiras na gestão de Lauro Péricles e já não atraía enormes bandos das aves que freqüentavam também a região central quando foram observadas no começo do século pelo jurista.



Figura 3. Calçadas padronizadas: Limeira, SP **A:** fotografia de Sílvia M. Pina. Campinas, SP. **B:** Rua. Estácio de Sá, Santa Genebra. e **C:** Guanabara. Fotografias da autora

Elaborado com técnica antiga e apurada, o calçamento em *pedra portuguesa* tem grande flexibilidade de uso junto aos diversos equipamentos urbanos presentes nos passeios e à arborização. Possui também outras qualidades: por se tratar de pavimentação relativamente permeável à água e com possibilidade de reutilização permanente do material, a calcetaria de pedra portuguesa se constitui em técnica desejável nos dias de hoje, quando se reavalia impactos ambientais e se privilegia materiais reutilizáveis. Por ser técnica artesanal que necessita esmero, também força e resistência física para sua execução, poucos trabalhadores jovens tem se interessado pelo ofício, também por falta de valorização na remuneração do trabalho.

O presente trabalho se valeu de revisão bibliográfica compreendendo livros, artigos, trabalhos acadêmicos, crônicas, peças de legislação e processos de tombamentos do patrimônio artístico e cultural de Campinas, também de pesquisa em arquivos e bibliotecas. A partir desse acervo pode-se situar a técnica, que tem marcado os espaços públicos da cidade por 100 anos, no âmbito da legislação, do trabalho, da paisagem e da memória da cidade.

No âmbito dos estudos acadêmicos, é possível traçar a história e evolução dos espaços públicos de muitas cidades brasileiras no século XX. Há as referências sobre o paisagismo no Brasil, no período do fim do século XIX e começos do XX, quando Campinas tem seu despontar como cidade importante no cenário nacional e seus ilustres cidadãos na liderança da mudança do Império para a República. Em “Quadro do Paisagismo no Brasil”, Silvio Soares Macedo (1999) descreve e analisa as origens

do desenho dos espaços urbanos por meio das linhas projetuais clássica, romântica, eclética até a moderna. O artigo “Paisagismo Moderno Brasileiro - Além de Burle Marx”, do mesmo autor, também descreve a evolução das feições da paisagem urbanas até o paisagismo moderno brasileiro, já nos anos 2000. (MACEDO, 2003)

Obra de referência para a compreensão do assunto é o livro português “Olhar o Chão – Um olhar sobre o pavimento de mosaico português”, de Ana Cabrera e Marília Nunes (1998). As autoras levam a cabo uma análise histórica e estético-cultural desse tipo de calçamento no contexto do desenvolvimento urbano em Portugal, além de inventariar ocorrência por meio de imagens que ilustram o enfoque histórico e a leitura visual dos espaços exemplares selecionados.

Já Ana Luz (2006) no artigo “Topografia porosa: tecendo a pavimentação e outras pontuações urbanas nas paisagens intersticiais” faz considerações sobre a paisagem urbana da mobilidade, considerando a calçada como espaço intersticial com qualidades de topografia porosa de passagem. Destaca a relevância das calçadas em conectar usuários com o entorno e também como meio de construção de significados. A autora identifica as calçadas de mosaicos tradicionais em Portugal como exemplos de manifestação cultural e também como um sistema de linguagem pictórica impresso no chão, propiciando a percepção dos espaços urbanos, esta acontecendo em função do movimento do usuário/observador. O breve artigo se constitui numa obra chave para o entendimento da importância dessa característica urbana e suas influências na qualidade visual dos espaços urbanos assim tratados.

Obras de cunho mais pictórico e poético, que também nos dão subsídios para a percepção das características visuais dos mosaicos e sua *artesanía*, são os livros: “Assinaturas – Um passeio poético pela calçada portuguesa” e “Calçada portuguesa – Uma presença no mundo”, ambos de Ernesto Matos (2006; 2004) que revelam detalhes da peculiar linguagem e técnica da calcetaria principalmente em Portugal.

Chegando ao tema das calçadas no Brasil, “O Mundo das Calçadas” de Eduardo Yázigi (2000) se constitui em obra que se originou de tese de Livre Docência, que se propõe a apresentar o espaço da calçada como protagonista da vida urbana, analisando os mais diversos aspectos de evolução e uso do espaço público contíguo às áreas privadas e de circulação. Também no artigo “Breve Histórico da Calcetaria no

Brasil” (YÁZIGI, 1996) o autor relata as origens da técnica do mosaico português, sua introdução no Brasil e sua popularização como revestimento de áreas destinadas a pedestres.

No livro “Burle Marx e a Nova Visão da Paisagem” de Flavio Lichtenfels Motta (1984), o autor analisa a obra de Roberto Burle Marx em aspectos conceituais e formais, relatando como o uso de referências históricas da técnica tradicional da calçetaria foi recorrente nos projetos do paisagista, que utilizou o mosaico português de maneira inovadora, ao compor seus desenhos em escala grandiosa, compondo desenhos abstratos de linhas fluidas em vastas superfícies destinadas ao pedestre e com isso renovou o interesse pela técnica, que passa a fazer parte da linguagem da arquitetura e do paisagismo moderno brasileiro obtendo reconhecimento mundial. As obras da orla da praia de Copacabana e aterro do Flamengo, icônicas no uso do desenho de piso como parte essencial do projeto paisagístico e tantas outras referentes a espaços públicos ou inseridas em jardins que compõem sua vasta obra, atestam a importância da pavimentação para o paisagismo brasileiro. O autor foi pioneiro em relatar sobre a importância de Roberto Burle Marx que ao ter feito uso desse calçamento tradicional português em suas obras, juntamente com outros elementos de suas composições paisagísticas, influenciou a linguagem da arquitetura e paisagismo modernos no século XX.

Para analisar a evolução urbana de Campinas no segundo império, em fins do século XIX e no primeiro quartel do século XX, quando se dá uma notável modificação nas feições urbanas com grande desenvolvimento da cidade, recorreremos às obras “Campinas, o Despontar da Modernidade” de Ricardo Badaró (1996), “A cidade, os cantos e os antros” de José Roberto do Amaral Lapa (1996), bem como “Ramos de Azevedo: presença e atuação em Campinas” de Ana Maria Reis de Góes Monteiro (2009), que discorre sobre a obra do eminente engenheiro-arquiteto, que participou ativamente da consolidação dos ideais republicanos e da construção da cidade europeizada que Campinas almejava ser. A obra “Três Largos Campineiros: Carmo, Rosário e Catedral. Histórias e Mapas de Viajantes” de Evandro Ziggiatti Monteiro (2001) analisa a evolução do centro da cidade em função desses seus três importantes espaços públicos e a transformação deles ao longo do tempo.

2. OBJETIVOS

Nesse âmbito, defende-se que os antigos tapetes de mosaico de pedra portuguesa na calçadas de Campinas merecem registro, inventário e visibilidade na memória da cidade. Por sua abrangência espacial no território urbano de Campinas, pelas décadas que tem estado presentes na cidade, com suas mais variadas formas, cores e interessantes desenhos emoldurando e testemunhando feições e mudanças do espaço coletivo, ou ainda por sua técnica apurada e antiga que também se transformou ante as mudanças de uso, o mosaico na pavimentação de espaços públicos merece ser estudado. Percorrer o caminho do calçamento, de suas origens até os espaços públicos de uso cotidiano em Campinas, é também perceber, nessa trilha, as influências, o contexto histórico da época em que o calçamento foi utilizado, as imagens desenhadas e a evolução ou a degradação da paisagem urbana, refletidas nas calçadas. Identificar exemplares e áreas calçadas, bem como registrar a técnica, exemplificando tipologia e relacionando-a a diversos estilos arquitetônicos. Investigar as transformações das calçadas ornamentadas como parte relevante do patrimônio ambiental urbano frente à sua implantação, características formais e materiais, modificações de uso dos espaços públicos, e visibilidade no cenário urbano é tarefa necessária para a compreensão da evolução da paisagem da cidade.

O *corpus* do estudo compreendeu logradouros, notadamente as calçadas com mosaicos contínuos, praças e espaços externos de instituições que apresentam mosaico português na pavimentação. A reunião de imagens históricas, a observação e o registro fotográfico dos exemplares campineiros e do trabalho da calcetaria proporcionaram uma grande coleção de imagens informativas da técnica, dos usos, das transformações da vida na cidade e das características ornamentais e pictóricas aplicadas ao espaço público.

Foi realizado um mapeamento da ocorrência de placas de mosaico português com desenho contínuo em calçadas, bem como a identificação e registro de praças públicas e áreas externas/jardins de instituições de Campinas. O mapeamento foi elaborado a partir de observação, registro fotográfico de placas ou fragmentos de

antigas placas de piso em mosaico português e informações coletadas em campo em grande número de incursões entre 2007 e 2011. O conjunto de informações e registros, que somam cerca de 3.400 fotografias, forneceu subsídios para relacionar área de abrangência e a tipologia dos mosaicos a diferentes períodos arquitetônicos e de urbanização da cidade. Essas informações relacionadas às fotografias foram expressas graficamente em dois mapas constantes do trabalho. (Figuras 30 e 67)

A partir de entrevistas com pessoas atuantes na atividade da calcetaria e munícipes que tem lembranças vivas da paisagem das ruas da cidade, obteve-se informações que compõem um mosaico de fatos e memórias sobre esta característica da paisagem campinense, na tentativa de contribuir para o conhecimento e a reflexão. Com isso a possibilidade de haver interrelação entre a ocupação urbana, a tipologia da arquitetura institucional e popular e os espaços públicos adornados pela técnica da calcetaria poderá ser conhecida, bem como modificações no uso dos espaços públicos ao longo de 100 anos. A pesquisa se valeu de arquivos da Biblioteca Jurídica da Prefeitura Municipal de Campinas, da Biblioteca da Câmara Municipal de Campinas, da Biblioteca Pública Municipal Prof. Ernesto Manoel Zink, da Biblioteca do Instituto Agrônomo de Campinas, da Biblioteca José Roberto do Amaral Lapa e arquivo fotográfico do Centro de Memória da UNICAMP, da Biblioteca Cesar Bierrembach do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas, Arquivos do Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas, Bibliotecas da UNICAMP, PUC Campinas, e Biblioteca da FAU USP

A análise das condições que favoreceram o apuro técnico e formal das calçadas de mosaico português em diferentes bairros campineiros e o registro de exemplos notáveis que caracterizam os espaços públicos que estão gradualmente desaparecendo é trabalho que visa mostrar e mesmo favorecer a percepção da qualidade desses espaços e possivelmente fomentar interesse em sua preservação. A calcetaria brasileira é atividade que tem ocupado profissionais, gerado renda e mercado as cidades brasileiras com uma técnica de ornamentação tradicional que tem origem milenar. Suas possibilidades visuais são reinventadas a cada nova aplicação ou projeto, desde sua utilização nos períodos da urbanização republicana no Brasil, passando pela arquitetura moderna brasileira até os projetos contemporâneos.

Como Choay preconiza: “Todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido na sua origem um destino memorial” (CHOAY, 2001, p.22), a leitura da paisagem construída em Campinas, com enfoque nas suas calçadas, poderá contribuir para a compreensão de processos sociais e urbanísticos que a determinaram por mais de um século.

3. ORIGENS

3.1. A arte musiva da antiguidade grega e romana

Como informa Roger Ling (1998), o mosaico é uma forma de arte que consiste em arranjar e fixar pedaços de vidro, pedra, cerâmica e outros materiais em pequenas peças ou fragmentos sobre argamassa, formando um conjunto. O mosaico é técnica que toma tempo e esforço e foi muito utilizada na antiguidade e idade média por sua durabilidade e possibilidades decorativas e pictóricas. A forma mais característica na antiguidade é o assentamento de peças mais ou menos cúbicas de 4 a 5 cm de lado - as “tesselas” - sobre argamassa ou outro material aglutinante em pisos. O mosaico foi originalmente usado como pavimentação, desde o século 4 a. C.. Posteriormente a técnica passou a ser aplicada também em paredes e abóbadas, por ser mais durável que pinturas e afrescos. Os mosaicos podem ser divididos em duas categorias: *opus tessalum* para pisos e *opus museum* ou *musivum* para paredes e abóbadas. Este último tinha custo de execução de vinte por cento maior, pela dificuldade e até mesmo perigo na colocação nessas superfícies, além de terem maior visibilidade, e de serem executados com materiais mais delicados e preciosos. O mosaico de piso era considerado menos nobre, embora eles sejam os que mais chegam preservados até nossos dias: em edifícios pertencentes a sítios arqueológicos antigos, há freqüentemente o colapso de paredes e coberturas, mas por baixo dos escombros, há grande chance de se encontrar um mosaico de piso em boas condições. Também há mais exemplares preservados de mosaicos de piso porque estes eram mais comuns que os mosaicos parietais, devido ao menor custo e pela necessidade de fazer a pavimentação das edificações.

A técnica começou a partir da colocação de seixos de cores contrastantes formando desenhos sobre argamassa, os primeiros *empedrados* gregos, (LING, 1998, p. 19) e evoluiu com o uso de pedras cortadas, as tesselas da antiguidade grega. Os mosaicos multicoloridos feitos com tesselas de tamanho padronizado apresentavam

motivos abstratos e figurativos inspirados na morfologia vegetal e figuras humanas. Outro tipo de mosaico utilizava fragmentos irregulares ou tesselas isoladas formando desenhos sobre argamassa obtida de lava vulcânica ou cerâmica moída. A função maior era de tornar as superfícies de piso impermeáveis e duráveis, também de orientar circulação e embelezar. Vitruvius descreveu, no livro VII, capítulo I, 3 e 4 (1999), a preparação da superfície e suas diversas camadas, para a colocação das peças do mosaico. Há também evidências arqueológicas de que os padrões decorativos eram registrados em cadernos de papiro ou pergaminho. Alexandria, capital do Egito na antiguidade, foi a maior produtora de mosaico no período helenístico, mas foi no período de domínio do Império Romano que essa forma de arte, que é também utilitária, floresceu. Efeitos sofisticados de perspectiva obtidos por meio de desenhos de planos diversos e cores contrastantes já conferiam efeito de profundidade às cenas e motivos ornamentais. Bordas decorativas e motivos geométricos ou orgânicos repetidos emolduravam cenas detalhadas da vida cotidiana, mostrando pessoas, animais ou seres míticos e sobrenaturais. (LING, 1998, p.48)

A tradição original italiana era dos “emblemas”: painéis figurativos coloridos, no estilo helenístico, ilustrando cenas épicas de caça, de batalhas, inclusive navais ou mesmo prosaicas cenas cotidianas de deuses, nobres, plebeus e escravos, animais e seres míticos. Os emblemas posicionados no centro ou local de destaque na edificação eram cercados por molduras decorativas em preto e branco fazendo bordaduras geométricas, meandros, *gregas*, variadas tranças simples ou múltiplas, faixas e linhas torcidas, denteadas e entrelaçadas, também ramagens, florões e gavinhas, em cores contrastantes, principalmente em preto e branco. (Figura 4)



Figura 4. Bordaduras geométricas decoram mosaico romano Século II d.C. (LING, 1998. p.65)

A infinidade de desenhos decorativos musivos de meandros, tranças, linhas entrelaçadas, ondas, cruces, rodas, axadrezados, círculos concêntricos, labirintos, escamas imbricadas e outros tradicionais também apareciam ou eram originários de detalhes arquitetônicos, artefatos em cerâmica, terra-cota, madeira, metal ou marfim, das pinturas parietais, das padronagens têxteis e da cestaria do período. (OVADIAH, 1980)

O desenvolvimento da técnica de aplicação levou o mosaico da Itália aos domínios orientais, à Síria, Palestina, Jordânia, Arábia, Turquia e Chipre, também aos domínios ocidentais da Gália, Alemanha, Bretanha, Espanha, Alpes, Vale do Danúbio, Provença e Mediterrâneo. Mais tarde ao norte da África, Tunísia, Argélia e Marrocos. No Império Bizantino o mosaico foi técnica largamente utilizada.

Nos sítios arqueológicos ibéricos, locais onde o Império Romano teve domínio, como Mérida, na Espanha, a decoração com a técnica musiva nas cores preto e branco predominava nos pisos de edifícios. Da Espanha o mosaico chegou a Conímbriga em Portugal, hoje Coimbra, que tem vários exemplares romanos preservados. Outros sítios em Portugal estão em Pisões, Faro, Lagos, Portimão, Lisboa, Torres Novas e Porto, os mais significativos.

“O estilo de ornamentos com repetições e padrões em preto e branco foi a maior contribuição italiana para a história dos mosaicos da antiguidade. Mostrava a originalidade e ousadia de concepção que faltava nos afrescos contemporâneos que seguiam formulas e modismos de períodos anteriores. Sobretudo os mosaicos com motivos geométricos repetidos respeitavam a função do piso melhor do que os anteriores que usavam seixos. Sua influência foi sentida em outras partes do Império Romano e mesmo na Grécia, embora o estilo bicolor fosse mais dominante na Itália.” (LING, 1998, p.48) (Figura 5)



Figura 5. Mosaico em Creta, no estilo Italiano em preto e branco. (LING, 1998. p.60)

Padrões ondulantes ou geométricos em perspectiva, geralmente em preto e branco, e algumas vezes com adição de outra cor para dar destaque e sombreamento, hoje os mosaicos da antiguidade são observados por meio de fotos ou em museus onde não mais se pode pisá-los. Mas originalmente os mosaicos de piso eram visualizados do ponto de vista do usuário em pé ou sentado, mas sempre visto de cima a partir de ângulo oblíquo que também gera distorções mas propicia a apreensão de detalhes a partir da visualização em movimento sobre a obra. O movimento do andar

era considerado como fator importante para a visualização do conjunto e detalhes. Mosaicos eram projetados para serem observados e pisados. A movimentação sobre a área musiva propiciava vivência da mudança de pontos de vista, ampliando a percepção do todo ou de detalhes. Embora pudessem ser assentados em todos os tipos de edificação, os mosaicos se tornaram decoração padrão nos templos que posteriormente se transformaram nas primeiras igrejas cristãs e eram também mais comumente encontrados em residências particulares, que os tinham como pavimentação dos cômodos usados para encontros sociais. Nos edifícios públicos a decoração favorecia a técnica de assentamento de lajotas de pedras cortadas em tamanhos maiores e em formas já definidas pela composição do desenho. Estes geralmente usavam mármore em cores contrastantes. (LING, 1998, p.6)

Todas essas características visuais da antiga arte musiva que se espalhou pelo velho mundo com a expansão do império romano, estão indiscutivelmente presentes nas raízes históricas, técnicas e pictóricas que ressurgiram no calçamento dos espaços públicos urbanos em Lisboa no século XIX. Ao se observar minuciosamente ambas as manifestações visuais, o mosaico da antiguidade e o mosaico português, pode-se reconhecer muitas analogias formais, como bordaduras geométricas ou orgânicas, tranças, ondas, grelhas, que são as bases do acervo pictórico que se difundiu pelo mundo e está nas obras dos pisos de logradouros urbanos encontrados ainda hoje nas colônias portuguesas na África, Ásia e América. Essa manifestação visual quer a chamemos de artística ou meramente artesanal e decorativa, carrega valores formais e simbólicos que transcendem tempos e espaços, e encerra em si os valores pictóricos da antiguidade ocidental. Observando-se tais características técnicas, materiais e formais e o caminho que o mosaico romano percorreu até Portugal, onde modificado e adaptado ao calçamento se alastrou pelo mundo colonial, é importante para entendermos as origens do empedrado, seu uso, desenvolvimento e peculiaridades com que se apresentaram em Portugal.

3.2. A calçada mosaico portuguesa: Advento em Lisboa

Após o terremoto de 1755, que destruiu muitas cidades em Portugal, além de Lisboa, e reduziu a população em centenas de milhares de pessoas, houve um grande esforço de reconstrução que perdurou por quase dois séculos. José-Augusto França (1983, 1990), reconhecido historiador de arte português, nos seus escritos sobre o período dos anos 1800 denomina os primeiros anos dessa época, de cunho econômico e austero, de *reconstrução pombalina*, que promoveu importantes modificações nas feições da capital comandadas pelo Marques de Pombal. Modificações que foram seguidas de outras tentativas de modernização, posteriormente, sendo algumas delas aos moldes de Haussman.

A cidade do Porto e Lisboa se beneficiaram dos esforços urbanísticos da era pombalina que privilegiaram a monumentalidade dos edifícios públicos, a abertura de vias e de grandes praças.

“E este plano pombalino que, sustentado em conceitos inovadores ao prever nas artérias áreas de passeio, possibilitaria, a partir dos anos 40 do Século XIX, a sua beneficiação pela arquitetura pública dando expressão que dava corpo à nova corrente filosófica que antes despontara – o Romantismo.” (NERO, 2000, p. 81)

A arquitetura do ferro chega a Lisboa só no fim dos anos 1800, mas antes um elemento arquitetônico tradicional, o revestimento de azulejo, passa por uma *releitura* quando alguns portugueses abastados voltam a Portugal depois de fazerem fortuna no Brasil e começam a empregar os azulejos portugueses, carregados de simbologia e tradição, nas paredes externas de suas novas moradias e edifícios comerciais, moda esta em voga em muitas cidades brasileiras.

“Uma destas técnicas achou-se então subitamente renovada: o azulejo, de secular passado nacional, que nos fins do século XVIII entrara em decadência, passava a ser empregado para paredes exteriores das casas, no Porto e em Lisboa, numa moda que vinha do Brasil e dos

“brasileiros” de torna viagem. A industrialização das faianças na fábrica das Devesas no Porto, em meados do século, facultou aos construtores o novo material a preços admissíveis e levou a espalhar a prática pelas duas cidades, já que Lisboa seguiu rapidamente o exemplo do Porto e pode assim ornar seus grandes prédios pombalinos. Essa passagem do azulejo do interior ao exterior das casas acarretou uma alteração sensível na própria arquitetura, não por modificação de traços, mas por alteração das superfícies, e dos espaços urbanos.” (FRANÇA, 1983, p. 53)

Desta forma, seguindo a moda dos edifícios novos, edifícios antigos, palácios e até mesmo igrejas se revestem de azulejos, e seu uso agora influencia também o projeto das fachadas. (MECO, 1985) Estas passam a ter menos aberturas, para comportar maior área do revestimento parietal, demonstrando uma “preferência pelo superficial”. (FRANÇA, 1990, p. 369) França nota o fato de tal elemento tradicional decorativo ter se tornado estrutura, e ainda seguido de outro elemento inovador: às vias, praças, novos edifícios, pontes, estradas de ferro e decoração de fachadas, juntou-se a novidade do calçamento de áreas destinadas a pedestres: “Ao azulejo assim empregado haverá que ligar o jogo decorativo do empedrado de certas praças e ruas de Lisboa, sobretudo obra também do romantismo, aparecida em fins dos anos 40.” (FRANÇA, 1990)

Quase em meados do século XIX é utilizada em Lisboa uma técnica de calçamento até então nunca vista no país:

A calçada – portuguesa tal qual como a conhecemos actualmente, foi ensaiada pela primeira vez, na parada do batalhão de Caçadores 5, por iniciativa do Governador de Armas do Castelo de São Jorge, Tenente-General Eusébio Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado (1777 – 1861). Realizou-se uma pavimentação usando pequenas pedras de formas mais ou menos regulares, brancas e negras. O desenho aplicado era de composição simples e desenvolvia-se em *zig-zag*. Este primeiro trabalho, iniciado em 1842, foi executado por presos, designados “grilhetas”. (CABRERA, 1989, p.XV) (Figura 6)



Figura 6. Lisboa. Primeira calçada de mosaico português. Batalhão dos Caçadores nº5 in CABRERA, 1998, p. XV.

Na grande área do largo do Rossio, com 8.712m², pavimentada entre Agosto de 1848 e Dezembro de 1849, da mesma maneira da primeira, surgiu o motivo musivo mais conhecido e reproduzido em todo o mundo: o “*mar largo*”: ondas sucessivas em preto e branco que foram interpretadas como ilustrativas do encontro do rio Tejo com o mar:

“A população da cidade reconheceu o virtuosismo da solução e a Câmara Municipal de Lisboa deu-lhe expressão, ao mandar efectuar o mesmo tipo de revestimento na placa central do Largo do Rossio. A este novo êxito, a calçada do Rossio, seguir-se-ia um surto de novas obras em praças e ruas de Lisboa, do Porto e em outras cidades do país. A esta obra, ainda dirigida por Pinheiro Furtado, subordinava-se a motivos ondulados, de belo efeito, vindo a tornar-se um ex-libris da cidade de Lisboa.” (NERO, 2000, p. 81)

“O desenho escolhido para a decoração da Praça foi um padrão ondulado em preto e branco que passará a ser chamado por *mar largo*” (CABRERA, 1989, p. XVII) (Figura 7)



Figura 7. Lisboa Largo do Rossio, em 1900. Foto atribuída a Louis Daguerre. Disponível em <http://calcadaportuguesa.blogspot.com/> Acesso em Outubro de 2010

Cabe aqui discorrer a respeito do motivo decorativo bicolor ondulado, o *mar largo*, primeiramente usado na pavimentação do largo do Rossio, e que posteriormente recebeu outras denominações em outros lugares do mundo onde foi usado. Desde a época das cruzadas e depois no Renascimento, as rotas comerciais na Europa nos séculos XIV e XV estavam estabelecidas por mar, ligando os países do mediterrâneo aos países da península ibérica, e por terra formando uma ampla rede de vias de trânsito de pessoas e mercadorias. Nesse sentido havia uma rota por mar e outra por terra ligando a península italiana à ibérica. Assim influências culturais italianas alcançaram localidades mais remotas no continente europeu.

A partir da alusão do Professor Flavio Lischtensfels Motta⁴, e através de uma pesquisa pictórica e histórica sobre batalhas e conquistas na Europa no século XV, informações são encontradas sobre o tríptico “*A Batalha de São Romano*”, do pintor florentino Paolo Ucello. No terceiro quadro “*O contra ataque de Michelotto da Cotignola na batalha de São Romano*” de 1440 (Figura 8) (SUREDA, 1991) observa-se um cavaleiro empunhando um estandarte que se destaca ao alto do quadro, cuja bandeira, em preto e branco, tem a mesma padronagem do *mar largo*.

⁴ O Professor Flavio L. Motta, em suas aulas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, na década de 1970, fez relação entre o desenho musivo do *mar largo* e a bandeira de um cavaleiro num quadro renascentista que ilustra uma batalha. Esse fato foi informado pelo Prof. Dr. Alexandre Luis Rocha em agosto de 2010.



Figura 8. Obra “O contra ataque de Michelotto da Cotignola na batalha de São Romano”, Pintura sobre madeira. Paolo Ucello, 1440. Museu do Louvre, Paris, França. (SUREDA, 1991. p. 242)

Os três quadros descrevem eventos de uma batalha entre Florença e a cidade toscana de Siena.⁵ Ao pesquisar as duas localidades, obteve-se informações valiosas sobre a história e tradições, que levam ao mesmo desenho que foi aplicado no Rossio, em Lisboa quatro séculos mais tarde. Observando-se hoje os símbolos dos 17 bairros, as *contrade* de Siena, Itália, e seus respectivos brasões, nota-se que um dos bairros, chamado de *Onda*, tem o Delfim e o padrão ondulado como símbolos. Esta *contrada* tem até hoje seus pálios estampados no mesmo desenho que adornava o estandarte do cavaleiro medieval de um dos três quadros de Ucello. Esses pálios aparecem por toda a cidade por ocasião de duas grandes festividades anuais com desfiles, e se concentram nas batalhas de pálios e acirrada corrida a cavalo, disputadas entre as *contrade*, que se realizam todos os anos desde o século XVI na famosa *Piazza del Campo*, de Siena. Hoje a onda de Siena tem as cores celeste e branco, mas mantém o

⁵ Os outros dois quadros do tríptico podem ser vistos em Hauser, (1980, TOMO I p. 383), em Gombrich, (1999, p.254) e em Sureda, Millicua (1991, p.242)

mesmo desenho ondulante do original em preto e branco, estas substituídas pelas atuais por ordem papal em 1713⁶. (Figura 9)



Figura 9. Desfile de pálios em Siena no século XXI: As bandeiras da Onda. Siena Italia. Fotografia dos sites da Comune di Siena, disponível em <http://palio.comune.siena.it/main.asp?id=3541> e <http://www.comune.siena.it/contenuti/palio/inglese/17contrade/17contrade.html>. Acesso em Setembro de 2010

Essa coincidência de desenhos e cores demonstra que influências culturais e troca de informação aconteceram por todo o velho mundo por meio das rotas comerciais ou das invasões e migrações. Nesse sentido, a invenção do mosaico português recebeu influência itálica seja na técnica e, como as imagens parecem provar, também nos desenhos.

A novidade dos mosaicos no piso dos largos não passou despercebida na sociedade lisboeta. O famoso autor Almeida Garrett já comenta o fato num romance da época “*O Arco de Sant’Ana*”, em dois volumes, publicados respectivamente em 1845 e 1850, onde ele se refere às “*cândidas pedrinhas e belas artes eusébias*”. (CABRERA, 1998. p XV)

⁶ Informações de páginas dos sites oficiais da cidade de Siena Acesso em Setembro de 2010: <http://palio.comune.siena.it/main.asp?id=3541> e <http://www.comune.siena.it/contenuti/palio/inglese/17contrade/17contrade.html>

O empedrado suscitou também a obra “*Cristalizações*” de Cesário (VERDE, 1887) importante poeta português, que em 1878 descreveu o trabalho dos calceteiros num longo poema sob a ótica do *realismo impressionista* peculiar de sua obra, que retrata como tema importante o binômio campo e cidade e o impacto das transformações por que passavam a sociedade e as paisagens rurais e urbanas no período em Portugal. No poema⁷ Verde relata, poeticamente, a técnica, o material, os instrumentos e a rotina do trabalho dos calceteiros, (Figura 10) que na época já era vista em muitos lugares da cidade de Lisboa:

Assim se desenvolveu em Portugal a calcetaria, termo possivelmente emprestado da palavra *calceta*, também usada para designar a grilheta ou argola, com que se prendia a perna do condenado e, por conseguinte também os presidiários condenados a trabalhos forçados.⁸

⁷ Poema *Cristalizações* de Cesário Verde completo nos Anexos.

⁸ Definição encontrada em dicionários da língua portuguesa, a notar no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. (FERREIRA, 1999)



Figura 10. Lisboa. Calceteiros pavimentando em 1910. Calceteiros assentado calçamento em 1907.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Calceteiros_lisboa.jpg Acesso em Outubro de 2010

O material usado nas primeiras calçadas de Lisboa era proveniente de jazidas de calcário e basalto nos arredores da cidade e ao sul do país. A mão de obra para estes primeiros trabalhos foi a de carcerários do próprio batalhão de armas, os *guilhetas* que trabalhavam em fila, acorrentados, com grilhões, uns aos outros. (CABRERA,1989. p LIII e XV)

Como notam Cabrera e Nunes (1989, p. XXXIX), e também Yáziqi (2000, p. 134), havia uma relação entre geólogos e arqueólogos e o exército ao qual o militar Pinheiro Furtado pertencia, possibilitando o conhecimento, tanto dos materiais de cantaria, quanto dos sítios arqueológicos que apresentavam técnicas musivas deixadas pelos romanos em Portugal. Também o *embrechado* de seixos rolados formando desenhos com tonalidades contrastantes usado em pisos e superfícies parietais na Espanha e em países árabes do norte da África são heranças técnico-culturais fortes muito próximas a Portugal. (CABRERA, 1998, p. XXXIII)

Por sua popularização e sucesso na capital e em outras cidades do país, o empedrado foi apresentado como novidade portuguesa na Exposição Mundial de Paris em 1900, quando o calçamento foi exposto para apreciação de pessoas de toda a Europa e atraiu muita atenção por suas qualidades estéticas. No inaugurar do novo século, cidades de diversos países, principalmente lusófonos, colônias ou ex-colônias portuguesas, também passam por modificações urbanas saneadoras, já que o progresso científico indicava então medidas higienistas visando preservar ambientes e populações urbanas, prevenindo epidemias e combatendo insalubridades. É portanto fácil notar a popularização do empedrado português nesses países, dada sua flexibilidade formal e relativa facilidade de aplicação a diferentes espaços.

José-Augusto França (FRANÇA,1990) coloca o empedrado com importância similar ao azulejo de revestimento, mesmo tendo o empedrado uma função estrutural mais importante nos esforços saneadores urbanos, como alternativa refinada de revestimento de espaços públicos e tendo tomado rumo diverso e ampliado como manifestação e técnica no mundo até nossos dias.

“Verdade é que, espalhando-se pelo país inteiro, sobretudo em regiões de basalto e calcário, a função do empedrado artístico passou do plano do ornamento em que se desejava para o plano da estrutura: tal como aconteceu com o azulejo, o empedrado, espécie de mosaico romano, em que se radica, alargado a áreas de vastidão inexplorada, adquiriu um valor estrutural. Um e outro elemento tem um poder de modulação do espaço urbano que é inteiramente original – e, tal como o azulejo, o empedrado assumiu a sua função inédita a partir de dum propósito de decoração. Na pobreza da arquitetura portuguesa de meados de Oitocentos o azulejo de revestimento e o empedrado de pavimentação, que deverão ser estudados em conjunto, representam um curioso alargamento das suas possibilidades – num empirismo meio inconsciente, meio astuto...” (FRANÇA, 1990, p. 369)

Com a popularização do calçamento que se agenciou nas diversas praças, largos e ruas de Lisboa, logo após o terceiro local a ser pavimentado, o Largo de São Paulo - que recebeu calçamento seguindo o Largo do Batalhão de Caçadores e do Rossio - já foi necessário contar com mão de obra assalariada e não só com os encarcerados. A partir desse tempo formaram-se em Portugal gerações de calceteiros, que seguiram sofisticando a técnica, produzindo novos desenhos e padrões, reproduzindo no piso ornamentações tradicionais emprestadas das artes têxteis, do artesanato tradicional popular, da iconografia histórica e marinha ligada às navegações ou às atividades econômicas regionais, difundindo valores pictóricos, imagens e desenhos tradicionais e se harmonizando com o ideário romântico dos fins do século XIX:

“Realçamos o papel humanizador e decorativo da calçada-mosaico, que põe o cidadão em permanente contacto com valores artísticos que integram seu cotidiano. Os desenhos têm proveniência que oscilam entre arte popular e arte erudita.” (CABRERA, 1998)

O fato de o empedrado ter sido denominado nos anos posteriores pelas alcunhas de *mosaico português* ou *pedra portuguesa*, já denota um papel de importância diversa e mais abrangente no mundo do que a do azulejo, que teve seu uso restrito a uma época: “A calçada, como elemento de inspiração romântica teve o mérito de se manter além de seu tempo” (CABRERA, 1989 p. XXIII)

No seu advento, os mosaicos de piso foram “elaborados por amadores com perícia, tendo geralmente como base motivos tradicionais” (CABRERA, 1989, p. XLVII) e estes se formaram no exercício do trabalho, muitos tendo adquirido alguma notoriedade e sendo requisitados a exercerem seu ofício em diversas cidades já no limiar do século XX:

“Fanhões foi durante muito tempo o centro de onde saíam os melhores calceteiros que a cidade de Lisboa conheceu. Solicitados pela sua categoria profissional, dispersaram-se por todo o país. Convidados a deslocarem-se ao estrangeiro, muitos foram os que por lá se fixaram, aliciados pelas contrapartidas financeiras, que não eram mais do que o reconhecimento de seu mérito.” (CABRERA, 1989, p.LIX)



Figura 11. Lisboa. Calceteiros nivelando o calçamento, começo do século XX. Eles usam o maço para nivelar pavimento em Lisboa, 1910.

Disponível em <http://calcadaportuguesa.blogspot.com/> Acesso em Outubro de 2010

Com a evolução e sofisticação por que passou a técnica do mosaico de pavimentação em Portugal, os calceteiros adquiriram o costume de assinar suas obras com pequenos desenhos que no conjunto não são notados, mas que tem a função de marcar autoria. Podem ser somente percebidos ao olhar mais atento, sobre os pequenos detalhes da composição e não no conjunto. São estrelas, flores, cruzes, frutas (Figura 12) e muitos outros pequenos símbolos com que cada executor identifica seu trabalho. No livro *Assinaturas*, Ernesto Matos (2006) registra esses pequenos desenhos que denotam que embora a calcetaria produza trabalhos que não tem autoria reconhecida, há em Portugal, por parte dos calceteiros, a busca da excelência profissional e o orgulho do trabalho bem feito.



Figura 12. Portugal. **A, B e C:** Assinaturas de calceteiros. Fotografias de Ernesto Matos in MATOS, 2006

Cabe aqui antecipar que a partir de estudo de caso e registro fotográfico dos mosaicos em Campinas, realizados para esta dissertação, pode-se notar que o costume dos executores de assinar os trabalhos de calcetaria com detalhes personalizados se verificou somente em um dos mais antigos exemplares campineiros que ainda resiste em 2011: Assinaturas em forma de sol podem ser observadas inscritas em círculos em cinco diferentes pontos do mosaico floral da Praça Luis de Camões, obra datada no próprio piso em 1922. (Figura 13)



Figura 13. A e B: Detalhes do piso, assinaturas de calceteiros nos desenhos centrais da Praça Luis de Camões no centro de Campinas, SP. Fotografia da autora

Em 1986 foi criada pela Câmara de Lisboa a escola de calcetaria com a missão de “Realização da formação profissional de calceteiros e de iniciativas que visam a promoção e divulgação da calçada artística portuguesa.” (CABRERA, 1989, P. LIX) A formação de profissionais visa a continuidade do trabalho e da tradição. (Informação sobre formação e qualificação profissional da Câmara do Município de Lisboa: <http://contratospublicos.cm-lisboa.pt/index.php?id=4525> Acesso em maio de 2011.)

Por suas características funcionais e estéticas, a calçada portuguesa ganhou fama e alargou sua utilização, chegando a outros países da Europa, e notadamente logo em seguida a Paris, em 1900; a Manaus, em 1905; ao Rio de Janeiro, em 1906; à Cidade do Cabo, em 1909; a Nápoles, em 1913; e posteriormente a muitas outras. (CABRERA, 1989, p. XI)

3.3. O mosaico português chega ao Brasil

Manaus

A *Belle Époque* amazônica: Materiais e técnicas importadas e a riqueza da borracha nativa.

Nas décadas finais do século XIX e primeiras do XX as capitais brasileiras do sudeste, assim como outras cidades sede de pólos produtores e comerciais de *commodities* receberam recursos provenientes do comércio internacional da extração da borracha e do cultivo e beneficiamento do café. Riquezas que geraram fluxos de mercadorias, de pessoas, de idéias e maneiras. Manaus e Belém inseriram-se nas rotas mercantes internacionais com a abertura dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós e Madeira à navegação internacional, em 1867. Abertura ocorrida por pressões políticas e comerciais internacionais, que demandavam a revogação do ato imperial de 1852 que restringia a navegação a vapor no Rio Amazonas a uma empresa nacional e uma inglesa: “Nas últimas décadas do século XIX, essas conexões intensificam-se, possibilitando a incorporação da Amazônia como parte do crescente mercado internacional.” (DAOU, 2004. P.15).

A circulação dos vapores pelas vias fluviais trouxe novidades:

“A regularidade das idas e vindas de navios de múltiplas bandeiras veio garantir grande parte do abastecimento das duas capitais, favorecendo a implantação de um tipo de gosto e de consumo que valorizava o que vinha de fora e enfatizava todos os sinais que promovessem uma aproximação com as capitais européias, paradigmáticas do progresso e da civilização.” (DAOU, 2004, p. 16)

Essa intensa navegação fluvial que se instalou no norte do país consolidou o fluxo e intercâmbio de mercadorias e cultura com a Europa, Américas e também com o sudeste do Brasil. Os abastados produtores e comerciantes da borracha da Amazônia também mandavam seus filhos estudarem fora do Brasil e recebiam profissionais para trabalhos profissionais e lazer.

“a implantação de um tipo de gosto e consumo que valorizava o que vinha de fora e enfatizava todos os sinais que promovessem uma aproximação com as capitais européias” (DAOU, 2004. p.16)

A população estrangeira que se fixou na região também movimentou a circulação de mercadorias e bens de consumo industrializados e também a borracha exposta na Exposição Universal de Paris, em 1876, foi cada vez mais usada na nascente indústria automobilística e em produtos diversos.

Nesse cenário sedento de urbanidade e requinte se insere a construção do Teatro Amazonas, localizado sobre uma elevação privilegiada no centro de Manaus. A construção se inicia em 1881 com projeto arquitetônico do Gabinete Português de Engenharia e de outros arquitetos de Lisboa. O luxuoso palácio de ópera contou com mão de obra e material importado. Arquitetos, construtores, pedreiros, pintores, escultores, decoradores vieram da Europa e lá trabalharam até sua inauguração, em 1896. Uma enorme cúpula de cerâmica esmaltada francesa nas cores nacionais coroa o edifício. Na área externa o calçamento nas vias de acesso de pedestres e

escadaria foram feitos com “pedra de liós de Lisboa”, o mármore português. Também um piso de espessas mantas de borracha recobria o acesso das carruagens e carros para que estes não causassem ruídos que pudessem perturbar os convidados e as apresentações artísticas. Estruturas metálicas da Inglaterra, guarnições e peças de bronze da Bélgica, cristais de Murano, da Itália, assim como outros materiais de construção importados foram usados na construção. Do Brasil somente as madeiras de lei para pisos, guarnições e móveis; mas as peças de madeira bruta eram enviados para serem trabalhadas em outros lugares e voltavam posteriormente à Manaus para comporem a obra. As pinturas parietais dos salões feitas por mestres europeus, ao mesmo tempo em que representavam a fauna e flora amazônica, as colocavam formalmente com enfoque civilizado, do olhar europeu, emolduradas por vinhetas ao estilo Art nouveau, como nota Ana Maria Daou (2007, p. 62) sobre a decoração interna do teatro Amazonas.

No largo de São Sebastião, que fica entre a antiga igreja de mesmo nome e o Teatro Amazonas foi assentado, pela primeira vez no Brasil, antes de 1905, o calçamento de mosaico português, com o motivo do *mar largo*, o mesmo do Rossio de Lisboa. Calceteiros portugueses, bem como todo o material do piso, o calcário preto e branco, os moldes e as ferramentas necessárias vieram de Portugal. (YAZIGI, 1996, p. 110) O desenho do *mar largo* logo ganhou da população de Manaus outra interpretação: as ondas claras e escuras ilustrariam o encontro do Rio Negro com o Rio Solimões. O piso de ondas em Manaus envolve um grande monumento com base de mármore e figuras de bronze que celebra a abertura dos portos do Amazonas para o comércio mundial. Uma estreita bordadura que cerca a base do monumento tem desenhos circulares, como uma corrente estilizada em pedras brancas e avermelhadas, delimitada por faixa preta. A não ser por essa bordadura, toda a área do grande largo é calçada somente com o motivo das ondas e limitado em todo seu perímetro por árvores frondosas. A partir desse largo, e seu projeto paisagístico com que se pretendia realçar o Teatro Amazonas, o calçamento em mosaico português fica conhecido em outros locais do Brasil. (Figura 14 e 15)



Figura 14. Manaus, AM, Largo São Sebastião



Figura 15. Manaus, AM Teatro Amazonas. Biblioteca Virtual do Amazonas. Disponível em: <http://www.bv.am.gov.br/> Acesso em Setembro de 2010

Teatro Amazonas e Largo de São Sebastião

Rio de Janeiro

Na época do “bota abaixo”.

Como informa Azevedo (2003), desde o final do século XIX, o Rio de Janeiro também já passava por transformações urbanas importantes seguindo preceitos higienistas: Setorizando atividades, segregando usos e populações, demolindo velhos edifícios e cortiços, alargando ruas, construindo edifícios públicos, saneando áreas,

reformulando o sistema viário, fazendo intervenções na topografia e viabilizando o acesso ao porto. Juntamente com Oswaldo Cruz, que implementou ações polêmicas visando saneamento e a saúde pública, Lauro Müller e Francisco Bicalho, o prefeito Pereira Passos, na gestão de 1903 a 1906, executou uma verdadeira mudança na paisagem urbana com o intuito de transformar a capital da república segundo o ideário da elite afinada com países europeus. O projeto já elaborado pela Comissão de Melhoramento da Cidade do Rio de Janeiro em 1875, da qual fez parte, foi posto em prática e ampliado em sua gestão. Entre as obras do período estão a Praça XV, o Largo da Carioca, o Teatro Municipal e o Palácio Monroe, pavilhões de exposição. Incentivado pelo Presidente Rodrigues Alves, haveriam de transformar a “cidade da morte”, onde grassavam sucessivas epidemias, na “cidade maravilhosa”, de projeção internacional. Alinhado de “Bota-abaixo” pelas drásticas demolições que se seguiram, Passos trouxe de Portugal um grupo de 22 calceteiros e uma grande quantidade de pedras portuguesas (calcário branco e basalto negro) para fazer as calçadas da nova Avenida Central em 1905, posteriormente denominada Avenida Rio Branco em 1912. (YAZIGI, 1996, p.110)

Além de apresentar toda uma infra-estrutura técnica das mais desenvolvidas para os padrões brasileiros da época, com cabos de luz, fios de telefone e tubos de gás subterrâneos, além de tecnologias modernas de calçamento viário, a Avenida Central apresentou toda uma significação do progresso material como propiciador da civilização, como era típico entre as elites republicanas. Primeiramente, por ser uma perspectiva que se iniciava como derivação do porto. A Avenida Central originava-se junto a este, que era a representação máxima do progresso material brasileiro. (AZEVEDO, 2003, p.48)



Figura 16. Rio de Janeiro, RJ. Teatro Municipal e Avenida Central. Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ

A avenida de 1.800m de comprimento e 33 m largura aos moldes dos *boulevards* parisienses, além de arborização e iluminação recebeu calçamento em mosaico português com primorosos desenhos floreados emoldurados por frisos geométricos (Figura 16, 20 e 21 B) Logo outros locais da cidade também foram pavimentados, notadamente as recém abertas avenidas Atlântica e Beira Mar, que receberam calçamento com o padrão do *mar largo* (Figura 17, 18, 21 A e 22) e nota-se que inicialmente o calçamento de ambas tinham as ondas colocadas perpendicularmente à orla:



Figura 17. Rio de Janeiro, RJ Praia do Leme. Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ, anos 20



Figura 18. Rio de Janeiro, RJ Porto do Rio de Janeiro. Acervo do Instituto Moreira Salles, RJ

A partir de fotos de época do Rio de Janeiro comparadas às dos logradouros portugueses, nota-se que além das pedras e ferramentas, os calceteiros portugueses trouxeram também as formas dos desenhos e com elas todo um ideário pictórico e formal que se reverberou na paisagem brasileira em muitos locais. Evidente nas imagens está o desenho da lira, o mesmo usado na Rua Augusta, logradouro de Lisboa com função de ligação do centro ao porto, semelhante à da Avenida Central do Rio de Janeiro. (Figura 19 e 20)



Figura 19. Portugal, Lisboa **A:** Rua Augusta. Fotografia de Ernesto Matos in MATOS, 2004 e **B:** Rua Augusta in CABRERA, 1998



Figura 20. Rio de Janeiro, RJ Avenida Central, atual Avenida Rio Branco Fotogramas do filme “Rio the Magnificent” Traveltalks de James A. Fitzpatrick, para Metro-Goldwyn-Mayer, 1932. <http://www.youtube.com/watch?v=a7Q1kITY168> Acesso em Outubro de 2010

Observando-se fotos antigas e filmes de época, nota-se que os esforços de Pereira Passos, em compor um cenário urbano nas novas avenidas da capital com características similares aos dos mais conhecidos logradouros europeus, surtiu efeito. As avenidas cariocas, além de conter edifícios ecléticos formalmente elaborados também tiveram projeto paisagístico harmonicamente desenhado e bem acabado, O piso em mosaico feito por calceteiros portugueses tem papel importante na composição daquela paisagem requintada.



Figura 21. Rio de Janeiro, RJ. **A e B:** Cenas da Avenida Rio de Janeiro RJ Fotogramas do filme “Rio the Magnificent” Traveltalks de James A. Fitzpatrick, para Metro-Goldwyn-Mayer, 1932. <http://www.youtube.com/watch?v=a7Q1kITY168> Acesso em Outubro de 2010

Azevedo (2003) também informa que Pereira Passos tinha como exemplo um modo vida urbana que necessitava de ambiente civilizado e, no seu esforço de proporcionar as mesmas condições ao Rio de Janeiro, não ouve a consideração do fator cultural da população, nem a visão do efeito que a segregação espacial das classes desfavorecidas causaria na ocupação da paisagem carioca:

A intenção de Pereira Passos era tornar o centro da cidade um lugar para o convívio “civilizado”, um espaço que convidaria os habitantes dos mais diversos locais do Rio de Janeiro a freqüentá-lo, uma vez que seria lugar de aprendizado da ética urbana, da civilização que deveria tomar toda a cidade. (AZEVEDO, 2003, p. 64)

Depois de uma forte ressaca que danificou o calçamento da orla na década de 1930, as calçadas com o desenho da onda que eram perpendiculares á praia (Figura 17) foram refeitas com o mesmo desenho, mas com as ondas paralelas, como se dessem continuidade às do mar. Estas se tornariam um dos símbolos da cidade. (Figura 22) Com a alcunha de *Copacabana* as calçadas cariocas são conhecidas em todo o mundo.



Figura 22. Rio de Janeiro RJ Calçadão da Avenida Atlântica, em 1932, disponível em <http://mosaicodobrasil.tripod.com/id4.html> Acesso em Outubro 2010

Em 1970 ocorre a execução de extenso e importante projeto para a orla da cidade, do paisagista Roberto Burle Marx, que favorece o calçamento desses espaços públicos com a tradicional pedra-portuguesa, por suas possibilidades estéticas e qualidades físicas. “O revestimento, em mosaico com pedras brancas, pretas e avermelhadas, é uma velha técnica adequada á dilatação.” (MOTTA, 1984, p.26) e também mantém e incorpora o icônico padrão das ondas no desenho de novas placas e no alargamento das calçadas. (Figura 23)

“No traçado de Roberto Burle Marx se nota a preocupação de obter facilidade de acesso e de manutenção, além da criação de áreas de repouso, sombreadas e providas de bancos. Usou desenhos em mosaico com formas imprevistas (preto, branco, marrom), estabelecendo um jogo constante entre piso e o agrupamento das arvores que melhor vivem à beira mar. Manteve, porém na calçada junto á areia, o antigo desenho, com traçados semelhantes às ondas, num percurso parabólico.” (MOTTA, 1984, p.137)

Ao utilizar o material e a técnica tradicional do mosaico português em suas obras, na década de 1970, o eminente artista e paisagista brasileiro Roberto Burle Marx chamou a atenção de arquitetos e artistas para o grande valor da calcetaria em aspectos não só referentes às características plásticas importantes para a composição visual de projetos paisagísticos, bem como para os aspectos físicos que o material e sua utilização trazem em termos de durabilidade e adaptabilidade a condições diversas, tanto como referência histórica, remetendo às nossas tradições de desenho urbano.

“O emprego de pisos em mosaico ou painéis em azulejos são dois elementos de tradição portuguesa, reconhecidamente absorvidos pela moderna arquitetura brasileira. O mosaico – também chamado empedrado, oi mosaico português divido à repercussão que teve o trabalho realizado no Castelo de São Jorge, em Lisboa no século passado – mostrou-se apropriado à constante dilatação do material,

nos climas quentes, e à possibilidade de despertar novos interesses para as áreas de passeio.” (MOTTA,1983, p.75).



Figura 23. Rio de Janeiro, RJ. **A:** Calçada da Avenida Atlântica, Copacabana, disponível em, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CopacabanaPavement.jpg> Acesso em Outubro de 2010 e **B:** Rio de Janeiro RJ Calçada da Avenida Atlântica, R. B, padrão *onda copacabana* inserido em desenhos geométricos. Marx, disponível em <http://mosaicodobrasil.tripod.com/id4.html> Acesso em Outubro 2010

No final do século XX as intervenções urbanísticas do projeto Rio-Cidade, da Prefeitura do Rio de Janeiro, acabaram por determinar a substituição dos mais antigos calçamentos de mosaico português da Avenida Rio Branco, Avenida Nossa Senhora de Copacabana e de outros pontos centrais por superfícies cimentadas, em lugar de fazer a manutenção do tradicional calçamento já incorporado ao patrimônio paisagístico da cidade.

São Paulo

O desenvolvimento urbano propiciado pelo café.

São Paulo da virada do século XIX para o XX se beneficiava da riqueza mantida pela produção e comércio cafeeiro e atraía os enriquecidos produtores, comerciantes, investidores em indústria e urbanização para a capital. Assim surgiram novos bairros para os Barões do café: as áreas tradicionais dos casarões, nos Campos Elíseos, Higienópolis, Vila Buarque e Avenida Paulista. E a arquitetura eclética traduziu na cidade os anseios do modo de vida europeizada com que a elite almejava deixar para trás a vida reclusa das fazendas do período colonial. A habitação se abria para a cidade, que também deve ser aprazível.

“Os corredores laterais são ajardinados, sobre ele correm pisos pavimentados em mosaicos, seixos e granitos, emoldurados por canteiros plantados cuidadosamente (MACEDO, 1999, p.37)

Na “rua o pedestre tem seu espaço separado do veículo, a calçada, que deve ser arborizada e iluminada.” “O curso, o lento andar a pé ou de carro, é um fato comum no mais elegante boulevard residencial de São Paulo, a avenida Higienópolis, pela qual passam nos fins de semana, as famílias residentes nela ou nas suas vizinhanças, encontrando amigos ou deslocando-se até o mirante final da avenida, de onde podem contemplar os morros do Jaraguá e da Cantareira ao longe. “O andar, o passear, torna-se um hábito urbano.” (MACEDO, 1999, p. 45)

Ao se observar o “Álbum Iconográfico da Avenida Paulista” de Benedito Lima de Toledo (TOLEDO, 1987) com plantas e fotografias daquela avenida exemplo de expansão urbana da capital que reunia exemplares notáveis da arquitetura eclética de fins do século XIX até o primeiro quartel do XX, não se encontra indícios calçadas em mosaico português nem mesmo nas áreas externas dos palacetes. Nota-se o uso de lajotas de cimento prensado canelado na avenida ou ladrilhos hidráulicos decorados nos jardins. No mesmo período Campinas já exibia o mosaico nas calçadas das ruas na região central e em muitas praças.

Em São Paulo nos anos 60 e 70 já se podia encontrar nas ruas do centro da capital paulista o mosaico português com desenho do mapa do estado estilizado (Figura 24), desenho que mais tarde apareceu como ladrilho de cimento bicolor, que teve larga utilização.



Figura 24. São Paulo, SP **A:** Mapa em mosaico português. Fotografia Regina Lepage e **B:** Avenida Amaral Gurgel, São Paulo. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=GJ5ACe-2yv4&feature=related>. Acesso 2010

A Avenida Paulista, logradouro tradicional da capital passou por grande transformação posteriormente com reestruturação de toda a infraestrutura, estrutura viária, projeto de comunicação e programação visual, e no paisagismo as calçadas com paginação de mosaicos de pedra portuguesa: o Projeto Paisagístico da Avenida Paulista (1973-74) de Rosa Kliass (ZEIN, 2006) utilizou esse tipo tradicional de calçamento que posteriormente foi retirado pelo Programa “Passeio Livre” da Prefeitura de São Paulo em 2007. Fato que suscitou protesto como se nota no texto do parecer da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, ABAP. (no anexo). Projeto do Vale do Anhangabaú (1981-1990) também de autoria da paisagista tem desenhos retilíneos em mosaico português no piso. Também o Museu do Paulista no Ipiranga tem uma placa em três cores nas áreas internas ao jardim. A calçada frontal e área de estar ao ar livre da Pinacoteca do Estado na região do Parque da Luz em São Paulo tem piso bicolor axadrezado e o padrão de ondas. No projeto da Praça do Patriarca em São Paulo de 1992 – 2002, Paulo Mendes da Rocha restaura o mosaico português com desenho de uma grande folha de acanto e volutas da placa da praça e o integra ao pórtico metálico.

A utilização do mosaico português nessas obras remete às tradições luso brasileiras e também à linguagem da arquitetura moderna.

4. O MOSAICO PORTUGUÊS NA CIDADE DE CAMPINAS

4.1. Saneamento e embelezamento: Prerrogativas para o renascimento da cidade

Elite cafeeira, ideais republicanos, consumo de bens importados e cultura européia, maçonaria, empreendedorismo, urbanização, saneamento, embelezamento: tudo contribuiu para que Campinas tivesse seu florescimento e consolidação urbana. Retomando seu crescimento após os sucessivos surtos de febre amarela que reduziram a população, por morte ou êxodo, entre os anos de 1889 e 1897. (BAENINGER, 1996, p.32). O esforço de fazer a cidade renascer, marcado até hoje na imagem da fênix de sua bandeira, e toda a opulência transformadora do fim do século XIX e começo do XX se evidenciaram nos seus edifícios públicos, institucionais e privados: surgiu o ecletismo na arquitetura e a intenção de um desenho urbano e zoneamento em consonância com o novo tempo. A cidade foi saneada por meio de diversas obras públicas que visaram elevá-la a um nível de civilidade comparado ao europeu. As transformações das feições de Campinas, chamada de *capital agrícola do estado* ou *capital intelectual de São Paulo*, nesse período, no que diz respeito às diretrizes de ocupação do espaço urbano, de embelezamento e saneamento, à estética vigente e aos indícios da modernidade urbanística almejada pelo poder municipal e seus habitantes, se refletiram nos seus espaços públicos:

”O sentimento bairrista, profundamente ofendido com a destruição e a estagnação conseqüentes da epidemia, associado às questões concretas que então se colocavam, traduziu-se no empenho das autoridades municipais em fazer de Campinas a cidade mais limpa e salubre do país.” (BADARÓ, 1996, p.37)

Agora a cidade via os palacetes ecléticos dos grandes empresários que além da produção e comércio do café, diversificavam seus negócios para áreas industriais, comerciais e de construção civil. Esses palacetes já contavam com jardins e se afastavam do perímetro dos lotes para ganhar perspectiva e destaque. Tinham aspectos formais e construtivos europeus pois do velho continente descendiam em técnica e estética, como nota Roberto Burle Marx⁹:

“De 1890 a 1920 assistimos a ascensão e queda da produção da borracha na Amazônia, bem como ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária que acarretam uma forte corrente de importação de materiais e de trabalhadores europeus. Vemos então surgir uma elite e uma burguesia ávidas de comportamentos ”civilizados”, copiados de seus modelos europeus mais do que oriundos da produção artística autóctone. É o momento em que nas principais cidades do Brasil, ergue-se um número considerável de construções graças a artesãos europeus recém fixados no país (portugueses, italianos, alemães e outros). Trazem consigo as técnicas e os materiais característicos da modernidade européia e do estilo *Art Nouveau*, que, no Brasil, recebe o nome de ”estilo floral” para sublinhar seu motivo estético dominante.

Cabe sem dúvida, estabelecermos uma correspondência entre esse estilo floral e a *belle époque* do romantismo decadente europeu.” (LEEHRDT, org. 2006, p.66)

Para dar forma às aspirações de civilidade da elite se estabelece o ecletismo do período cafeeiro. Os edifícios residenciais ecléticos do período situavam-se nos lotes de modo diverso dos precedentes coloniais, e mesmo que tenham uma face junto á rua, tem na farta dimensão do lote maior possibilidade de variação de localização. No costume de ornamentar as moradias abastadas com jardins de desenho francês,

⁹ Roberto Burle Marx em entrevista a Jacques Leenhardt, sobre *Paisagem, Botânica e Ecologia*. (LEENHARDT, 2006)

transparecia a tentativa de reproduzir uma natureza ordenada e não tropical, com canteiros ornamentais, pomares, gazebos e caramanchões, esculturas, estufas de plantas, lagos com cisnes e mais ao fundo nos quintais, canis e galinheiro junto à edícula. Espécies vegetais européias eram aclimatadas para compor os idílicos jardins, que tinham em São Paulo até mesmo o paisagista Auguste Glaziou como idealizador. (HOMEM, 1996, p. 99) No começo do século XX cerca de dois mil plátanos foram plantados nas ruas de Campinas, além do Ligustro chinês e outras espécies exóticas, reforçando a imagem de cidade europeizada e civilizada (LIMA, 2000, p. 108)

“Na rua o pedestre tem seu espaço separado do veículo, a calçada, que deve ser arborizada e iluminada.” (MACEDO, 1999 p.45)

Na década de 1890 as ruas e calçadas do centro e de muitos bairros foram pavimentadas, as mais transitadas com paralelepípedos e a pavimentação tipo *Mac-adam*, revestimento de espessa camada de brita comprimida foi usada para que o trânsito de carroças e o passeio a pé pela cidade fossem feitos de maneira mais confortável ante as necessidades de transporte e mobilidade da cidade que se expandia e fossem condizentes com a tipologia refinada e importância pretendida com os edifícios do período. (LAPA, 1996, p.34) Assim, a experiência urbana campineira foi palco de intensa atividade profissional e empresarial com inovações de toda ordem trazidas do exterior por seus moradores. Arquitetos atuantes na cidade, como Ramos de Azevedo e George Krug, tinham feito seus estudos nas academias européias e, além de terem acesso aos catálogos de tipologia arquitetônica europeus, contavam com construtores e artífices imigrantes provindos, mormente, da Alemanha e Itália, que aqui chegavam com sua técnica e esmero nos detalhes e ornamentação. Esses profissionais, em conjunto, difundiram as novas maneiras de morar que se traduziam nos novos programas residenciais mais elaborados, no uso do tijolo, do metal e do vidro, na nova disposição dos edifícios nos lotes. Assim as residências abastadas se transformaram e também a cidade. (MONTEIRO, 2009)

A implantação da rede de esgotos em Campinas data do período entre 1880 e 1890, embora a necessidade de higienização da cidade já fosse percebida na década anterior. E também que o código de posturas de 1880, que definiu ordenou a produção de espaços e setorizou funções urbanas, implantou a obrigatoriedade do calçamento das testadas dos lotes particulares impermeabilizando o solo e propiciando o escoamento das águas principalmente nas áreas mais urbanizadas da cidade. Essa medida descrita no artigo 1º, “Edificação e Aformoseamento” indicava o calçamento para que o acesso a largos, praças e passeios se fizesse de maneira mais propícios à circulação de pessoas, assim como as ruas já estavam sendo pavimentadas para uso veicular. A partir dessa medida a cidade foi calçada por completo até 1910. (MONTEIRO, 2009, p.150 - 151)

Praças, jardins e bosque foram projetados para o lazer saudável da população burguesa. Por iniciativa particular já em 1884 foi criado em pelo Sr. Francisco Bueno de Miranda o Bosque dos Jequitibás, grande parte da vegetação nativa existente foi mantida, bem como a lagoa, este foi adquirido pelo poder público municipal em 1915. Também um jardim, posteriormente denominado Jardim Carlos Gomes, foi criado no lugar de um antigo espaço residual não edificado. (LIMA, 2000, p.124): em 1882, foi inaugurado com chafariz e logo recebeu plantio de palmeiras imperiais.(Figura 25) As palmeiras imperiais faziam parte de um repertório estético da época do império, estavam presentes em muitas cidades brasileiras ao longo de avenidas ou ladeando praças. Como emblema paisagístico que denotava nobreza e proximidade com os valores culturais da corte, e transcendendo aqueles tempos, o uso da vegetação chegou ao período republicano como nota Roseli D’elboux (2006) em estudo sobre a palmeira imperial na paisagem das cidades do ciclo cafeeiro.



Figura 25. Campinas, SP, Jardim Carlos Gomes em 1922 in Álbum de Campinas - Commemorativo do centenário da Independência Do Brasil -)

O Engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo, e seus associados foram responsáveis por uma grande parte das obras importantes da cidade nesse período de crescimento e esplendor: Entre escolas tradicionais, capelas e igrejas, hospital, mercado, cadeia, paço municipal, residências particulares, plano de posturas urbanas e também o matadouro municipal foram projetados por seu escritório. (MONTEIRO, 2009) O novo século trouxe o desenvolvimento da indústria no rastro das ferrovias que escoavam a produção agrícola, da necessidade de maquinário e implementos agrícolas e de boas condições de infraestrutura, disponibilidade de energia elétrica, e excelentes condições de vida urbana, além de mão de obra e incentivos municipais com nota Badaró. (BADARÓ, 1996, p.34) Assim como discorre Macedo, as qualidades ambientais das cidades brasileiras já se diferenciavam muito da paisagem urbana colonial:

“O Século XX apresenta as posturas do Eclétismo devidamente consolidadas no Brasil, sendo comum a arborização, as construções de calçadas largas, de mirantes e belvederes, além da criação de praças ajardinadas e parques.” (MACEDO, 1999, p. 40)

Em fins da primeira década do século XX o Prefeito Orozimbo Maia contrata o calçamento do Largo José Bonifácio, o largo da catedral, a Matriz Nova (Figura 26):

“No primeiro ano de sua administração (1908) solicitará ao Engenheiro Fernando Villares Barbosa a reforma do largo da catedral prolongando a rua Conceição até a entrada da matriz cortando o largo ao meio, transformando-o em largas calçadas laterais com 70m de comprimento e 8m de largura com duas fileiras de plátanos de cada lado resultando em grande alameda de acesso ao templo, chegando até suas escadarias.

O piso das calçadas foi executado em mosaico português em três cores por uma equipe de calceteiros que haviam trabalhado na Avenida Central do Rio de Janeiro (Avenida Rio Branco).

A contratação dos mesmos profissionais que haviam trabalhado no Rio de Janeiro aponta para uma assimilação de modelos e para a circulação de novas idéias a marcar todo um processo de reestruturação urbana na cidade de Campinas não apenas em relação ao Rio de Janeiro, mas também a São Paulo e às principais cidades estrangeiras.” (LIMA, 2000, p.112)



Figura 26. Campinas, SP Largo da Matriz nova em 1929, Acervo CMU. Arquivo Centro de Memória da UNICAMP

Após pouco mais de um ano da reforma do Largo da matriz, também o Largo do Rosário foi reformado e pavimentado com mosaico português contemplando este importante espaço urbano com melhoria estética e visual a fim de assinalar a pujança de uma cidade que já ultrapassara as feições coloniais e os episódios nefastos das epidemias de febre amarela que já haviam reduzido consideravelmente a população por morte ou êxodo. (MONTEIRO, 2001. p.36). Novamente a execução ficou a cargo de calceteiros provenientes do Rio de Janeiro, sem informar a nacionalidade dos artífices. (LIMA, 2000, p.112) A cidade continuou a investir em pavimentação, drenagem de charcos e córregos e as obras saneadoras foram sendo completadas no primeiro quartel do século XX. A rápida transformação ocorrida depois da República e a conseqüente possibilidade de mobilidade social, propiciada, mormente da ascensão econômica da população imigrante de origem européia, tornou necessária a identidade

e distinção das classes emergentes a partir de seus bens, o que se refletiu na arquitetura, nos objetos de uso diário, vestimentas e toda sorte de artigos importados do período.

O consumo da produção de ornatos se disseminou tanto pela elite abastada dos palacetes como pelos empreiteiros que construíam para venda ou aluguel de imóveis nos bairros populares, destinados à população que constituía a classe média em formação. (Figura 27) Essa difusão de ornatos do período eclético que aparecem em fachadas e interiores, se reflete nas calçadas de Campinas dos bairros mais antigos e tradicionais como Centro, Cambuí, dos bairros de classe média Proença, Guanabara, que foram loteados em 1881, até os bairros operários lindeiros às ferrovias: Botafogo, Bonfim, Vila Marieta, Ponte Preta e Vila Industrial, bairro que já se assentara desde as últimas décadas do século anterior na área cuja ocupação foi associada a instalação das Companhias de Estrada de Ferro Paulista (1872) e Mogiana (1874). A Vila Industrial foi primeiro bairro de trabalhadores em Campinas. Nas origens da urbanização lá se instalaram os prédios da imigração (entre as atuais ruas Sales de Oliveira e Pereira Lima) – edifícios que posteriormente seriam utilizados pela companhia Mac Hardy e depois pela Companhia Mogiana; além da construção de vários conjuntos de casas de propriedade da Companhia "Paulista" para os funcionários. (GOULART, 1983, p. 125 e p.126)

É neste profícuo período da história da urbanização de Campinas que as calçadas recebem o calçamento de mosaico português e até a década de 70 do século XX se assentam os pisos dos passeios e praças de grande parte da malha urbana com esse tipo de calçamento. Por meio de exigências legais e às expensas dos munícipes o calçamento é determinado para as calçadas de todas as ruas já asfaltadas e com 1/3 das edificações. Nas áreas consideradas periféricas, os arredores no entorno de bairros já loteados, arruados e ocupados, o pavimento não era exigido.



Figura 27. A e B: Casas geminadas na Vila Industrial, ornamentos na fachada e calçada Campinas, SP.
A: Av. Dr. Salles de Oliveira, e **B:** Rua Cons. Gomide 186. Fotografias da autora

4.2. A ornamentação das calçadas como referência da estética urbana de Campinas

Em Campinas não só logradouros de áreas residenciais da elite foram ornamentados com a pavimentação de mosaico português, mas também bairros mais populares contíguos ao centro da cidade receberam o calçamento decorativo. Pela abrangência espacial das calçadas ornamentadas com mosaico português em diferentes bairros constata-se que até mesmo nos bairros onde moravam trabalhadores assalariados as diretrizes de embelezamento e modernização foram aplicadas nesse período, sendo os proprietários dos imóveis os responsáveis pelos custos da pavimentação do passeio fronteiro ao lote. Esses espaços lindeiros à moradia eram também o lugar do encontro, do convívio de vizinhos e da brincadeira das crianças. Nota-se que os ornatos das fachadas e ambientes internos dos palacetes também eram copiados pelos empreiteiros e desejados pelos moradores, utilizando-se materiais mais baratos, nas moradias menos abastadas (LIMA, 2008, p.25). A ornamentação dava um cunho artístico aos produtos industrializados e às construções, o que era desejável segundo a distinção almejada e ao gosto da época difundido pelas elites. A profusão de vinhetas, bordaduras e molduras decorativas com padrões inspirados principalmente

nos desenhos botânicos, também utilizados no *Art Nouveau*, chegava ao Brasil por meio de catálogos impressos na Europa que eram disputados por artesãos, construtores e industriais, se constituindo na fonte do repertório visual do período. Entendemos assim a presença dos mosaicos de pedra portuguesa que apresentam desenhos sugestivos desse repertório, ornamentando o passeio com molduras contínuas tanto nas praças e passeios das áreas centrais, dos bairros abastados e tradicionais da elite, como também adornando as calçadas exíguas das áreas habitacionais mais populares como Vila Industrial, Santa Cruz, Campos Elíseos, Ponte Preta e Bonfim. (Figura 28 e 29)



Figura 28. A, B e C: Calçadas da Vila Industrial Campinas, SP **A:** Rua Antonio Bento, Vila Industrial. **B:** Rua Dr. Carlos de Campos, Vila Industrial. **C:** Rua Sete de Setembro, Vila Industrial. Fotografias da autora



Figura 29. A paisagem dos bairros campineiros: Campinas, SP **A:** Rua Mestre Tito, Vila Industrial. **B:** Rua Teodoro Langard, Bonfim. **C:** Rua Oito de Maio, Vila Itapura. 2009 e 2010. Fotografias da autora

“Até princípios da década de 30, inúmeros bairros foram arruados entre os quais destacamos o Jardim Guanabara, projetado pela San Paulo Land Limited and Company, Jardim Chapadão, o São Bernardo, Parque Industrial, Vila Maria, Vila Marieta, Chácaras Laranjeiras, etc.” (BADARÓ, 1996, p.36)

Contemplando o quadro da urbanização de Campinas e seu papel da cidade na economia e política nacionais, do advento da República até a consolidação da industrialização em meados do século XX, é notável a determinação dos seus dirigentes em fazê-la moderna e “adiantada”, que além do acesso aos novos equipamentos e tecnologia, tal empenho também se revelou nos espaços públicos, tendo como padrão os requintes paisagísticos importados. Assim a utilização dos adornos elaborados ao gosto europeu, além de ornamentarem edifícios, também os equipamentos e locais públicos eram contemplados sendo aplicados em bebedouros, chafarizes, postes de iluminação, coretos e em todos os bairros urbanizados nesse período. Essa profusão decorativa encontrou reflexo nos desenhos contínuos das calçadas de mosaico português, que exigidas pelo poder público por meio de decretos e leis que regem posturas urbanas, se prestavam a decorar os espaços públicos.

“Em tempos imemoriais, nossos antepassados foram homens de florestas. Hoje somos homens de edifícios. Apenas isso basta para explicar a atração irresistível que a natureza exerce sobre o morador da metrópole moderna.

O uso de flores na ornamentação interior e exterior das casas tem o mesmo significado que os jardins, os grupos de árvores e os conjuntos de arbustos, no embelezamento de uma cidade “(SITTE, 1992, p.165)

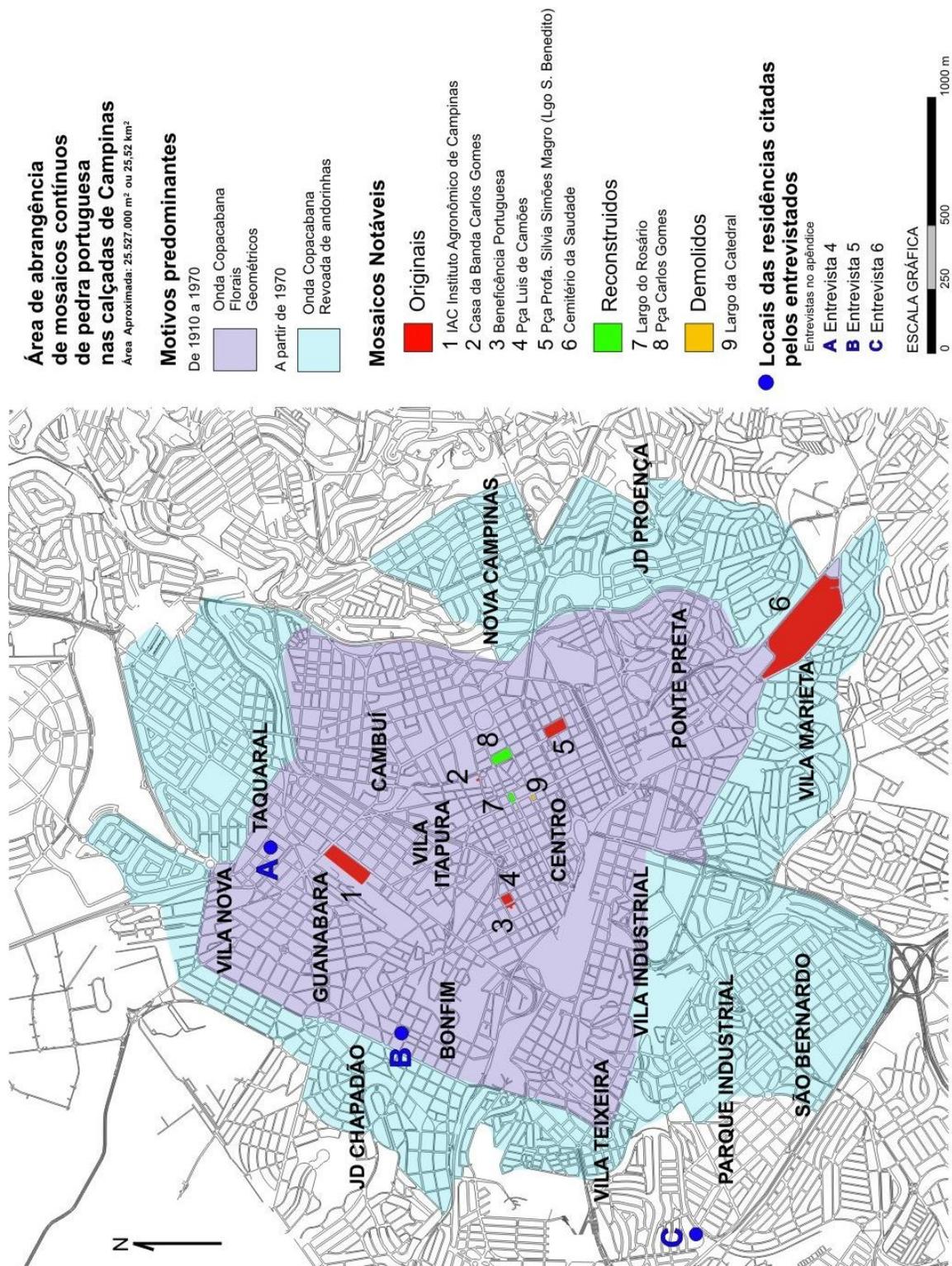


Figura 30. Campinas, SP, Mapa de abrangência das calçadas com mosaicos contínuos em pedra portuguesa

Arquitetura e calçadas: Relacionando o edifício ao entorno

As calçadas de Campinas foram ornamentadas com desenhos que atravessaram o século, como a *onda*, e com outros que foram criados para combinar com a ornamentação nas fachadas e interiores. Assim desenhos florais, geométricos curvilíneos, retilíneos ou compostos eram os ornamentos das calçadas dos edifícios do período eclético. No primeiro quartel do século XX os edifícios públicos, institucionais ou privados tinham formas, materiais e processo construtivo influenciados pelos estilos *Art nouveau*, neoclássico, normando e *Art déco*. Nas décadas seguintes até 1940 a inspiração era dos estilemas neocolonial e missões californiano, e após 1950, o moderno.



Figura 31. **A:** Casarão residencial de esquina no centro velho. **B:** Calçada: motivo geométrico. Campinas, SP, Rua Bernardino de Campos, Centro. Fotografias da autora



Figura 32. A: Imóvel residencial no centro. **B:** Calçada: motivo floral Campinas, SP, Rua Luzitana, Centro. Fotografias da autora



Figura 33. A: Imóvel comercial com estrada lateral no centro velho. **B:** Calçada: motivo curvilíneo Campinas, SP Rua General Osório, Centro. Fotografias da autora



Figura 34. A: Casas geminadas, porão alto, Av. Dr. Salles de Oliveira, Vila Industrial **B:** Calçada: motivo florão duplo composto. Campinas, SP. Fotografias da autora



Figura 35. A: Casa porão alto, sem recuos, Rua Sete de Setembro, Vila Industrial, Campinas, SP.
B: Calçada: motivo geométrico curvilíneo. Fotografias da autora



Figura 36. A: Casas geminadas de porão alto, Bonfim. Anos 20. **B:** Calçada: motivo florão duplo.
Campinas, SP Rua Teodoro Langard, Bonfim. Fotografias da autora

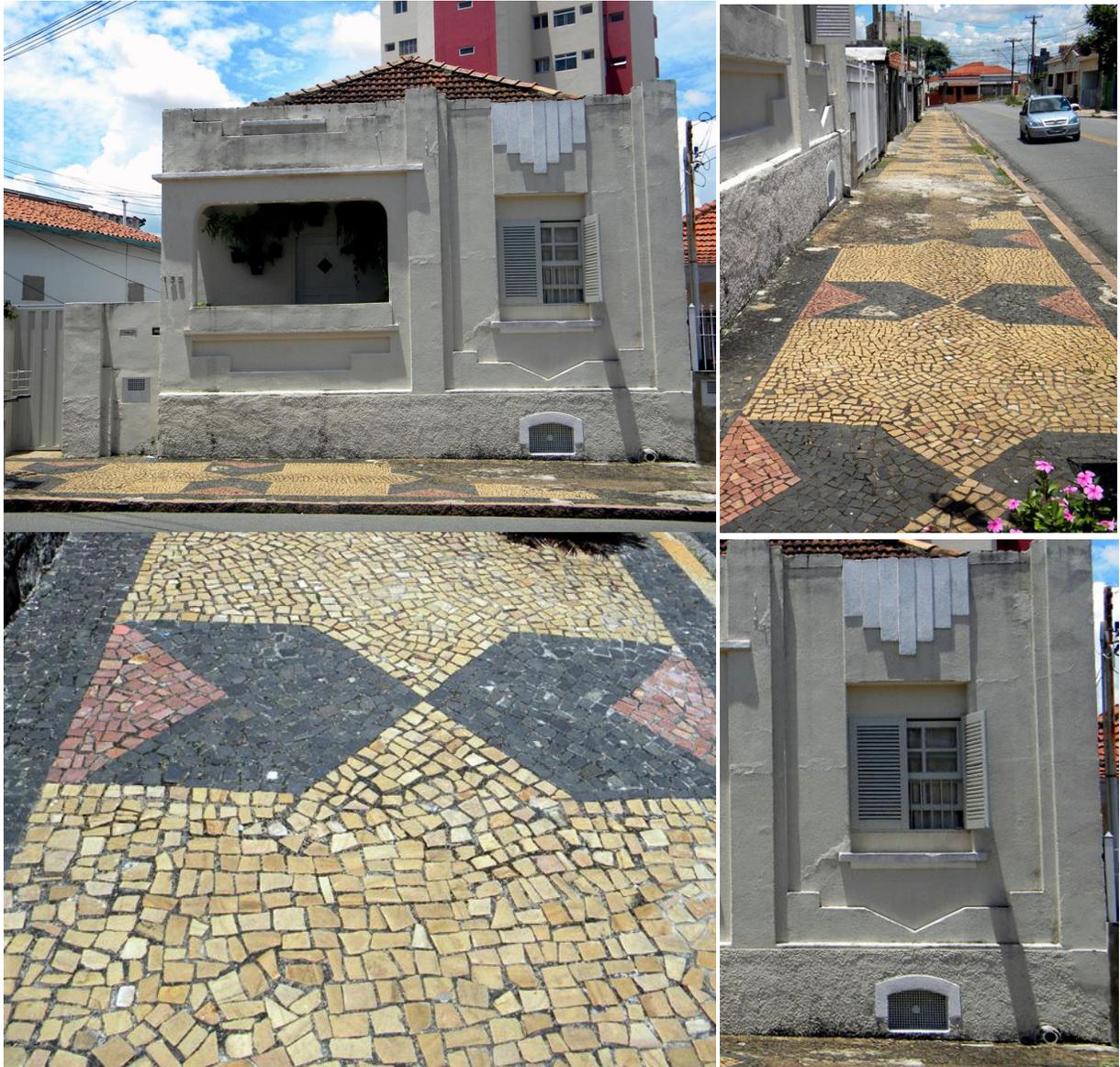


Figura 37. A: Casa com fachada *Art déco*, anos 30. V. Industrial. **B:** Calçada: motivo geométrico tricolor. **C:** detalhe da calçada e **D:** Detalhe da fachada: formas concordantes. Campinas, SP, Rua Dr. Carlos de Campos, Vila Industrial. Fotografias da autora



Figura 38. A: Edifício comercial/hotel *Art déco* ao lado da estação ferroviária no centro velho de Campinas. **B:** Calçada: motivo geométrico. **C e D:** Entrada comercial, detalhe da fachada, serralheria e elementos decorativos de linhas retilíneas. **F:** Piso tricolor em pedras com faces de 2 a 5 cm de lado. Campinas, SP, Rua Onze de Agosto esquina com Rua Treze de Maio, Centro. Fotografias da autora



Figura 39. A: Casa popular, pequeno recuo, sem garagem, no Cambuí. **B:** Calçada com florão duplo. Campinas, SP Rua Santo Antonio, Cambuí. Fotografias da autora



Figura 40: A: Residência *neocolonial* no Cambuí, Projeto Arq. Mario Pentead, 1942. Mosaicos com desenhos exclusivos. **B:** entrada lateral da garagem, **C:** entrada do jardim **D:** na calçada. **E:** no quintal. Campinas, SP Rua Guilherme da Silva, Cambuí. Fotografias da autora



Figura 41: **A:** Residência em estilo *missões californiano* em Campinas, SP, Rua Presciliana Soares esquina com Rua Cel. Quirino, Cambuí. Projeto Arq. Mario Pentead, 1938 (ZAKIA, 2004), **B:** Calçadas têm motivo curvilíneo em três cores. Fotografias da autora



Figura 42. **A:** Residência eclética estilo *Missões*. **B:** calçada com florões geométricos curvilíneos. Rua Vinte e quatro de Maio esquina com Rua Sete de Setembro, Vila Industrial, Campinas, SP. Fotografias da autora



Figura 43. **A:** Casa “moderna” com garagem no corpo do edifício. **B:** Calçada com losangos. Avenida Dr. Carlos de Campos, Vila Industrial, Campinas, SP. Fotografias da autora



Figura 44. A: Residência no centro, com garagem, tem fachada em linhas retas e revestimento em filetes de pedra mineira, comum nos anos 1970. **B:** Calçada com desenho *onda copacabana*. Rua Culto à Ciência, Centro Campinas, SP. Fotografias da autora

4.3. Transformações urbanas no século XX no Brasil e em Campinas

Depois de completado o primeiro quartel do século XX, Campinas passa por um grande crescimento populacional e diversificação de atividades econômicas. Dessa época é a vontade política de reorganizar seu espaço central. Já em 1933 o engenheiro Carlos Stevenson propunha mudanças e soluções para problemas urbanos com o redesenho das vias centrais e zoneamento das atividades e utilizações urbanas (BADARÓ, 1996, p. 42), o que culmina com o plano de Melhoramentos Urbanos de Prestes Maia comissionado em 1934 que pretendia dar nova feição á cidade que guardava resquícios coloniais em suas áreas centrais. A partir desse plano, que traduz em novos traçados viários, alargamentos de ruas e zoneamento as necessidades de expansão e readequação de uso e a circulação no espaço central, a cidade já ocupa sucessivamente áreas contíguas ao centro original com habitação, serviços, distribuição e produção de bens de consumo expandindo sua área urbanizada. Alargamento e retificação de ruas centrais mudaram as feições do centro da cidade, provocaram demolições de edifícios tradicionais, como a Igreja do Rosário e casarões da época imperial, atestam as transformações que ocorreram desde o início dos anos 50.

Mudanças em alguns logradouros de Campinas ilustram que a evolução da urbanização também se traduziu esteticamente em tipologias que se sucederam ao longo do primeiro quarto do século. Como exemplo a Rua Benjamin Constant importante via do centro, que foi alargada e retificada, perdendo a alcunha de Rua do Caracol. Na fotografia (Figura) anterior ao alargamento esta ainda apresentava calçamento com motivo geométrico em duas cores de pedra portuguesa. Na figura 31 pode-se atualmente observar antigo piso semelhante nas imediações.



Figura 45. Campinas, SP Beco do Caracol, Atual Av. Benjamim Constant. Acervo CMU UNICAMP foto de 1947

Desde o advento das primeiras três linhas bondes elétricos da Companhia Campineira de Tração Luz e Força já em 1912, a população ganhara maior mobilidade por transporte coletivo, que juntamente com o deslocamento a pé e veículos a tração animal, se constituía no meio de circulação na cidade no período anterior ao advento da indústria automobilística nacional, que começou a ser implantada no fim dos anos 40. Mais tarde, com a criação do Grupo Executivo da Indústria Automobilística, por Juscelino Kubitschek em 1957, o automóvel passa a ser o bem de consumo mais desejado pela classe média brasileira e ao mesmo tempo vai se perdendo o hábito familiar do passeio a pé. Linhas de ônibus urbanos são implantadas nos anos 50¹⁰. As distancias aumentaram entre serviços, instituições, equipamentos públicos de uso

¹⁰ Fatos corroborados pela entrevista 4 no Apêndice.

cotidiano e novas áreas residenciais em loteamentos periféricos e não mais é possível suprir necessidades diárias a partir do deslocamento a pé. Mesmo assim na década seguinte até os anos 70, as calçadas de mosaicos contínuos ainda se espalham pelos bairros residenciais lindeiros ao centro, demonstrando a preferência de utilização do calçamento tradicional pelo poder público. Os deslocamentos eram feitos a pé ou por transporte coletivo na maioria dos bairros de Campinas¹¹. Mas a preocupação e o cuidado com o espaço da calçada foram sendo relegados em favor da mobilidade automotiva e das condições do leito carroçável das ruas a partir do crescente acesso à automobilização pela população urbana de classe média em Campinas e no Brasil¹². O hábito de deslocamento e passeio a pé pelo bairro e vizinhança foi se perdendo, concomitante com a violência urbana cada vez mais corriqueira, sendo causa do esvaziamento das ruas e da não utilização da calçada como espaço de estar da vizinhança, como postula Jane Jacobs (1961, p. 34 a 36). Não se pode deixar de notar que a violência urbana, é resultado principalmente das condições econômicas e sociais adversas que alijam grande parte da população dos bens materiais e do espaço urbanizado produzidos pelo mercado. Mas é justamente o uso das calçadas pelo morador, como lugar de trânsito local, de encontro e do cultivo de relações de vizinhança que propicia segurança e sentimento de bem estar mais do que qualquer tipo de policiamento. A partir do final da década de 70 do século XX o espaço da rua e calçadas não mais começam a ser vistos como espaço de encontro, convívio da vizinhança, de brincadeiras de crianças e do passeio, mas somente como espaço de deslocamento eventual e não desejável. Surge então a tendência de enclausuramento e a noção de que a rua reserva perigos além dos já proporcionados pelo crescente aumento da velocidade veicular nas vias.

A percepção de que a unidade habitacional pertence ao seu entorno e ao bairro, com estes mantendo relação estreita de uso e modo de vida, foi se modificando e essa crescente falta de ligação com a vizinhança se reflete na falta de cuidado com o espaço público imediatamente contíguo ao privado. Como postula Sennett sobre a

¹¹ Entrevistas 4, 5 e 6 no Apêndice.

¹² Fato descrito na entrevista 4 no Apêndice.

contraposição entre o individual e o social, que setoriza espaços e usos, atomiza o espaço da cidade no século XX, interfere no equilíbrio comportamental entre público e privado e gera um retraimento em relação ao mundo exterior: “Esta nova geografia é a do comunal versus urbano; o território dos cálidos sentimentos e o território da indiferença impessoal.” (SENNETT, 1998, p.366). A calçada deixou de ser usada como elemento apropriado para a circulação e ligação entre a casa ou instituição e o bairro e cidade, e ela se tornou somente um espaço intermediário quase sem uso diário frente ao mais importante que é a via de circulação automotiva. E as vias, que daqueles tempos até hoje vem sendo alvo de crescentes adaptações, recebendo equipamentos diversos (sinalização, semáforos) e aprimoramento. Tal modificação nos usos se observa pela perda do costume do encontro social de famílias e vizinhos para conversas no fim da tarde com a colocação de cadeiras nas calçadas, que cumpriam também função de estar eventual. Essa falta de importância da calçada no viver urbano também se nota na falta de manutenção e descuido com as calçadas e o estado deplorável em que se encontram hoje.

O reduzido uso da calçada pelo pedestre causa o descuido, a falta de manutenção onerosa, conseqüentemente a deterioração e degradação desse espaço (Figura 46) dificultando ainda mais o acesso pelo pedestre, o que foi constatado em pesquisa na cidade de São Paulo. (YAZIGI, 2000, p. 475) A mudança de hábitos que transforma o uso da calçada pode ser explicada pelo crescimento da cidade e da população, que numa escala maior não estabelece facilmente relações pessoais na vizinhança. Assim o bairro e os locais no entorno das residências deixam de ser considerados como parte da propriedade, esta não entendida como patrimônio individual, mas como local de uso e de vida urbana, espaço para atividades diversificadas e variedade de usuários. Mora-se então mais na casa e nos locais privados, clubes e centros de compras, do que no bairro ou logradouros públicos.



Figura 46. A e B: Calçadas de mosaicos deterioradas na V. Industrial. **C:** Bairro Guanabara. Campinas, SP. Fotografias da autora

Na área central, a atividade comercial tradicional tentou preservar as relações de proximidade, e o andar a pé foi contemplado com o advento de calçadões comerciais na década de 70. Essa configuração do espaço destinado ao comércio e à livre circulação de pedestres se apresentou pela primeira vez no Brasil em Curitiba na Rua das Flores em 1972, e de lá para muitas capitais e cidades do interior e “torna-se uma figura urbana consolidada na cidade brasileira”. (MACEDO, 1999, p. 74). Entre outros tipos de piso, o mosaico português desde então também tem sido largamente usado na pavimentação dos calçadões, com paginações diversas, principalmente geométricas. A partir dessa época o *footing* e o passeio a pé ganham o propósito de consumo e as praças já não atraem todos os segmentos da sociedade (MACEDO 1999, p. 77)

Já desde o fim dos anos 70 nas capitais, e alguns anos mais tarde em Campinas, se percebe que a tendência ao enclausuramento chegou também aos espaços reservados ao comércio e hoje os grandes centros de compras privados cumprem a função de espaço social e acolhem a população em sua necessidade de acesso aos bens de consumo, de lazer, do encontro familiar, do andar a pé, do flunar, do ver e ser visto. (YAZIGI, 2000, p. 126 e 479) Mesmo conservando áreas de comércio de rua nas regiões centrais, como o calçadão da Rua 13 de Maio em Campinas, as cidades médias e grandes no Brasil tem no centro de compras, privado e fechado, o local preferido para o estar social.

Importante notar que desde que essa mudança de uso das calçadas aconteceu na segunda metade do século XX, também a legislação em Campinas permitiu outros tipos de piso, assim os proprietários passaram a pavimentar as frentes de seus lotes habitacionais, comerciais ou de serviços com pisos de suas preferências, desconsiderando o desenho contínuo dos mosaicos dos lotes vizinhos nas quadras. Essa tendência demonstra a falta de percepção do espaço da calçada como ligação entre unidades e desconsidera seu uso coletivo e o aspecto visual unificador na vizinhança prevalecendo o individualismo e a diferenciação. Bairros centrais tradicionalmente residenciais passam por mudanças, se rendendo ao uso comercial ou de serviços como exemplo o bairro Guanabara já no fim do século XX, e à verticalização dos bairros Cambuí, Vila Itapura, Taquaral, Proença, etc. Tais mudanças se refletem no piso das calçadas, que após a crescente prática da remoção das pedras portuguesas, apresentam uma grande variedade de revestimentos que gera uma sucessão indiscriminada de tipos, cores e materiais, nem sempre adequados ao andar, que prejudicam a compreensão desse espaço como de uso público e coletivo. (Figura 47 e 48) O uso do piso da calçada como suporte para propaganda, fato relatado na entrevista 2, ou como área a ser “personalizada” segundo a vontade do proprietário do lote comercial, institucional ou residencial, se tornou fato corriqueiro revelando intenção privatizadora e avessa à noção de bem coletivo urbano, interrompendo a continuidade dos motivos das calçadas, esta presente no período do florescimento da cidade até meados do século XX.

Modificações na legislação a partir da década de 1970 propiciaram a segmentação dos mosaicos contínuos primeiramente com exigência de padronização e utilização de um só desenho e em seguida com a liberação para assentamento de outros tipos de piso em áreas onde já havia o mosaico, o que poderia ter sido evitado se houvesse o cuidado de preservar, por meio de medidas jurídicas, as áreas já calçadas com mosaicos.



Figura 47. A: Centro, B e C: Guanabara, Campinas, SP. Fotografias da autora



Figura 48. A e B: Cambuí e C: Centro. Campinas, SP Fotografias da autora

5. O CHÃO E O PISO NA PAISAGEM DA CIDADE

5.1. Vias e calçadas como imagem urbana significativa: suporte e função

Desde a época colonial, era nas ruas que acontecia parte importante da vida da cidade. Era onde eram comercializados produtos variados que abasteciam as residências e a compra desses produtos vendidos de porta em porta era corriqueira e tradicional, pois de outro modo havia de se recorrer a vendas e armazéns que poderiam

estar até distantes das unidades habitacionais para o abastecimento de gêneros alimentícios e de uso doméstico (PUPO, 1976, p.51, 57 e 58). O transitar pela vizinhança da casa ainda era intenso, com muitas idas e vindas a quitandas, padarias e bancas de jornal. Já nesses anos o abastecimento mensal de gêneros como secos e molhados era feito em feiras livres ou em estabelecimentos maiores que atendiam a vários bairros: os primeiros supermercados e cooperativas de abastecimento. O transitar de crianças a pé pelas calçadas era comum para ir à escola, à praça, a casa de vizinhos e colegas. Era comum crianças atenderem pedidos de mães ou empregadas domésticas e irem buscar algum produto em estabelecimentos comerciais nas cercanias da casa. Crianças andavam desacompanhadas de adultos pelas ruas, donas de casa encontravam vizinhos, chegava-se a colocar cadeiras na calçada para dar mais conforto aos encontros da vizinhança e o caminhar diário pelas ruas do entorno das residências fazia parte da rotina da maioria das famílias da cidade de São Paulo (YAZIGI, 2000, p.129 a 131). Em Campinas o mesmo se dava, como podemos conhecer por relatos de moradores que cresceram na cidade, como é relatado pelo entrevistado¹³ que tem lembranças muito vivas da vida do Bairro Bonfim nos anos 60 e 70. Assim usado o espaço público da calçada é percebido como espaço de ligação entre lugares que têm seu significado na cidade. Em ruas de vizinhança mais tranqüila, com apenas trânsito local de veículos, ainda acontecia o encontro de crianças para brincadeiras e jogos diversos, nesse caso a rua transformava-se em praça. Todas essas vivências do espaço urbano propiciavam que ruas e calçadas se tornassem mais que espaço de ligação e se transformassem em lugares. Isto se dá quando há uma relação de uso que traz experiências memoráveis do cotidiano urbano. Fato que também foi relatado em entrevista.¹⁴ Essa coleção de memórias é propiciada por experiências sensoriais distintas que qualificam os lugares e tornam a experiência cotidiana do transitar pela vizinhança, pela cidade, em apropriação que vincula o indivíduo ao lugar. “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983 p. 83)

¹³ Entrevista 5 no Apêndice.

¹⁴ Entrevista 6 no Apêndice

A importância social do “chão” pode ser observada no costume da feitura de tapetes efêmeros destinados a enfeitarem as ruas para a passagem da procissão de da festa católica de *Corpus Cristi*, em muitas cidades brasileiras e portuguesas. Esse costume reúne a população na criação e execução conjunta e esmerada de tapetes efêmeros. (Figura 49) O chão é ornamentado com desenhos e ilustrações alusivas à data, além de bordaduras, padrões, frisos e outros elementos decorativos, feitos com materiais variados, flores, serragem pigmentada de várias cores, pedra moída, bagaço de cana, pó de café, etc. Muitas cidades do sudeste do Brasil têm, nessa tradição popular religiosa, um motivo de encontro da população e uma atração turística.

“Assim também ainda são algumas procissões no Brasil e no exterior, no trajeto das quais se atapeta o caminho de passagem com flores ou desenhos feitos com serragem colorida...” (YAZIGI, 1996, p. 122)



Figura 49. Rua apresenta tapete efêmero da festa de Corpus Christi em Garça, SP, anos 1960. Cerca 1965. Fotografia do acervo de família de Valderez Casella Frota

O componente simbólico do chão está presente na cultura brasileira e pode-se recolher muitos outros indícios desse fato. O chão das áreas públicas urbanas atuais parece estar distante dessas conotações, mas ao nos depararmos com esse esmero decorativo que muitas cidades a ele dispensam podemos entrever então ali também esse enfoque. A calçada como base da mobilidade urbana propicia o espaço do encontro casual, além do movimento e circulação. Mesmo assim encontramos

evidências de que o elemento chão, calçada, piso e pavimentação de espaços públicos urbanos e suas qualidades estéticas, visuais e materiais é relegado ao segundo plano, sendo frequentemente esquecido, não discriminado em relatos pessoais e até mesmo em memoriais institucionais, como veremos a seguir. E entre todas as estruturas urbanas as superfícies dos pisos, e suas sucessivas pavimentações, são os que mais passam por mudanças, pois ao mesmo tempo suportam a circulação e fluxos que se alteram e se constituem no entorno da maioria das estruturas edificadas que constantemente se erguem, se modificam e se derrubam.

“Na cidade persistem elementos de vários tempos. Edificações e configurações de seu assentamento primitivo convivem com elementos de um passado mais próximo e/ou construções contemporâneas, refletindo a história dos grupos sociais que sucessivamente geraram esse espaço. Assim, a cidade pode ser lida e entendida por meio de sua história, na medida em que essa história se encontra representada nesses elementos construídos que compõem a paisagem urbana.”
(LANDIM, 2004, p.37),

A despeito de frequentemente relegados, os elementos piso ou pavimento, são partes importantes de todo tecido urbano como um dos elementos suporte aos modos básicos de movimentação e circulação. Atualmente protocolos visando regulamentar parâmetros que assegurem acessibilidade são divulgados como meio de assegurar a todos a mobilidade segura e confortável no espaço público (NBR 9050, 2004). A qualidade do trabalho do mosaico português no que se refere ao assentamento correto e colocação e rejunte das pedras tem possibilidade de contemplar as exigências dos protocolos atuais de acessibilidade e conforto embora a técnica seja taxada de imprópria e desaconselhável para a execução de calçadas que sejam “acessíveis” em muitas cidades brasileiras. Por outro lado, trabalhadores e empresários do setor advogam que o mosaico português corretamente assentado e nivelado proporciona superfície sem relevos, plana e antiderrapante, com a vantagem de ser relativamente absorvente para águas pluviais. A conciliação do mosaico com as

novas ordens construtivas relativas às necessidades de acesso às calçadas já pode ser vista em algumas ruas de Campinas, com mosaico do calçamento integrando rampas e faixas táteis ao passeio. (Figura 50)



Figura 50. Rampas e faixas táteis integradas ao calçamento de mosaico. Campinas, SP Rua Lidgerwood, Centro. Fotografia da autora

Tais parâmetros de conforto e acessibilidade não chegam aos aspectos estéticos, limitados a sugerir contrastes de cor para melhor apreensão visual, visando segurança e funcionalidade técnica que minimizem imperfeições, barreiras físicas e descontinuidade. O aspecto do conforto físico proporcionado ao caminhante tem sido constantemente avaliado e desenvolvido. O reconhecimento do espaço da calçada como elemento suporte de manifestações visuais, acontece em relação a alguns espaços emblemáticos no mundo, como as calçadas das ruas, largos e praças de Lisboa, ou como o calçadão beira mar no Rio de Janeiro de desenho tradicional de ondas e também das criações especialmente projetadas por Roberto Burle Marx, que com seu trabalho primoroso chamou a atenção dos arquitetos e paisagistas brasileiros para a tradição luso-brasileira do mosaico.

Há espaços menos conhecidos, mas de fama regional, como o passeio em mosaico português das ruas centrais de Curitiba, estes também intencionalmente usados como suporte para desenhos em estilo *Art déco* inspirados pela flora local, pinheiro e pinhão, por motivos decorativos usados em utensílios e cestaria indígenas,

evocativos do movimento regionalista “Paranismo” já nos anos 1920. (OLIVEIRA, 2003)

(Figura 51).

“No final da década de 1920 chegam a Curitiba portugueses especialistas em *“petit-pavé”*, muito utilizado nas calçadas da área central da cidade. Durante o movimento, os motivos indígenas e paranistas encontraram neste material um meio eficaz de expressão.

A Prefeitura de Curitiba tornou-se pioneira ao utilizar os desenhos indígenas nas calçadas de *“petit-pavé”* ou mosaicos portugueses. Pela primeira vez, na Avenida Luiz Xavier e na Praça Tiradentes, as calçadas foram utilizadas como espaço para manifestações regionalistas e os desenhos dos nossos índios têm então sua aplicação consagrada. Os motivos eram estilizados e adaptados, sendo a escolha da ornamentação confiada ao Museu Paranaense, através de seu diretor Romário Martins.” (OLIVEIRA, 2003, p.25)



Figura 51. Calçadas tradicionais de Curitiba, Paraná em fotos de 2010. **A:** flor de pinhão, **B:** desenhos da cestaria indígena **C:** geométricos **D:** pinhões e araucárias. **E:** grafismos sinuosos. Curitiba, PR. Fotografias de Ruth Klotzel, 2010

No centro de Florianópolis, SC, a prefeitura fez assentar em 1965 no piso da Praça XV de Novembro desenhos o artista Hiedy Assis Corrêa, *Hassis*, inspirados no folclore e artesanato ilhéus e nas brincadeiras infantis.¹⁵ (Figura 52) Tal piso recebeu desenhos originais e únicos especialmente feitos pelo artista não utilizando formas para sua reprodução. Nesse sentido é considerado como obra única sem possibilidade de reprodução em outros locais por não utilizar gabaritos.

¹⁵ Informações do site http://www.dac.ufsc.br/artes_visuais_humanidade_hassis.php do Departamento Artístico Cultural da Secretaria de Cultura e Arte da Universidade Federal de Santa Catarina, Acesso em maio 2011.



Figura 52. Florianópolis, SC, Praça XV de Novembro. **A:** Rendas de bilro. **B:** Criança brincando e **C:** Criança soltando pipa. **A e B:** Fotografias de João Bittar Fiammenghi. **C:** Fotografia de Ernesto Matos in MATOS, 2004

Paisagistas e arquitetos contemporâneos como os brasileiros Roberto Burle Marx, nos projetos dos Calçadões do Aterro de Copacabana, RJ; da Praça da Garagem da Petrobrás, RJ, ambos de 1970 e do largo da Carioca, RJ de 1981 entre outros. ((MOTTA, 1984) David Libeskind, como exemplo, o piso bicolor em mosaico português polido do pavimento térreo do Edifício Conjunto Nacional, São Paulo, obra de 1955; Rosa Kliass, autora, entre outros, do projeto da Avenida Paulista nos anos 70 e Vilanova Artigas, a notar o piso de mosaico português na área de acesso ao auditório do prédio da FAU USP em São Paulo. (Figura 53) E os estrangeiros Friedensreich Hundertwasser (HUNDERTWASSER, 1997), Laurence Halprin (HALPRIN, 1978) e Miguel Angel Roca, (que rebate as fachadas dos edifícios lindeiros no notável piso da Praça de Armas em Córdoba, Argentina.). Profissionais que utilizaram os elementos da pavimentação com materiais diversos como parte importante de suas obras arquitetônicas e paisagísticas, dando atenção especial aos grafismos e contrastes de cores nos pisos para identificar espaços urbanos, assim contribuindo para que estes tenham características visuais únicas e sejam percebidos pelo usuário como indícios de *lugar*. Os arquitetos e paisagistas brasileiros contemporâneos incorporaram o material e a técnica tradicional do mosaico português como linguagem da arquitetura moderna brasileira tiveram em Roberto Burle Marx seu precursor.

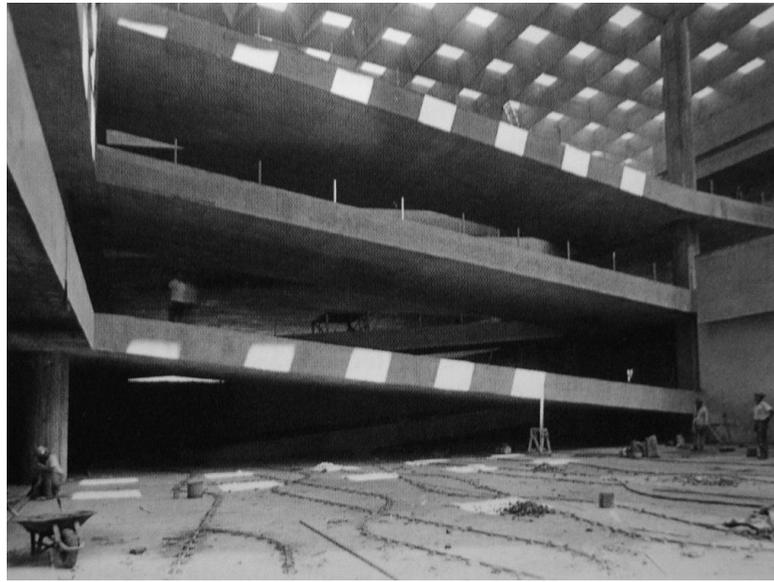


Figura 53. Piso de mosaico português sendo assentado sem gabaritos no canteiro da obra do edifício São Paulo, SP FAUUSP, Fotografia circa 1962. in 2G, nº 54, Julho 2010. Barcelona. Editorial Gustavo Gili. 2010

Entretanto, de modo geral, o desenho do piso tem sido pouco explorado de maneira a criar identidade e reforçar qualidades únicas de locais públicos, sendo ainda pouco impressos, por assim dizer, na memória do usuário, com exceção da padronagem da onda, que tendo feito seu caminho das calçadas de Lisboa ao calçadão de Copacabana no Rio de Janeiro, onde se afirmou como ícone, tem seu desenho bicolor assumido como padrão para outros materiais de pavimentação industrializados, como no caso dos ladrilhos hidráulicos para calçadas. (Figura 54)



Figura 54. A, B e C: Mosaico português padrão *onda copacabana* e piso com ladrilhos hidráulicos com padrão similar assentados na mesma calçada da Rua Buarque de Macedo, Vila Nova, em Campinas. Fotografias da autora

5.2. A percepção, o uso e o abandono

Com o crescente acesso à utilização de veículos nos deslocamentos urbanos o andar a pé deixou de ser atividade diária necessária para se alcançar pontos de atividades produtivas a partir da moradia para se tornar atividade física prescrita para manutenção da saúde física e mental. Nesse caso caminhar como atividade necessária ao bem estar se caracteriza como atividade controlada e planejada, prática que vem se popularizando em toda parte, acarretando tempo, vestimentas e locais apropriados. (MACEDO, 1999, p.77) O caminhar pela cidade que no começo do século XX era também atividade social, passou a ser visto e praticado como atividade física já desde meados do século.

Assim, no dia a dia a percepção do espaço do chão é relegada somente às necessidades de mobilidade, fluidez e facilidade do caminhar,

“Por que é seguramente através de nossos pés em contato com o chão (mesmo sendo mediados por calçados) que nós mais fundamentalmente e continuamente estamos em contato com o que nos cerca.” (INGOLD, 2004, p. 52)

O valor funcional e formal conferido aos espaços urbanos pelo calçamento tem na concepção de continuidade visual do tratamento dos espaços públicos a qualidade unificadora da paisagem, quando esta se apresenta frequentemente como um conjunto de edificações sem relação formal com o entorno. Pela forma com que ele se adapta aos espaços intermediários, entre a rua e a propriedade privada se constitui em elemento que propicia a integração e o convite à utilização.

“Não se pode pensar ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios como elementos autônomos, mas como fatores de um conjunto; a cidade é resultado da atividade do conjunto que dinamiza suas estruturas, e se denomina contexto urbano”. (FERRARA, 1986, p.119)

As modificações que ocorrem no espaço urbano contam uma história da vida na cidade que pressupõe construção e destruição de cenários, superposição de épocas e referência memoriais que se confundem no contexto urbano.

Do mesmo modo que a cidade de Campinas se ornamentou e embelezou há mais de um século, pois almejava

“um ideal urbano de cidade salubre, dotada de monumentos que fossem dignos de expressar sua condição econômica e ampliassem a imagem referencial, no Brasil e na Europa, de uma Campinas moderna.” (MONTEIRO, 2009, p.25),

Também na segunda metade do século XX as novas tecnologias de transporte e os agenciamentos da ocupação do solo urbano trouxeram modificações na vida da população de todas as classes sociais. Assim “Ruas, avenidas, praças monumentos, edificações configuram-se como uma realidade sêmica que informa sobre seu próprio objeto, isto é, o contexto.” (FERRARA, 1986, p.120)

Se uma característica urbana, como o piso ornamentado, que encerra importantes significados - entre eles o unificado fluir do espaço coletivo da cidade num contínuo tapete que adornou e abrangeu bairros de variadas classes sociais - passa a ser desconsiderada e não percebida no contexto urbano há que se pressupor uma mudança no uso e no usuário.

“O elemento que aciona essa percepção global e contínua, que estabelece seleções e relações em um repertório contextual é o usuário e o uso é sua fala, sua linguagem. O uso é uma leitura da cidade na relação humana das suas correlações contextuais.” (FERRARA, 1986, p.120)

Ao se deparar com uma cidade que parece não perceber o trabalho antigo e minucioso presente em tantas ruas, fato que transparece na falta de cuidado com esse patrimônio, pode-se assumir que seu uso, e certamente o desuso cotidiano do passeio, aqui entendido na materialidade da estrutura urbana da pavimentação, interfere no processo de percepção do ambiente da cidade.

“o uso é extensão do usuário e acaba por interferir no próprio processo de percepção do ambiente urbano e na própria caracterização do usuário interpretante, gerando ao mesmo tempo, a aludida imprevisibilidade dos usos; mas paradoxalmente, cria também um registro, história, memória de usos.” (FERRARA 1986, p.121)

Na mesma medida é possível perceber que na degradação dessa característica urbana causada pela troca de uso, do coletivo para o particular, (Figura 47 e 48) emerge o paradoxo da supremacia da individualização na sociedade urbana contemporânea em detrimento da socialização, do *meu espaço*, onde antes era o *nosso lugar*. Da apropriação do indivíduo ao bem coletivo. Essa mudança faz com que o habitante da cidade desacredite da qualidade do bem coletivo e almeje cada vez mais o estar

entre iguais, em ambientes controlados, seja nos bairros fechados, nos clubes, nos centros de compras, ou nas residências altamente conectadas com o exterior por sistemas de informação, que os remetem à vida do presente, com a linguagem do presente, formando redes sociais não materiais ou presenciais.

Nesse sentido é emblemático o contraste e também similaridade entre as primorosas calçadas históricas já muito deterioradas das ruas de Campinas e o piso de mosaico português, feito com a mesma antiga técnica e material rochoso, agora polido e revestido com materiais sintéticos, do centro de compras “Parque D. Pedro” em Campinas. As novas calçadas internas se utilizam da mesma linguagem arquitetônica da antiga pavimentação ornamentada – utilizada pela primeira vez há mais de 100 anos, No Largo da Catedral e no espaço de valor simbólico e referencial como é o Largo do Rosário – e a traduzem para o novo contexto, aplicando-a a um espaço que tem uma concepção diversa. (Figura 55)

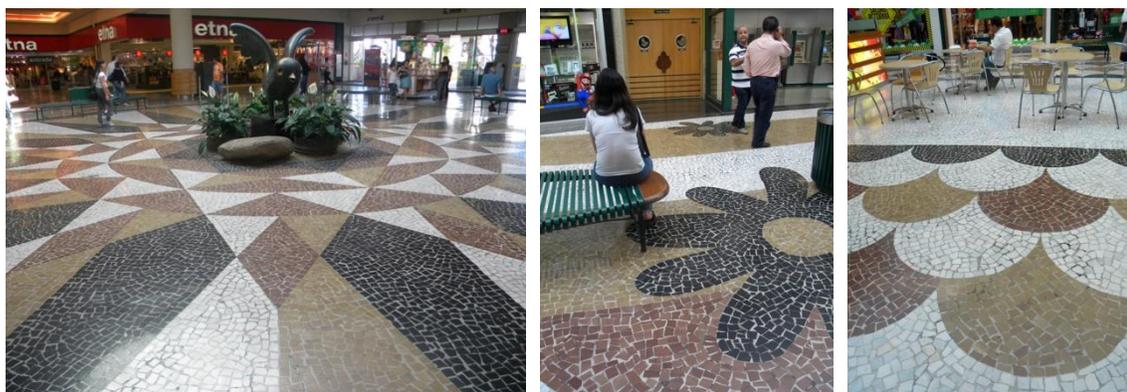


Figura 55. A, B e C: Praça e calçadas internas do Shopping Parque D. Pedro, Campinas. Fotografias da autora

Do exterior das ruas para o interior de um grande centro de compras e lazer, a calçada de mosaico continua hoje a pavimentar espaços de uso coletivo na cidade. Essa paisagem urbana se define com o uso de um repertório visual que pode ser avaliado como uma evolução daquele uso histórico, mais do que uma mudança: “Uso como signo de si mesmo, como grau zero da escritura urbana, é processo e síntese do espaço em que se dá”. (FERRARA, 1986, p.120)

A percepção do contexto urbano pode se valer de referências paisagísticas exemplares, integradas de forma utilitária no tecido urbano frente às necessidades de uso contemporâneas. Ferrara (1986, p. 120) cita a complexidade das relações entre história e uso urbano, que não reduz a história à simples preservação de monumentos, ou exemplares significativos, pois isso transformaria a cidade em “lugar congelado, assimilado por referências pitorescas”. Resta saber se a relação do usuário com os novos espaços de consumo de mercadorias e lazer propiciará uma apropriação, e se pelo vínculo esses espaços se tornarão *lugar*. Analisando-se os espaços urbanos de hoje por esse enfoque já há um fator dificultador que é a característica primeira desses espaços de encontro contemporâneos serem claramente privados, o que impede o usuário de usufruí-lo como algo que lhe pertence.

“A qualidade urbana do encontro e o sentimento de identidade pública conferem estreita relação da pessoa com o lugar, que cria uma apropriação, aqui no sentido de tomar posse do lugar, criar vínculos e usufruí-lo como algo que nos pertence.” (COELHO, 2006, p. 200)

Assim as possibilidades do uso das qualidades do pavimento como meio de integração entre estruturas urbanas é postulado por Gordon Cullen como importantes na paisagem:

“Temos já indicado que o solo, o pavimento, pode e deve ser uma superfície *de união, de contato*, entre e ao redor dos edifícios. Se assim se consegue executar, deixará de ser a rua uma simples franja de asfalto bordada por calçadas. Poderá ser considerada como algo associado aos edifícios e produzir, por meio de trocas de níveis, de escalas, de texturas e de adequação geral, um saudável efeito de sociabilidade e homogeneidade.” (CULLEN, 1981, p.128)

Os espaços chamados intersticiais e comumente relegados como de menor importância na paisagem urbana, os lugares de transição entre estruturas, como exemplo as calçadas, podem ser usados como suportes para uma *pontuação urbana*,

adquirindo características formais e visuais únicas, e atuando como construtoras de significado e também como um *sistema de navegação* ou de conexão entre pontos de interesse (LUZ, 2006, p.5). Nesse sentido, as possibilidades projetuais da antiga técnica e arte dos calceteiros podem ainda contribuir para a percepção espacial do ambiente urbano, pela diferenciação e não padronização de motivos e arranjos de paginação que outros tipos de pavimento não proporcionam. A construção de *lugares únicos* no tecido urbano, em oposição aos espaços *pasteurizados* que por sua sintaxe padronizada poderiam estar em quaisquer lugares geográficos, propicia ao usuário diversidade de vivências, percepção e vínculo com o ambiente urbano. Essa relação entre espaços de vivência e sua transformação foi comentada por Camillo Sitte:

“Na construção urbana moderna, a relação entre espaços vazios e espaços construídos inverte-se por completo. Outrora o espaço vazio (ruas e praças) formava um todo coeso e de efeito calculado, hoje áreas construídas são distribuídas como entidades fechadas de maneira regular, o que resta entre elas são as ruas e as praças.” (SITTE, 1992, p.97)

Como Luz nota (2006, p.6 e 7) a percepção do ambiente se dá pelo movimento, pela coreografia do caminhar, a *brincadeira* do andar, como afirmam pessoas que cresceram em Campinas e tem lembranças muito vivas desse cenário, que propiciava jogos e movimentos¹⁶. Essa concepção pode explicar a degradação das calçadas de mosaico em Campinas no último quartel do século XX, pois passado o tempo do *flanar*, do ver e ser visto nos lugares públicos, do encontro social costumeiro, estas perdem sua função de *passarela* e passam não ser percebidas como elementos importantes no cenário da cidade. A movimentação eventual para acesso a pontos nodais de transporte (coletivos ou individuais) não proporciona o real deslocamento a pé no cenário da cidade, a movimentação que induz à percepção e esta ao vínculo e memória. Assim os espaços intersticiais são relegados ao esquecimento quanto às

¹⁶ Entrevistas 5 e 6 no Apêndice.

suas qualidades funcionais e estéticas, frequentemente sendo transformados e visualmente incorporados ao espaço privado. Mesmo assim encontra-se ainda na cidade indícios de que esses ornamentos das calçadas estão presentes na memória e tem importância para parte dos munícipes que muitas vezes contratam serviços de restauração feitos por trabalhadores autônomos, por empresa de calcetaria, como informado pelo empresário do setor¹⁷, ou as reparam por seus próprios meios. Faz-se notar como tais esforços pontuais de restauração são incipientes ante à tamanha área que foi adornada com o mosaico na cidade de Campinas desde os primeiros anos do século XX e ante a crescente deterioração, falta de manutenção e substituição.

Na Figura 56 está registrada a tentativa de reparo do mosaico, feita por um munícipe, que mesmo tendo utilizado material inadequado demonstra apreço pelo ornamento da calçada e percepção do *lugar* coletivo.



Figura 56. Mosaico de calçada reparado com cimento imitando pedras no Jd. Chapadão, Campinas, SP, Fotografia de Rafael Cury

5.3. O mosaico português como sistema de reprodução de imagens

Outra característica importante do mosaico português como manifestação visual é que os desenhos são compostos por uma repetição de módulos e são reproduzíveis por meio de formas (gabaritos) que são preenchidas com pedras cortadas num padrão

¹⁷ Entrevista 2 no Apêndice.

de dimensão relativamente regular e apresenta a textura característica que identifica o material. Assim áreas de cores distintas, contrastando com as demais definem os campos dos desenhos.

Portanto a técnica se constitui também num sistema modular de reprodução de imagens que podem ser aplicadas em locais das mais diversas dimensões com a mesma qualidade visual e pictórica, assim como carimbo, *stencil* e *silkscreen*. Por essa característica tão peculiar é que calçadas e praças assim pavimentadas apresentam unidade, ritmo e continuidade formal. Os moldes/gabaritos podem ser utilizados de maneiras diferentes concorrendo para a criação de derivações de desenhos por meio de combinações modulares e/ou cromáticas.

Os módulos definidos pelo gabarito ao serem repetidos, compostos e dispostos no espaço adquirem a conformação de padronagem, e assim assentado o mosaico português se presta a proporcionar identidade visual impar aos espaços urbanos. A técnica é artesanal e ao mesmo tempo tem suas características formais reproduzíveis em qualquer escala garantindo a qualidade estética e formal.

5.4. Os desenhos

A padronagem mais recorrente em Campinas desde o advento da utilização da técnica é hoje denominada *onda copacabana* motivo decorativo que desde o primeiro piso em 1908 até nossos dias adorna grande área calçada da cidade. (Figura 57) Esta, juntamente com os motivos florais mais ou menos detalhados. (Figura 60 e 61) que também podem ser traçados com o gabarito da onda, os desenhos geométricos retilíneos (Figura 63 e 64) e/ou curvilíneos (Figura 65) estrelas de diversos tipos (Figura 62), a flor-de-lis, reconhecido símbolo de nobreza (Figura 93 C e E e 98 F) e líras estilizadas (Figura 136, B) estão presentes nos mosaicos assentados antes da década de 1970. Nessa época a cidade já contava com extensa área urbanizada portanto a variedade de motivos é muito grande e não houve uma só dia durante a pesquisa de campo e registro fotográfico das calçadas que não se tenha encontrado um desenho diferente, variação cromática ou de composição dos já registrados em outras ocasiões.

A linguagem do mosaico português em Campinas se estabeleceu pela inventividade de calceteiros, muito mais do que a partir de projetos autorais que completavam edifícios. Os calceteiros utilizavam principalmente o molde da onda para criar novos desenhos por conjugação formal, mudando a posição, espelhando os moldes, adicionando, subtraindo ou multiplicando os módulos e variando cores e combinações com elementos lineares. Após a Prefeitura determinar a padronização dos motivos aplicados ao passeio, os desenhos mais encontrados nas áreas urbanizadas na década de 1970 são a *onda copacabana* (Figura 57) e *revoada de andorinhas*. E mesmo tendo sido padronizados, se encontram calçadas pavimentadas com tais desenhos apresentando derivações obtidas por meio de combinações e variações de cor. (Figura 66)

Os desenhos presentes nas calçadas tem características formais que variam segundo os estilos decorativos vigentes nas épocas em que foram assentadas. Assim na região central mais antiga da cidade se encontram desenhos musivos mais elaborados de inspiração floral que apresentam detalhes que necessitam de pedras de menor dimensão, de até 5 cm de lado nas faces, para compor curvas, ângulos agudos e meandros. Desenhos mais geométricos de linhas retilíneas são encontrados em vários bairros urbanizados até meados do século XX. O padrão da onda perpassa todas as épocas e se incorpora no entorno das edificações ecléticas, neocoloniais e modernas se constituindo no padrão mais icônico e tradicional. O padrão andorinhas se apresenta nas calçadas urbanizadas ou no entorno de imóveis reformados a partir dos anos 1970 até quase os anos 1980. Todos os padrões têm variações formais interessantes, apresentando diversas composições com faixas laterais, trocas de cores e diferentes distanciamento e composição do desenho na área calçada. As inúmeras possibilidades de composição proporcionadas pelos gabaritos contribuiu para grande diversidade de desenhos que adornavam as ruas.



Figura 57. O padrão tradicional da onda, moldes e suas derivações cromáticas e de paginação Campinas SP. Fotografias da autora



Figura 58. Desenhos criados com o molde/gabarito da onda. Campinas SP. Fotografias da autora



Figura 59. Desenhos criados com o molde/gabarito da onda. Fotografias da autora



Figura 60. Desenhos florais. Campinas SP. Fotografias da autora

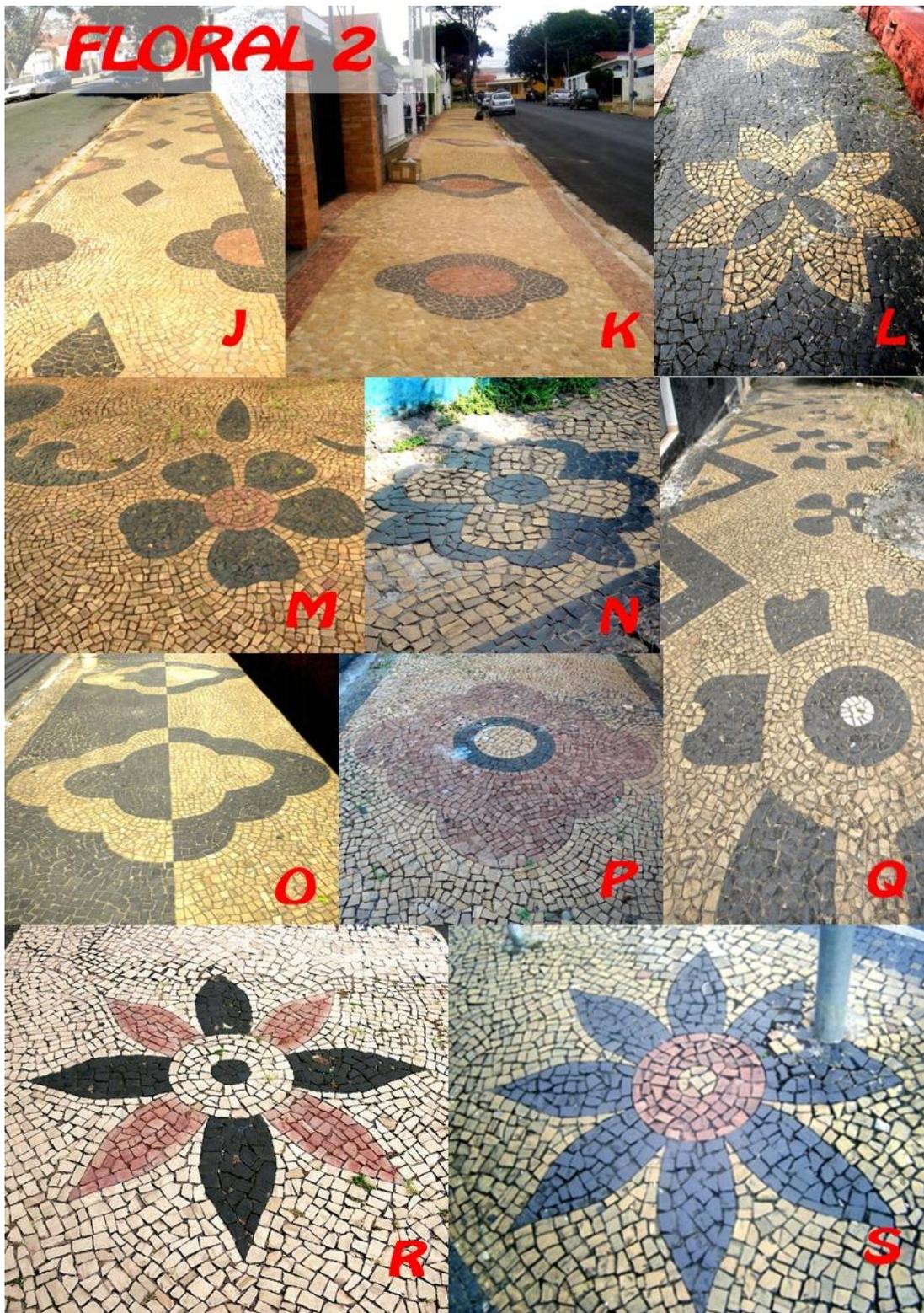


Figura 61. Desenhos florais. Campinas SP. Fotografias da autora

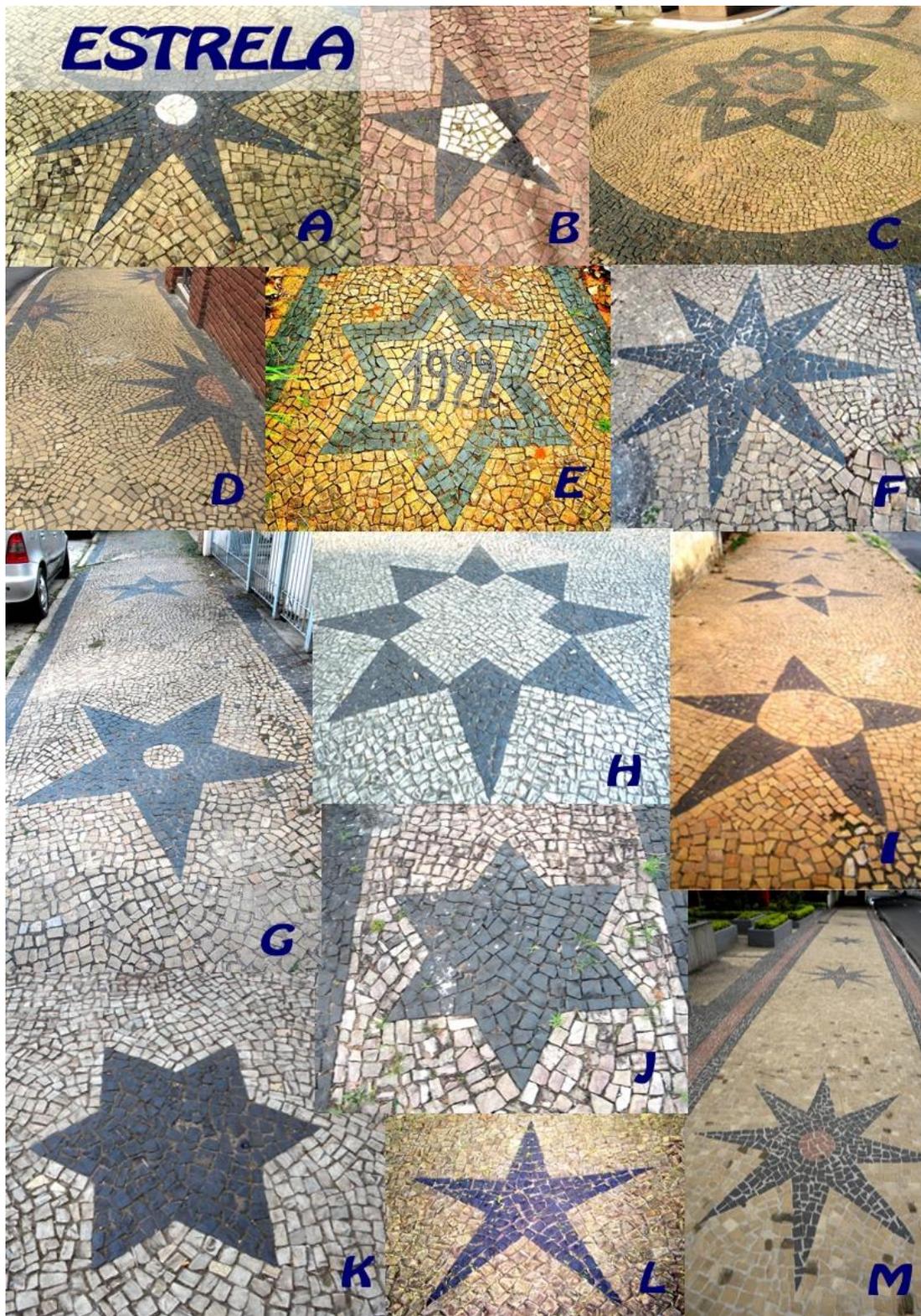


Figura 62. Estrelas. Campinas SP. Fotografias da autora



Figura 63. Padrões geométricos retilíneos e faixas paralelas ao arruamento. Campinas SP.
Fotografias da autora



Figura 64. Padrões geométricos retilíneos e faixas. Os moldes para os círculos são os batedores/compactadores. Campinas SP. Fotografias da autora



Figura 65. Padrões geométricos curvilíneos. Fotografias da autora



Figura 66. A, B, C, e E: Padrão *revoada* de andorinhas e derivações cromáticas. D: Forma/molde/gabarito. F: Derivação formal: Peixe, desenho feito a partir do gabarito do corpo da andorinha, sem utilizar os gabaritos das asas. G: Composição com três elementos. H: Motivos em positivo e I: Motivo em negativo. Campinas, SP, Fotografias da autora

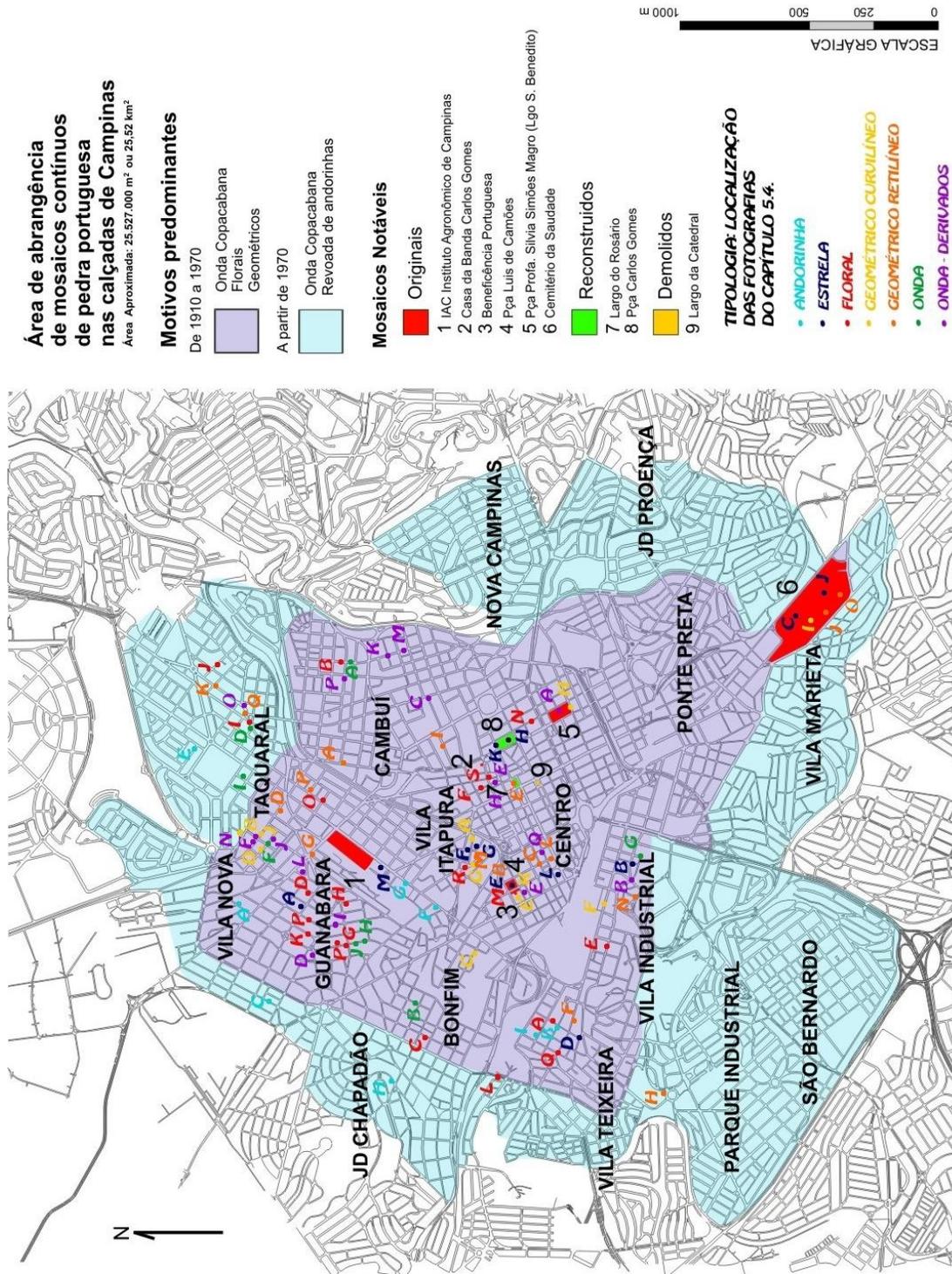


Figura 67. Mapa Tipologia dos desenhos. Elaborado pela autora em 2011.

6. LEGISLAÇÃO MUNICIPAL E TOMBAMENTOS

6.1. A transformação da Legislação Municipal que rege os passeios públicos

Os documentos oficiais do Município de Campinas atestam longo dos anos como o poder municipal determinou em detalhes que as calçadas fossem pavimentadas, quanto às dimensões, materiais e técnicas construtivas.

Entre 1870 e 1890 as ruas de Campinas não eram pavimentadas e buracos, águas paradas e lixo faziam parte do cenário urbano. (MONTEIRO, 2009. P.145) Depois das epidemias de febre amarela, que reduziram drasticamente a população da cidade por morte ou êxodo entre 1889 e 1897, o poder municipal se empenha em reestruturar a cidade segundo normas higienistas com obras de saneamento básico, medidas de higiene e controle da saúde. Com o código de posturas de 1895 que propunha normas relativas às construções e espaços públicos, os princípios de embelezamento e aformoseamento já estavam presentes para conferir à cidade salubridade e paisagem urbana calcada em modelos europeus. Naturalmente os interesses econômicos e a estética da elite dominante da cidade prevaleceram e direcionaram a legislação sobre a ocupação do território e os códigos de posturas urbanas.

Como Monteiro (2009, p. 157) relata, o código de posturas de 1880 determinava a obrigatoriedade do calçamento das testadas dos lotes particulares ainda que não propusesse o material a ser utilizado. Já num manuscrito elaborado em 1885 por Ramos de Azevedo e Luiz Augusto Pinto, o “Projeto de Código de Posturas, arruamento, nomenclatura, etc.”, documento não promulgado, mas que estabeleceu parâmetros que mais tarde foram adotados pelo poder público, os autores determinavam que

“o único material permitido para tal fim fosse a pedra lisa, contanto que apresentasse condições de solidez e durabilidade.” (MONTEIRO, 2009. P.157)

Ao longo do tempo a obrigatoriedade de execução do calçamento das testadas dos lotes sempre foi do proprietário do imóvel lindeiro e coube à administração pública determinar suas características, exigir a aplicação das leis e aplicar multas aos não cumpridores dos códigos. Assim entende-se que o espaço da calçada, assim como o da rua, o lote, a tipologia das edificações, os espaços públicos de largos, praças e jardins e como todos estes se articulam na cidade, são o reflexo do ideário urbano dos legisladores e administradores municipais.

Ao longo de mais de um século há uma sucessão de leis e decretos relacionados aos passeios e a evolução das posturas visando o conforto e ordem nas ruas da cidade. A Lei 114 de 1906 estabeleceu ladrilhos de cimento comprimido canelado e proibiu paralelepípedos para a pavimentação dos passeios.

O Decreto 76 de Março de 1934, que ratificava a Lei 394 de Novembro de 1926, também determinava que a pavimentação do passeio na testada dos lotes das ruas que deveriam ser calçadas coubesse ao munícipe a, também estabelecendo o declive transversal de 3% e como material

“na 1ª, 2ª e 3ª zona do perímetro urbano com ladrilhos canelados, na 4ª zona com lençol de cimento construído com retângulos de 3 metros no máximo e separados por intervalos de 5 milímetros de massa betuminosa.”

Assim em 1934 havia claramente uma hierarquização de espaços na malha urbana, instituindo-se um tipo de calçamento mais nobre nas áreas centrais da cidade e o cimentado nas periféricas e promovendo a implantação de infraestrutura nos bairro que se estabeleciam como atesta o capítulo VI, artigo 81

“A Prefeitura mandará estabelecer anualmente a relação de ruas ou trechos de ruas da cidade ou povoação que tenham mais de 1/3 de sua extensão com lotes construídos, bem como orçamentos para seu calçamento, classificando-as de acordo com sua importância como vias de circulação, levando-se em conta a natureza das edificações existentes.”

A Lei 1.486, de Maio de 1956 proibiu terrenos não murados e sem passeios, em todas as zonas de Campinas, desde que os quarteirões em que os mesmos se localizavam, já tivessem edificados no mínimo setenta por cento do total de seus lotes.

Já desde 1908 havia pisos de mosaico português em praças e calçadas de importantes instituições da cidade. Bem como nas ruas centrais de Campinas. O que podemos observar em alguns registros documentais e fotográficos e também pela observação de alguns exemplares que restam na cidade, comprovadamente antigos pela tipologia dos desenhos, pela pequena dimensão das pedras e técnica de assentamento em junta seca sem cimento no rejunte.

Em 1959 pela Lei 1993 a execução dos passeios, reconstrução e reparação por danos ou alargamento de rua também são colocadas obrigatoriamente às expensas do proprietário do imóvel lindeiro, obedecendo às especificações do Artigo 6.1.4.01:

a) serão de mosaico tipo português com desenhos padronizados pelo D.O.V. e obedecerão ao mesmo padrão para o mesmo quarteirão.

§2 Na periferia da cidade será permitida a construção de passeios de concreto obedecendo as normas: espessura mínima 6 cm, 15 cm para passagem de veículos. Concreto traço 1:2:3, quadrados mínimos de 70 X 70 cm e máximo de 1,20 X 1,20 m com declividade 3%.

Assim destaca-se que pela primeira vez uma diretriz que previa uma unidade visual com a padronização do desenho para toda a quadra, garantindo a continuidade dos ornamentos ao longo do passeio. Os desenhos dos padrões de mosaico português que se informava estarem na Diretoria de Obras e Viação, D.O.V., não mais podem ser localizados por falta de arquivamento de documentos históricos dessa natureza, segundo consulta aos departamentos de Obras e fiscalização da Prefeitura de Campinas em 2011. Pela grande diversidade de desenhos observada nas calçadas de diversos bairros entende-se que os padrões geométricos e florais se multiplicaram foram criados por calceteiros, a serviço de empreiteiros e construtores, a partir de formas da *onda copacabana*.

A padronização das calçadas foi proposta e a exigência do padrão levada ao detalhe na administração do Prefeito Lauro Péricles, pelo Decreto 4301 de Agosto de 1973 que regulamentou a Lei 4307 de Julho de 1973:

Cap.11. Art 12. Os passeios podem ser de mosaico português ou de concreto armado de acordo com o zoneamento e a critério da PM, sendo que o desenho dos mosaicos portugueses deve obedecer ao desenho nº D.U. 8982 (revoada de andorinhas).

Esse Decreto também descreveu em detalhes, do Artigo 25 ao Artigo 31 a técnica, ferramentas e materiais da calcetaria que deveriam ser utilizadas, mas informa erroneamente que as pedras utilizadas para esse fim são de granito, quando tradicionalmente são de basalto e calcário, tendo o granito sido utilizado somente a partir da primeira década dos anos 2000. Definiu também a espessura do passeio de 12 cm para as áreas de transito de veículos, o dobro daquela somente destinada ao trânsito de pedestres. Essa diferenciação contemplou as necessidades dos passeios serem adaptados ao crescente acesso ao automóvel particular de passeio da classe média da cidade.

Hoje pode-se identificar os bairros urbanizados nesse período, de meados de 1973 até o começo de 1978, pelo padrão característico das andorinhas (área azul no mapa de abrangência) (Figura 30) Com a exigência de padronização e a adoção do motivo “*revoada de andorinhas*” a referida lei acabou promovendo a segmentação dos mosaicos contínuos já existentes em grande área central (Área lilás no mapa de abrangência) (Figura 30) por que nos casos de necessidade de reparos na infraestrutura de água e saneamento, reforma dos imóveis ou novas construções em lotes ainda vagos, o padrão das andorinhas aplicado ao piso das calçadas se inseriu forçosamente entremeando outros mais antigos que já apresentavam agradável continuidade. Esse fato que desconsiderou os efeitos estéticos da paisagem já construída ao longo de muitas décadas inaugurou a segmentação e deterioração dos passeios em bairros centrais já asfaltados e calçados e promoveu o fim das molduras urbanas que vinham sendo assentadas com sucesso anteriormente, pois já no seguinte Decreto 4770 de Janeiro de 1978 ficava determinado que

“Artigo 2º - Os passeios deverão ser revestidos de mosaico português ou feitos de concreto, a critério da Prefeitura, e mantidos, pelos responsáveis, sempre limpos e desobstruídos, de forma a permitir o livre trânsito de pedestres.

Parágrafo único: Os terrenos localizados na 3º e 4º zonas do Município de Campinas ficam excluídos das obrigações mencionadas no “caput” deste artigo.”

O Decreto 5653 de Fevereiro de 1979 regulamenta a lei supracitada e atesta no Cap. II sobre passeios:

Art 6º. Os passeios deverão ser executados com mosaico português ou concreto amado de acordo com o zoneamento e a critério da Prefeitura Municipal.

Observa-se que o padrão “revoada de andorinhas” estipulado pela legislação anterior não mais foi exigido para o calçamento de mosaico. E que o zoneamento privilegiou novamente com calçadas adornadas os bairros mais centrais como áreas onde a execução de passeios era compulsória aos lotes edificadas em ruas pavimentadas.

Também em 1983 a Lei 5333 de Maio, tem redação similar. A setorização da cidade e diferenciação no tratamento das calçadas é fato que comprova a hipótese da ornamentação do espaço público como indicio de diferenciação entre áreas mais valorizadas merecedoras de uma paisagem mais condizente com a urbanidade almejada. Determinava-se assim o tradicional mosaico português para os passeios dos bairros mais valorizados. A aceitação de material mais barato, o cimentado, para áreas periféricas menos valorizadas da cidade garantiu o calçamento de toda a cidade.

As Leis 6148 de Dezembro de 1.989 e 6632 de Setembro de 1991 determinam que

“§ 6º - Os passeios serão pavimentados em mosaico português ou concreto desempenado, sempre que a rua for pavimentada e contar com guias e sarjetas.”

Entende-se que nessa época a prefeitura municipal já dotara a cidade de infraestrutura viária e exigia que as calçadas acompanhassem os investimentos em arruamento. Nota-se que nas referidas leis que já não havia a obrigatoriedade de algum tipo específico de técnica ou material de calçamento de acordo com o zoneamento. Dessa época em diante os mosaicos que já calçavam passeios de bairros tradicionais puderam ser substituídos e remendados por cimentados que interromperam e seccionaram a continuidade dos motivos, fazendo com que fossem substituídos na região central e nos bairros tradicionais que passaram por transformações como mudança de uso de residencial para comercial e serviços e/ou verticalização.

Já no século XXI a Lei 11.455 de dezembro de 2002 estabelece normas mais precisas para calçadas ajardinadas, exigindo que

Art. 1º - Ficam os proprietários ou possuidores de terrenos particulares e públicos, edificados ou não, localizados no Perímetro Urbano do Município de Campinas, obrigados a:

§ 3º - Quando se localizarem em vias e logradouros públicos que possuam meio-fio executar a pavimentação do passeio fronteiro aos seus imóveis, sendo permitida a utilização de material não derrapante, tais como: mosaico português, concreto desempenado ou grama, sendo que este último deverá permanecer uma passagem com largura mínima de 1,00m (um metro) construída por mosaico português, concreto ou qualquer outro material não derrapante.

I - Não será permitida a utilização de grama na área compreendida pelas Avenidas: Andrade Neves, Barão de Itapura, Nossa Senhora de Fátima, Júlio Prestes, José de Souza Campos, Marcondes Salgado, Via Expressa Aquidabã, Lix da Cunha (interligação entre Aquidabã e Expedicionários) e dos Expedicionários.

II - Os passeios não poderão ser feitos de material liso ou derrapante, sendo que aqueles executados com argamassa de cimento deverão apresentar superfície áspera.

III - Quando utilizado nos passeios concreto asfáltico deverá receber pintura de maneira a diferenciar em cores do leito carroçável.

Nota-se a preocupação com a utilização de materiais que não sejam escorregadios e com as características físicas dos tipos de passeios, entre eles o mosaico português. Permite também o material asfáltico.

Já o texto da Lei Complementar nº 9 de Dezembro de 2003 garantiu a acessibilidade de pessoas com dificuldades de mobilidade e citou a relativa NBR 9050/94.

Art. 107 - Os passeios deverão ser construídos, reconstruídos ou reparados pelos responsáveis pelo imóvel com materiais resistentes e duradouros e não poderão ter superfícies escorregadias.

§ 1º - Quando realizados em concreto deverão possuir: espessura de 0,07m (sete centímetros) e resistência mínima a compressão de 23 (vinte e três) MPA, sobre lastro de concreto com resistência de 10 (dez) MPA.

§ 2º - Outros materiais poderão ser autorizados pela PMC em função da evolução da técnica e dos costumes.

Art. 108

V- nos bairros é permitido o ajardinamento dos passeios, desde que seja preservada uma largura contínua, longitudinal e livre de postes, árvores e placas indicativas de no mínimo 1,50 m (um metro e cinquenta centímetros) seguindo a NBR 9050/94. A PMC poderá, em função do trânsito de pedestres, estabelecer áreas nas quais não será permitido o ajardinamento;

VI- os proprietários dos imóveis com passeios ajardinados serão obrigados a mantê-los conservados;

A Lei Complementar nº 18 de Março de 2007 denominou de “calçamento ecológico”, para bairros residenciais fora da área mais central, numa preocupação incipiente com a impermeabilização do solo urbano, mas na verdade adaptou áreas pavimentadas às ajardinadas já presentes nos passeios dos bairros residenciais de maior valorização:

“Art. 108–A – Fica autorizada a utilização opcional, às expensas do interessado, a utilização de calçamento ecológico ao longo das calçadas e passeios com largura mínima de 3,0 (três) metros, situados nas vias ou trechos de vias locais do Município, em conformidade com o disposto na referida Lei Complementar .

Parágrafo único – Considera-se calçamento ecológico, para fins desta lei, toda área ou faixa de permeabilização do solo recoberta por vegetação.

Art. 108-B – Para a utilização do calçamento ecológico, sob a forma de faixas de permeabilização, as calçadas ou passeios serão divididos em três faixas longitudinais da seguinte forma:

- a) uma faixa de permeabilidade ao longo do meio do fio com largura de 0,70m (setenta centímetros);
- b) uma faixa pavimentada com largura de 1,60m (um metro e sessenta centímetros) intermediária a ambas;
- c) uma faixa de permeabilidade, com largura de 0,55 m (cinquenta e cinco centímetros) junto ao alinhamento predial.

§ 1º - As faixas de permeabilização do calçamento ecológico serão interrompidas pelos seguintes dispositivos:

Faixa transversal pavimentada de 1,5m de extensão de cada lado nos pontos de ônibus; faixa transversal pavimentada destinada ao acesso de pedestres e deficientes físico, com largura correspondente a 0,80m à faixa de travessia ou rebaixamento de guia;

- c) faixa transversal pavimentada, correspondente à largura do portão da garagem.

§ 2º – Nos imóveis localizados em esquinas a utilização do calçamento ecológico sob forma de faixa de permeabilização seguirá a angulação do meio fio.

A pretendida permeabilização dos passeios já foi propiciada com o calçamento de pedra portuguesa desde os primeiros pisos de praças e logradouros assentados em Campinas a partir de 1908, já que o mosaico é piso dos mais permeáveis dentre outros utilizados para esse fim.¹⁸. Em 2010 alegando necessidades da mobilidade de pedestres a Prefeitura de Campinas removeu antigos pisos de mosaicos das avenidas

¹⁸ Como nota o Prof. Cristovão Fernandes Duarte em artigo no Anexo.

Campos Salles e Glicério adotando placas de concreto com algumas inserções de placas de mosaico português em pedras claras com andorinha estilizada em pedras pretas, de desenho diferente da década de 1970. A falta de interesse do poder público em preservar e restaurar os antigos mosaicos remanescentes na região central faz com que esse patrimônio da paisagem se deteriore e frequentemente se perca sem possibilidade de recuperação. Custos construtivos mais altos do que outros tipos de pavimento fazem com que o mosaico seja preterido em favor dos pré-moldados ou cimentados que invariavelmente apresentam rachaduras e na necessidade de retirada para acesso às redes subterrâneas, não são passíveis de recolocação como o mosaico português.

Observando-se a sequência de leis relativas à pavimentação do passeio percebe-se que este foi usado como elemento importante na elaboração de uma estética da paisagem urbana que pretendia proporcionar a salubridade e o embelezamento, também a consonância com os edifícios do período eclético incluindo também os chamados neocoloniais, os modernos e os contemporâneos. Mesmo tendo sido obrigatórios nos bairros mais valorizados da cidade e facultativos nas áreas periféricas, os mosaicos são reflexo do imaginário dos cidadãos de Campinas ao longo dos anos pois o uso da técnica fez parte de um projeto de cidade que foi determinado por legisladores, que como parte da sociedade da elite da cidade, impuseram seus valores estéticos e econômicos ao espaço público. Mudanças na legislação atestam que tais valores determinam transformações da paisagem e propiciam a evolução urbana que atende aos interesses econômicos da classe dominante e de empresários. No caso dos passeios emoldurando a cidade o resultado dessa vontade política conferiu à paisagem aspecto único com qualidades admiráveis

6.2. As calçadas ornamentadas nos registros oficiais de tombamentos feitos pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas - CONDEPACC e na literatura sobre a cidade e sua paisagem

Os indícios da importância que se tem dado às calçadas como espaço público, e do mosaico português como expressão visual refinada e unificadora na paisagem da cidade ficam evidentes ao se verificar que logradouros e instituições de Campinas, que têm seus edifícios tombados pelo CONDEPACC, não têm suas antigas calçadas de mosaico português inventariadas ou citadas nos respectivos processos de tombamento.

Lançando olhar sobre os processos de tombamento, disponíveis no *site* do CONDEPACC¹⁹, particularmente os referentes aos edifícios que tem calçadas externas e internas em mosaicos portugueses, podemos perceber uma notável *invisibilidade* dessa característica urbana no contexto da cidade, já que não são arroladas ou inventariadas nos processos de tombamento, nem citadas na descrição do envoltório dos mesmos.

Largo do Rosário

Lugar de encontro e cenário urbano tradicional da cidade: As diversas feições de um espaço público em contínua transformação.

O largo do Rosário, tradicional ponto de encontro no centro da cidade se transformou e recebeu diferentes desenhos de caminhos, padrões de calçamento e estilos de cada fase e intento administrativo. Como nota Monteiro (2001, p. 39), o Largo do Rosário era o ponto de maior interesse no centro de Campinas se constituindo no

¹⁹ Disponíveis em Processos de tombamento de bens artísticos e culturais pelo CONDEPACC, Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas, <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-tombados/listaBens.php> acessados em Outubro de 2010.

verdadeiro coração e ponto de encontro de Campinas; foi onde os primeiros casarões se ergueram e é lugar emblemático como palco de tantas transformações ocorrida ao longo dos tempos. Como ponto de referência e encontro da cidade, o largo se formou como ponto de encontro, feiras e até cavalhadas e já era arborizado desde 1871. Em 1895 recebe um chafariz, feito por um artista belga, que compõe uma paisagem naturalmente ordenada com canteiros e passeios ladrilhados, traduzindo materialmente a idéia de embelezamento e civilidade num lugar de encontro e passeio. (LIMA, ano 1998, p. 4) Em 1910 ele já recebia calçamento dos caminhos entre as frondosas arvores, em mosaico português, que substituiu o primeiro calçamento de ladrilhos canelados. Tal calçamento em pedra é o primeiro feito em mosaico português que está documentado em Campinas, informação do parecer “O Largo do Rosário Através dos Anos” elaborado pela historiadora Maria Joana Tonon em maio de 1996 para a Prefeitura de Campinas, (documento de constante vol. 2 - 4 p.31 e 35 do processo de tombamento 008 daquele logradouro pelo CONDEPACC). Obra feita por ordem do prefeito Orozimbo Maia, que traz calceteiros do Rio de Janeiro para executá-lo em 1910. A obra, em estilo *Art Nouveau* que exibia intrincado motivo floral, foi considerada barata e agradou a população da cidade. Esse fato foi citado

“O prefeito Orozimbo Maia ao se referir às praças e jardins da cidade em seu Relatório de Obras e Serviços Realizados (Triênio de 1908 a 1910) lamentava as condições lastimáveis que os mesmos se encontravam. Procurando modificar o Largo do Rosário, mandou vir do Rio de Janeiro um grupo de calceteiros para fazer a pavimentação dos caminhos daquela praça, com mosaico português. (TONON, 1996. p.31)

O Largo do Rosário foi novamente reformado e ajardinado em 1912 e recebeu uma herma de um campineiro ilustre, mas o piso se manteve. As residências e estabelecimentos comerciais a sua volta eram também os mais importantes pontos de encontro da cidade e o próprio espaço era lugar de atividades, festas e exposições que marcavam a vida da cidade desde os tempos do império. Mas as sombras das

frondosas arvores, que abrigavam bancos muito usados pela população, desapareceu em 1933 com a derrubada de todas a vegetação, onde viviam até mesmo bichos-preguiça (GOULART, 1983, p.98). Esta derrubada de grandes árvores, que foi feita durante uma única noite e se constituiu em fato muito lamentado pela população, foi determinada para que no lugar delas já aparecesse uma ampla praça, prenúncio das obras previstas no Plano de Melhoramentos Urbanos de Prestes Maia. Aproveitando o piso de desenho floral *Art Nouveau* já existente desde 1910, reorganizou-se o Largo do Rosário com parques canteiros aumentando-se a área de mosaico e um monumento em homenagem a Campos Salles, de linhas *Art Déco* foi construído. Destituído de bancos ou arvores, mudou-se inteiramente a feição do largo, expondo-se as fachadas dos edifícios que o delimitavam. (Figura 68)



Figura 68. Largo do Rosário, Centro em 1934: piso de desenhos *Art Nouveau* colocado em 1910. Acervo MIS, Campinas, SP

E apesar do belo e elaborado desenho floral do piso, o segundo da utilização da pedra portuguesa na cidade, logo em seguida, em 1935 mais uma reforma novamente transformou o Largo do Rosário com o alargamento das ruas lindeiras: No desenho não havia lugar para canteiros ou bancos: somente o monumento central, duas esparsas fileiras de árvores e luminárias de ferro compunham o ambiente, e depois de retirado o 1º piso com desenho floral, este foi refeito com mosaico de desenho geométrico, em linhas retas combinando com o monumento central, desenho este em estilo *Art Déco* que também podia ser denominado *fascista* (MONTEIRO, 2001, p.43) por seu aspecto de inspiração nos valores estéticos neoclássicos: uma larga grega em toda a volta do perímetro encerrando quadrados escuros enfileirados por toda a área do retângulo central do antigo Largo. (Figura 69)



Figura 69. Largo do Rosário em 1935 in Campinas de Ontem e de Hoje, Campinas, SP: Empresas Lix da Cunha, 1988

Depois da demolição da Igreja do Rosário em 1956 para as obras de alargamento da Avenida Francisco Glicério, estas constantes do plano de melhoramentos Urbanos de Prestes Maia, o largo é novamente reformado no fim dos anos 50. Com projeto *moderno* do arquiteto campineiro Renato Righetto, teve o monumento a Campos Salles transferido para outra praça, ganhou uma marquise em três de seus lados revestida com mármore branco para abrigar pontos de ônibus, um palanque de madeira, um pequeno espelho d'água e algumas árvores. Seu piso foi refeito com padrão geométrico em mosaico português de listras pretas e brancas. (Figura 70)

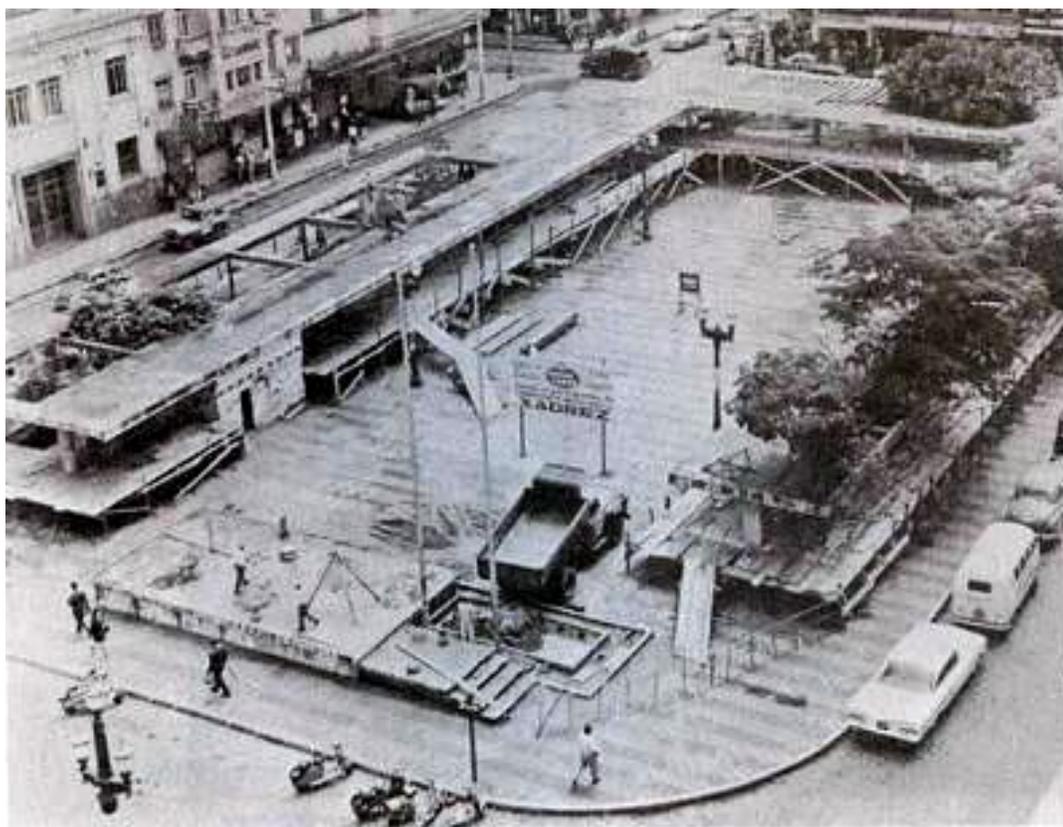


Figura 70. Largo do Rosário, Centro, durante a reforma do fim dos anos 50. Campinas, SP. Acervo do MIS

Com a deterioração das marquises o largo passou por outra reforma em 1996 que, voltando à concepção paisagística anterior, as retirou, recolocou algumas luminárias e postes antigos, manteve os poucos Ipês restantes e redesenhou o piso em mosaico de pedra portuguesa com o motivo neoclássico de moldura em meandros em pedras pretas sobre fundo claro, claramente semelhante ao projeto do desenho de piso de 1935. (CONDEPACC, processo 008, vol. 1- 4 p.75) e assim se encontra até os dias de hoje. (Figura 71)



Figura 71. A e B: Campinas, SP, Largo do Rosário, Centro, em 2010, Fotografias de Sergio Bisello, 2010. **C:** Largo do Rosário em 2007, Fotografia da autora, 2007

São notáveis as transformações deste importante espaço público que encerra história e referências memoráveis da cidade, através das quais se faz a leitura do ambiente e dos usos que se sobrepuseram ao longo de 160 anos. Neste enfoque o fato se ter sido tombado explicitamente como *espaço vazio* destinado ao encontro e comemorações da população de Campinas pelo CONDEPACC em 1996 “Deve ser mantido o espaço livre da praça com o objetivo de manter atividades sócio-culturais.” (CONDEPACC, Processo 008, vol.1-4, p.73, 1996). Tal destino reforça ainda mais a importância de seu piso sucessivamente pavimentado com o mosaico português, que tem papel relevante como suporte material e cenográfico qualificando as funções daquele espaço significativo, por se tratar de material duradouro que corretamente mantido pode garantir por muitas décadas as características da paisagem tradicional e a identidade do lugar.

Hospital da Real Sociedade de Beneficência Portuguesa, referências visuais da corte portuguesa no centro de Campinas

De acordo com o processo de tombamento do Hospital Beneficência Portuguesa (Processo 008/01, em 4 volumes, Agosto de 2001) concluído em 2006, o hospital da Real Sociedade Portuguesa foi construído em 1879 e passou por várias reformas de ampliação e adequação para atender à transformação e evolução dos tratamentos oferecidos. Em 1922 foi iniciada uma reforma segundo projeto de concepção de Ricardo Severo, arquiteto português que atuou no Brasil juntamente com Ramos de Azevedo, seguindo o estilo neocolonial inserido no ecletismo do período. Atendendo ao novo programa, se construiu um novo pavilhão ocupando parte da área central resultante da demolição da ala mais antiga e criando uma entrada monumental na Rua 11 de Agosto, com fachada e decoração no frontão, escadas simétricas e balcão com balaustrada, onde se insere um jardim frontal com piso de mosaico português. “Portões de ferro decorados com motivos alusivos à glória do povo português nas navegações, o globo armilar, com destaque para o monograma da Real Sociedade Portuguesa e muros apresentando balaustrada” são ilustrados na página 70 do 4º volume do processo de tombamento. Nessa época também foi assentado o piso da Praça Luis de Camões, que fica em frente ao Hospital. Das páginas 67 a 73 do 4º volume do processo encontra-se a história da reforma, comissionada a Severo. Depois da referida reforma tem havido outras modificações e ampliações da área construída, mas a entrada e fachada continuam como Severo desenhou, com poucas modificações.

O processo de Tombamento do Hospital Beneficência Portuguesa consta de quatro volumes, totalizando 425 páginas de documentos. Há plantas de diversas épocas (Figura 72 e 75) levantamentos atuais, fotografias antigas e da época do processo, cópias de artigos veiculados em jornais e livros de historiadores de Campinas.

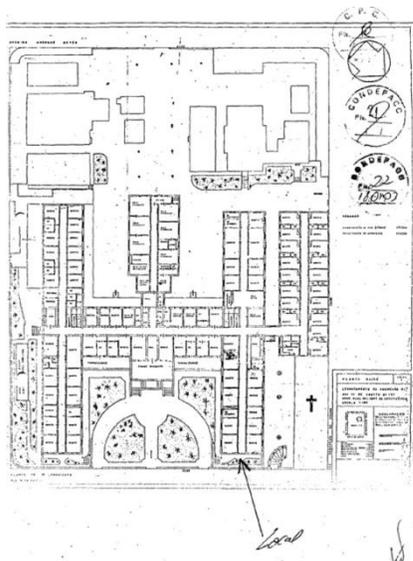


Figura 72. Planta Hospital Beneficência Portuguesa, Campinas, constante do Processo de Tombamento 008/01, vol. 1 - 4, do CONDEPACC Sem data

Entretanto, não se encontra nenhuma descrição, desenho, foto ou referência explícita aos desenhos dos mosaicos, que aparecem sem destaque ou quaisquer detalhes – e em apenas quatro fotos – nos quatro volumes do processo de tombamento. Nas plantas não são registrados o mosaico do jardim frontal (Figura 73) com desenhos e bordaduras filigranadas em pedras pretas, brancas e avermelhadas, imagens que remetem à origem lusitana da instituição, com destaque para a grande caravela singrando um mar revolto.



Figura 73. Hospital da Real Beneficência Portuguesa, Centro. Piso das áreas internas. **A:** Caminho e **B:** Caravela. **C:** Calçada externa. Campinas, SP

As passagens externas que levam à capela do hospital e a outras áreas, também apresentam aprimorado trabalho em mosaico. O parecer final, contido na página 16 do 4º volume datado de 9 de Março de 2006, aprova por unanimidade

“O tombamento do Hospital Real Sociedade Beneficência Portuguesa, da área envoltória do quarteirão 108, das fachadas, salão nobre e capela. Na área externa, na divisa com a Rua 11 de Agosto, os muros, os gradis, as luminárias ornamentais antigas e o passeio de mosaico português”. (CONDEPACC Processo Tombamento Beneficência Portuguesa, 2006)

Nestas frases está a única referência aos mosaicos no processo de tombamento. A falta de inventário descritivo e documental sobre os elementos do piso externo do edifício, bem como do paisagismo do jardim, em nada contribui para sua preservação e eventual restauração.

Analisando-se outra referência, a artista Fúlvia Gonçalves retrata a fachada e entrada do referido hospital em seu livro pictórico “Testemunhos do passado campineiro” (GONÇALVES, 1986), mas ali também o mosaico do piso não se faz retratar. (Figura 74)



Hospital da Beneficência Portuguesa
Rua 11 de Agosto.

Figura 74. Hospital Beneficência Portuguesa em desenho de Fúlvia Gonçalves. in GONÇALVES, 1986

Praça Luis de Camões, espaço esquecido que mantém características originais

Na quadra em frente ao hospital situa-se a Praça Luis de Camões, que teve seu processo de tombamento iniciado em 2001 e concluído em 2008. Segundo documentos do processo, que somam 108 páginas em 2 volumes a praça, localizada no quarteirão 142, hoje denominada “Luis de Camões”, foi inicialmente chamada Largo da Beneficência Portuguesa logo após a inauguração do hospital em 1879, passando a se chamar Praça Luis de Camões em comemoração ao tricentenário do poeta português em 1880, sendo então reconhecida como logradouro público. Em 1884, comemorando a visita da Princesa Isabel, foram plantadas espécies arbóreas exóticas. Em 1922 foi inaugurado busto de Camões feito pelo escultor italiano José Rosada e em 1928 foi colocado mosaico português no piso.

No processo há cinco plantas, uma delas, de 2008 (Figura 75 B), com a localização de espécies vegetais significativas e outra datada de 1929 com localização da praça na malha urbana, desenhos dos canteiros e edificações relevantes do entorno. O processo cita que a planta da praça, de 1929 (Figura 75 A) (CONDEPACC Processo de

tombamento 009 vol. 1 p.15) constante deste, foi comparada a fotos da época do estudo para o tombamento e que o desenho dos canteiros e mosaicos em pedra portuguesa do piso permaneciam inalterados, podendo-se compará-la com a planta feita no levantamento em 2008 (CONDEPACC Processo de tombamento vol. 2 p.43).

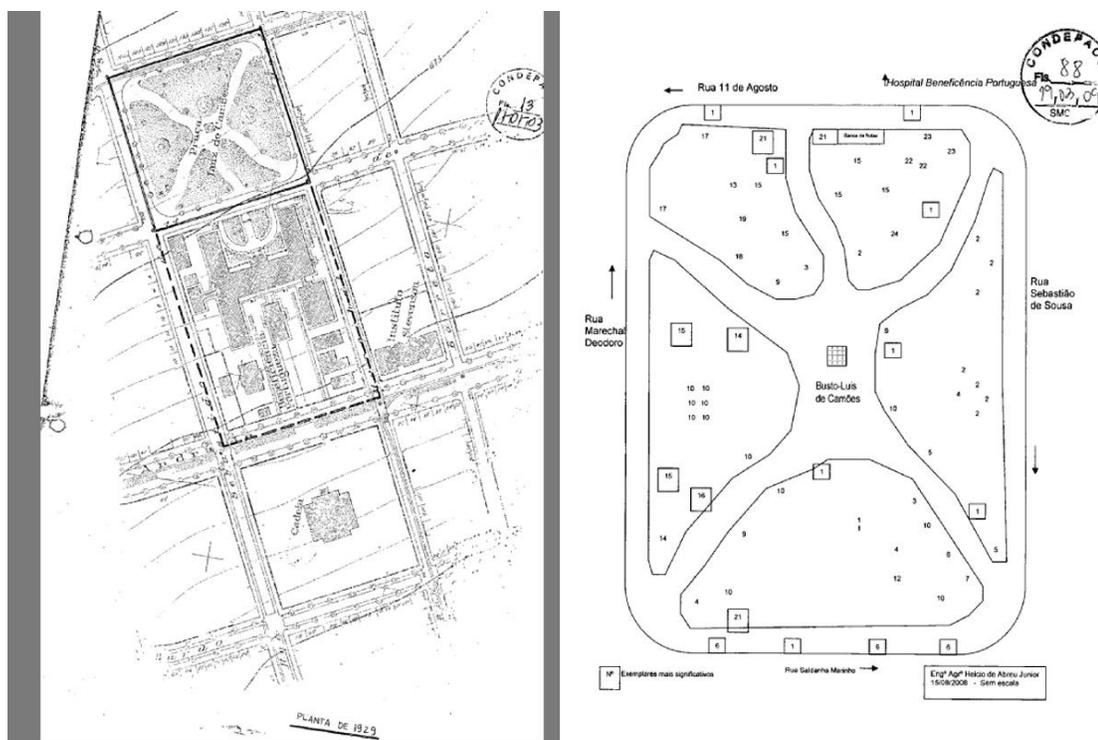


Figura 75. Plantas do Processo de tombamento 008/01 do CONDEPACC. A: Planta de 1929, mostrando a Praça e o hospital. B: Planta de 2008, que não foi fiel à forma quadrada da praça

Há 22 fotos no processo, aparecendo o piso de mosaico em oito delas em plano geral, sem intenção de detalhamento mais apurado, de registro sistemático ou descrição do desenho, motivos, cores e materiais do piso em pedra portuguesa. O parecer final, de 18 de dezembro de 2008, que está nas páginas 53 e 54 do volume 2, recomenda o tombamento dos bens da praça, a saber: todos os exemplares de 5 espécies vegetais, o monumento/busto de Luis Vaz de Camões, o desenho dos canteiros e seu traçado de caminhos internos, o desenho do calçamento tipo mosaico português, e a área envoltória, que compreende os lotes lindeiros ao perímetro da

praça. No artigo 5, o documento informa que faz parte da resolução “o mapa de localização, do traçado interno da praça, do monumento e de suas áreas envoltórias.”

Observação e registro da Praça Luis de Camões e seu piso em mosaico português

Hoje ainda podemos observar o antigo piso original de mosaico dos caminhos internos da praça (Figura 76 A e B e Figura 80) com motivos florais e arabescos em pedras pretas e detalhes em pedras avermelhadas, sobre fundo de pedras claras amareladas além das gregas e motivos geométricos em preto e amarelado, que correm nas calçadas ao longo do perímetro da praça (Figura 76 C)



Figura 76. A e B: Desenhos florais *Art Nouveau*. **C:** Grega na calçada da Praça Luis de Camões, Centro Campinas, SP, Fotografias da autora

A praça tem forma de quadrado de 80 metros de lado com área ajardinada e arborizada cortada por cinco passeios, cada um com diferentes desenhos em mosaico português. (Figura 84) No centro da Praça há um pedestal com o busto de Camões e no piso à sua volta há quatro grandes borboletas coroadas, ramos e flores. Inscritos em cinco círculos avermelhados nas asas das borboletas se encontraram assinaturas dos calceteiros executores da placa, por meio de desenhos monocromáticos, feitas com

pedras da mesma cor do fundo, especialmente cortadas em triângulos formando sóis rodeados por raios triangulares. (Figura 13) Ao se comparar as quatro borboletas que hoje podemos observar no piso da Praça Luis de Camões com a fotografia do primeiro piso de mosaico português do Largo do Rosário em 1910, o segundo assentado na cidade com essa técnica, reconhece-se que os gabaritos da placa do Rosário (Figura 77 A), executada por calceteiros trazidos do Rio de Janeiro pela prefeitura, foram usados 12 anos depois na Praça Luis de Camões. (Figura 77 B)



Figura 77. A: Borboleta do piso *Art nouveau* Largo do Rosário, obra de 1910. Fotografia de 1934 do acervo do MIS, Campinas. (Ver canto inferior direito da Figura 68) **B:** Borboleta do piso da Praça Luis de Camões, obra datada de 1922, em foto de 2011. Fotografia da autora



Figura 78. Cenário da Praça Luis de Camões. **A:** Portão do Hospital Beneficência Portuguesa e palmeiras imperiais. **B:** Busto de Camões e árvores seculares, na praça de mesmo nome. Campinas, SP. Fotografias da autora

No mosaico em frente ao pedestal está a data de 1922 inscrita em uma estrela de seis pontas denotando, assim como a placa em metal na base do monumento, a época de inauguração do mosaico e do busto: o centenário da Independência do Brasil. (Figura 81 E) Não obstante o processo de tombamento do CONDEPACC informar que o piso em mosaico foi assentado em 1928. Pode-se notar que os desenhos do piso da praça têm relação direta com imagens da ornamentação das calçadas de Portugal, como exemplo a coroa sobre a esfera armilar, presente nas armas de D. João VI, esfera esta tradicional na simbologia da cultura da coroa portuguesa e de suas explorações marítimas, em piso de Portugal (Figura 79 A) com assinatura no círculo central, e o desenho similar do mosaico português do piso da Praça Luis de Camões em Campinas. (Figura 79 B)



Figura 79. A: Esfera armilar em piso em Portugal. Fotografia de Ernesto Matos in MATOS, 2006.
B: Detalhe do piso da Praça Luis de Camões, Campinas, SP, Fotografia da autora. 2010

A Praça Luis de Camões se situa próxima às estações ferroviária e rodoviárias e hoje existem hospitais, comercio e prédios residenciais no seu entorno, área que não mais é valorizada como residencial, como foi no tempo de sua urbanização ainda na época imperial. A região também não tem passado recentemente por modificações importantes na estrutura viária. Assim a praça se constitui num espaço esquecido da cidade, utilizado como passagem de transeuntes que se dirigem um conjunto de pontos de ônibus nas imediações e como área de estar por moradores de rua. Constatou-se que a varrição é feita em dias alternados por garis que amontoam detritos ao longo dos caminhos da praça para serem recolhidos por um caminhão da concessionária da limpeza pública. (Figura 82) O veículo pesado transita nesses dias sobre a antiga placa de mosaico que não foi assentada de modo a suportar o enorme peso do veículo, pois tal mosaico foi executado da forma antiga, com pouco cimento na base e no rejunte destinado somente para o transitar de pedestres. Já são aparentes afundamentos e buracos no conjunto.

Nota-se que em alguns locais no interior da praça e principalmente nas calçadas do perímetro, pedras foram recolocadas para recompor falhas, mas sem o cuidado do uso de pedras das mesmas dimensões das originais ou nem mesmo de recompor os desenhos em vários locais. A sujeira acumulada por décadas sobre as pedras dificulta a observação dos primorosos desenhos e uma limpeza por meio de lavagem cuidadosa poderá revelar mais detalhes do esmerado desenho do piso concorrendo para sua visibilidade, observação e restauro. Na tentativa de registrar os preciosos desenhos foi feito um primeiro croquis dos caminhos e bordadura das calçadas durante a presente pesquisa.



Figura 80. A: borboleta; **B, C e D:** Motivos vegetais. Desenhos do piso da Praça Luis de Camões, Centro, Campinas, SP, Fotografias da autora 2010



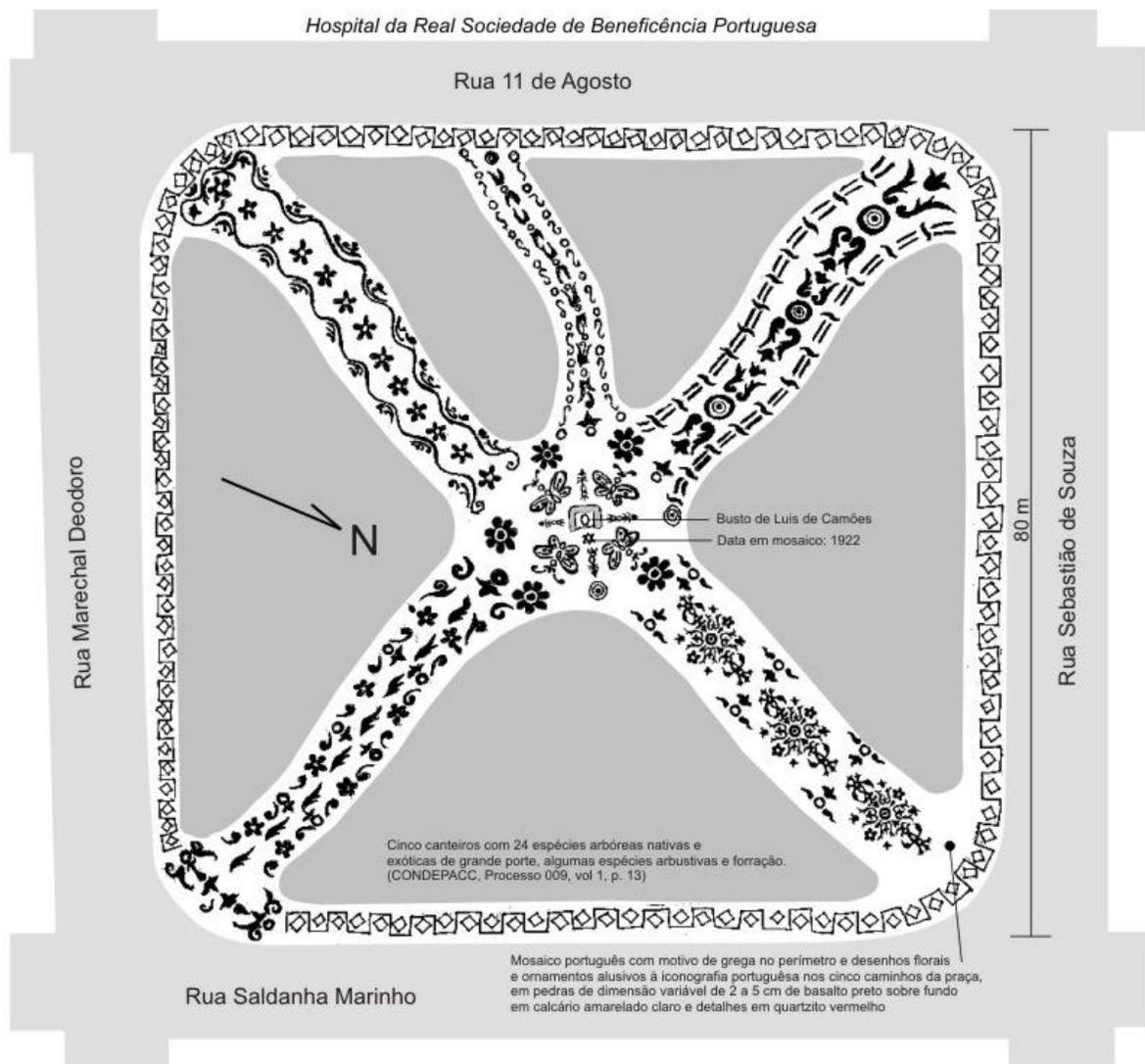
Figura 81. Detalhes do piso da Praça Luis de Camões. Centro, Campinas, SP. **A:** Motivos florais; **B:** Caminho; **C:** Assinatura; **D:** Arabescos; **E:** Data e **F:** Assinatura do calceteiro inserida num desenho. Fotografias da autora, 2010



Figura 82. Veículos da Empresa Concessionária da Limpeza Pública, frequentemente transitam e estacionam sobre o piso executado unicamente para a passagem de pedestres no ano 1920. Fotografia de abril de 2011. Praça Luis de Camões, Centro, Campinas, SP, 2011. Fotografia da autora



Figura 83. A: Ponto de parada de ônibus. **B:** Rampa e faixa tátil: Obras recentes desconsideram e fragmentam o piso antigo. Praça Luis de Camões, Centro, Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora



Praça Luis de Camões, centro de Campinas - Croquis do Desenho do piso original datado de 1922

Elaborado pela autora em abril de 2011

Figura 84. Registro gráfico dos ornamentos do piso. 2011. Croquis Praça Luis de Camões, registro do mosaico português. 2011. Desenho da autora

Instituto Agronômico de Campinas, Jardim Guanabara

Outro exemplo é de uma das mais importantes e tradicionais instituições campineiras, o Instituto Agronômico, criado em 1887 pelo imperador Pedro II, como Imperial Estação Agronômica nas terras do Barão de Itapura, no bairro Guanabara. Foi loteado em 1881, recebendo iluminação a gás em 1898 (GOULART, 1983, p.126 e 127), numa grande gleba que foi sendo edificada com casas, estufas e edifícios administrativos. Foi tombado em 2003, pelo CONDEPACC, como se segue na seguinte resolução:

“O Instituto Agronômico de Campinas foi fundado em 27 de junho de 1887, com finalidade inicial de desenvolver o setor cafeeiro e as demais culturas de importância à economia do Estado, por um decreto do Imperador do Brasil, D. Pedro II, sendo o Ministro da Agricultura o Conselheiro Antonio Prado. Por ser o país essencialmente agrícola, e nesta época não existirem técnicos e cientistas do ramo, o Governo Imperial decidiu contratar um cientista estrangeiro para dirigir a Estação Agronômica, com intuito de conduzir os trabalhos agrícolas iniciais e preparar técnicos no país, o cientista foi o Dr. Franz W. Daffert de origem alemã.”

"A escolha de Campinas para a sede dessa Estação Agronômica obedeceu a razões de ordem econômica, histórica e geográfica. A cultura cafeeira já havia se deslocado do Rio de Janeiro para São Paulo. As possibilidades de incremento da área em cultivo pertenciam à Província bandeirante. Campinas era o eldorado dos fazendeiros de café, e dela irradiavam os caminhos para quase todas as regiões ainda não desbravadas" (Processo CONDEPACC, 005, 29/07/2000)

O processo, que conta com 4 volumes totalizando 356 páginas, tombou o Prédio Dom Pedro II, o Prédio Antonio Prado, o Prédio Franz W. Daffert, (Figura 85) estufas, a antiga casa da diretoria, arboretos do parque do IAC e envoltório, como fica explícito na resolução final documentada nas páginas 36 e 37 do volume 4.



Figura 85. Prédios tombados e seus mosaicos. **A:** Edifício D. Pedro II, **B:** Edifício Franz Daffert, **C:** Edifício Conselheiro Antonio Prado e **D:** Casa do Diretor. Campinas, SP, IAC - Instituto Agrônômico de Campinas. Fotografia da autora

Nos volumes precedentes há descrição dos edifícios tombados e inventários das espécies vegetais do arboreto. Os documentos do processo somente mencionam a respeito do mosaico português que adorna os caminhos do arboreto e as calçadas das ruas perimetrais no conciso trecho sobre o Prédio Dom Pedro II:

“O Calçamento das ruas externas ao prédio é feito com pedra portuguesa onde o contraste entre pedras bege e cinza foi utilizado no desenho do piso” (Processo CONDEPACC, 005, Volume 2-4, p. 59)

O tombamento contempla 9 edifícios, o arboreto e

“Traçado do jardim do IAC composto por seus canteiros, caminhos e equipamentos: luminárias com base em alvenaria ornamental e ferro fundido”. (Processo CONDEPACC, 005, vol. 4 - 4, p.36)

Não citando nem registrando graficamente ou por meio de fotografias a existência dos primorosos mosaicos com desenhos de inspiração neoclássica que adornam todos os caminhos do jardim e as calçadas externas na avenidas Barão de Itapura e Brasil.

Tais mosaicos, elaborados com três diferentes cores de pedra, pretas, avermelhadas e claras (bege amareladas), apresentam molduras, florões, rosetas com motivos florais geometrizados, motivos orgânicos representando formas vegetais, flores-de-lis trilobadas que denotam nobreza e uma grande folha de palmeira de inspiração neoclássica na calçada de sua monumental entrada principal na Avenida Barão de Itapura. (Figura 86 A e 92 A) A iconografia desses ornamentos carece de ser estudada a fundo relacionando as formas, origens e estética do período. A folha de palmeira (*palmette*) ladeada por volutas²⁰ (GROSSMAN, 2001, p. 93 e 111) também similarmente a concha de São Tiago por exemplo, é ornato recorrente em edifícios campineiros do período, aparecendo na Catedral (GONÇALVES, 1986, p. 41) (Figura 86 B) e até em bebedouro público do centro da cidade, da época dos chafarizes ainda no período colonial. (GOULART, 1983, p.104) (Figura 86 C)

²⁰ Elementos decorativos tradicionais da Grécia antiga.



Figura 86. **A:** Entrada do Instituto Agrônomo de Campinas, IAC; **B:** Ornamento da Catedral (GONÇALVES, 1986) e **C:** Bebedouro. (GOULART,1983) **A:** Fotografias da autora. **B:** Desenho de Fúlvia Gonçalves in GONÇALVES, 1986. **C:** Fotografia de bebedouro no centro de Campinas, primeiro quartel do século XX, in GOULART, 1983



Figura 87. **A:** Rosácea; **B:** Volutas e flor-de-lis; **C:** Desenho clássico com volutas. Fotos de 2010 Instituto Agrônomo de Campinas, SP, 2010. Fotografias da autora



Figura 88. Desenhos que se alternam nas calçadas externas do Instituto Agrônomo de Campinas na Av. Barão de Itapura, Campinas, SP. **A:** Faixas, flores-de-lis e volutas; **B:** Faixas e rosácea. Fotografias da autora

É importante notar que o festejado e histórico Instituto Agrônomo, que já conta com 124 anos, não possui em sua biblioteca, qualquer registro ou publicação que faça menção ao projeto ou desenho de seu importante parque urbano, conforme pesquisa efetuada para o presente trabalho, nada informando sobre a concepção paisagística, desenho de canteiros e sobre os preciosos mosaicos portugueses que adornam o piso dos jardins e calçadas externas. Não se houve êxito em obter qualquer informação a respeito dessa característica tão preciosa e ao mesmo tempo desconsiderada que é o bonito piso de mosaicos deste conjunto arquitetônico tão significativo e emblemático de Campinas.

As Figuras de 86 a 93 ilustram os detalhes dos mosaicos das calçadas e caminhos internos do IAC e a Figura 90 mostra o belo desenho de Fúlvia Gonçalves (GONÇALVES, 1986) referente à entrada principal, no qual o desenho do piso também não foi ilustrado.



Figura 89. A e B: Desenhos do piso do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Campinas, SP de inspiração botânica e clássica. Fotografias da autora

O piso do Instituto Agrônomo tem sofrido visíveis danos devido à falta de manutenção e mau uso, tanto nas áreas de calçadas externas, inclusive devido às obras da própria prefeitura de Campinas nos pontos de ônibus. (Figura 92 B) Nos jardins internos não há melhor situação, e se verificou danos sofridos pelo piso em muitos pontos quando da utilização das dependências do IAC para mostras de decoração em

2009 e 2010, com colocação de estruturas para passarelas, cobertura dos mosaicos com outros tipos de piso e modificação na forma dos canteiros. (Figura 91)

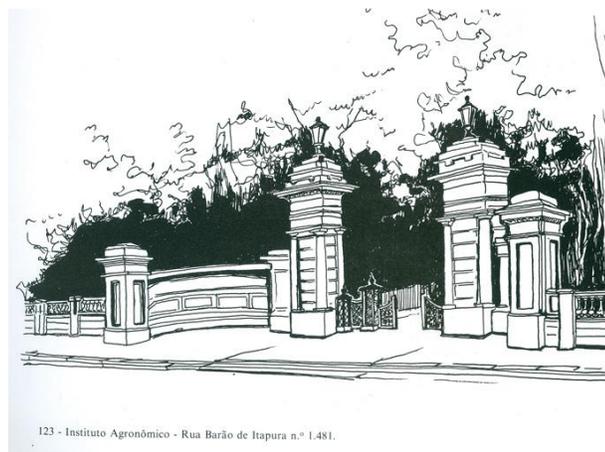


Figura 90. Entrada do IAC em desenho de Fúlvia Gonçalves in GONÇALVES, 1986



Figura 91. Instituto Agronômico de Campinas, piso de mosaico recoberto em exposição em Maio 2010
Campinas, SP, 2010. Fotografia da autora

A monumental entrada na Avenida Barão de Itapura se encontra em lastimável estado de abandono propiciado por desuso e falta de manutenção e limpeza, apresentando remendos mal executados e crescimento de ervas daninhas sobre os elaborados desenhos. As calçadas apresentam falhas com falta ou reposição

inadequada de pedras. As guias são de granito rosado, compostas de peças especiais lavradas a mão, trabalho que já não se faz no século XXI.



Figura 92. A: Entrada principal (monumental) em mosaico e **B:** calçada externa do IAC na Avenida Barão de Itapura deterioradas, abandonadas sem manutenção e limpeza. Fotos de 2011. Campinas, SP Fotografias da autora



Figura 93. A, B, C, D, E e F: Desenhos dos caminhos internos dos jardins do Instituto Agrônomo de Campinas, IAC. Campinas, SP. Fotografia da autora, 2011

Casa da Banda Carlos Gomes, da Corporação Musical Carlos Gomes no centro de Campinas

Dos tombamentos de edifícios efetuados pelo CONDEPACC que notadamente possuem antigos pisos de mosaico português em suas dependências ou no envoltório, a casa da Banda Carlos Gomes, situada na Av. Benjamin Constant, no centro de Campinas, é a única que conta com um desenho do mosaico de sua calçada ilustrado na planta constante do processo. O estudo de tombamento foi aberto em 2001 e concluído em 2005. (Processo CONDEPACC, nº 006 vol. 4, p.45) Segundo a descrição do processo que consta de 4 volumes totalizando 274 páginas,

“Na data de 04 de julho de 1895 foi fundada a Banda Ítalo-Brasileira, que se tornaria uma das corporações musicais mais significativas no cenário cultural da cidade, sendo em determinado período, considerada a banda mais importante do interior do Estado. O prédio foi erguido para ensaios e apresentações musicais, sendo o primeiro imóvel com essas características de Campinas. No dia 04 de julho de 1931 dá-se a inauguração do edifício, tornando-se sede de uma instituição que seria centenária, como é o caso da Banda Carlos Gomes.”

No volume 2 do processo há levantamento das condições do imóvel constando projetos de restauro de 3 arquitetos com dezenas de fotos, desenhos de plantas, cortes e elevações e até mesmo algumas fichas descritivas indicando patologias do edifício. Mas somente em uma planta de levantamento do imóvel, na página 82 do volume 2, aparece um desenho não detalhado da lira de mosaico português que adorna a calçada. (Figura 94 A) Tal lira é referência pictórica no plano do piso à outra, mais elaborada em relevo, que adorna o centro da platibanda da fachada. (Figura 94 B) Nenhuma foto registra o desenho do mosaico da calçada, este de fundo claro onde se destaca a lira ladeada pelas letras C e I, em pedras pretas, das iniciais do primeiro nome da Corporação Musical Carlos Gomes, que antes da segunda guerra mundial se chamava Corporação Musical Ítalo-brasileira. (Figura 95 B)

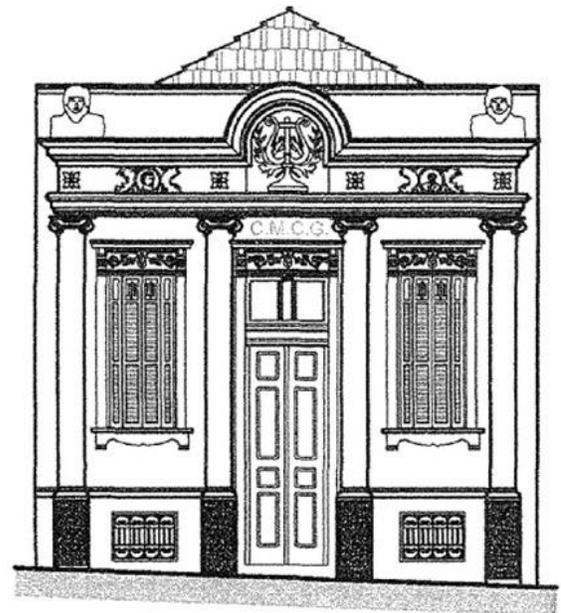
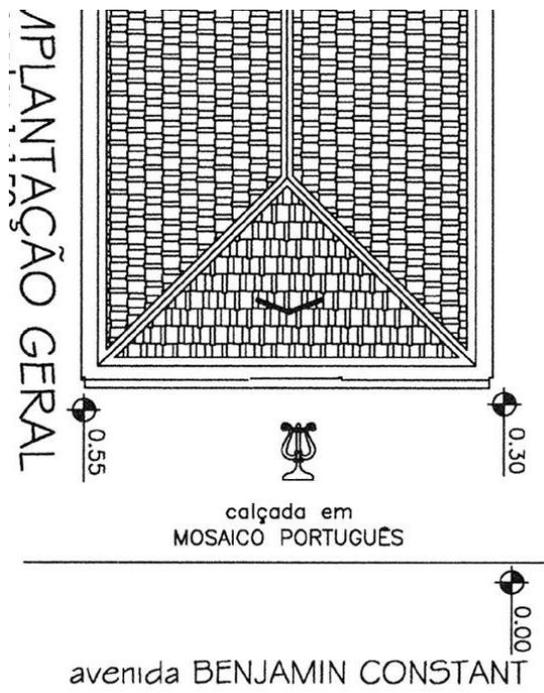


Figura 94. A: Lira no detalhe da planta de implantação e **B:** na fachada ornamentada, CONDEPACC, Campinas, SP



Figura 95. A: Lira na platibanda. **B:** Desenho em mosaico na calçada. Campinas, SP. Fotografias da autora

Cemitério da Saudade no bairro Ponte Preta

O Cemitério da Saudade, antigo Cemitério do Fundão foi inaugurado em 1881 e abarcou em sua área cemitérios de irmandades já existentes abrigando também despojos que já estavam em outros cemitérios da cidade. Foi tombado em 2004 por ser considerado sítio histórico, paisagístico, arquitetônico, artístico, monumental e antropológico pelo Processo 002 do CONDEPACC. No processo são citados como bens e locais a serem preservados: seu traçado, a praça, a alameda com palmeiras imperiais plantadas no início do século XX, a avenida principal e sua pavimentação de ladrilho hidráulico canelado de 1913, o mosaico português da rua-eixo do ossuário de 1914 e das avenidas secundárias de 1920, além do pórtico atribuído a Ramos de Azevedo (LAPA, 1996, p.35), alguns monumentos e capelas. No processo não há fotografias ou maiores descrições sobre o mosaico do piso como há de outros itens, como capelas e esculturas.



Figura 96. A: Entrada monumental do Cemitério da Saudade e alameda de palmeiras. **B:** Detalhe data. Campinas, SP. Fotografias da autora

Em documento do processo há a indicação de necessidade de preservação das vias internas, corrigindo falhas de pedras e afundamento de piso. (Processo CONDEPACC, 002, Vol. 5 -8, p.1 e 5.) Como nota Lapa (1993, p.333)

“O Cemitério do fundão, hoje o Cemitério da Saudade, o mais antigo e maior de Campinas, um dos espaços mais representativos da memória histórica da cidade, onde se destaca admirável conjunto de arte tumular – esculturas, adornos, túmulos e mausoléus – obra em grande patê de artesãos, valiosos marmoristas do ultimo quartel do século XIX e do primeiro quartel do século XX”

O cemitério refletiu a opulência da cidade e também

“A discriminação social que ficou perpetuada no Cemitério da Saudade não deixa de reproduzir o que ocorria na sociedade que lhe deu origem.”
(LAPA, 1993)

Lapa ressalta que a ostentação e localização das sepulturas dos mais abastados foram concentradas em determinadas alamedas, relegando os jazigos dos mais pobres a locais mais distantes. Observa-se hoje que também no tratamento do piso o Cemitério da Saudade reproduziu o que se via na cidade, determinado pela legislação: áreas mais nobres calçadas com mosaicos portugueses e a periferia sem o mesmo tratamento. Os mosaicos das avenidas e ruas do cemitério, com vários trechos já deteriorados, apresentam desenhos que remetem ao imaginário da época do início do século XX. Grandes mandalas nas confluências das ruas, motivos geométricos, flores-de-lis, arabescos, florões e bordaduras em grande variedade foram assentadas com três cores de pedras de corte miúdo (de 2 a 5 cm de lado nas faces).



Figura 97. **A:** Caminho interno do Cemitério Da Saudade, Campinas, SP, com piso em florão, **B:** Desenho no cruzamento de caminhos. Fotografias da autora



Figura 98. Desenhos do piso do Cemitério da Saudade, 2011. **A:** Mandala. **B:** Losangos. **C:** Bordadura geométrica. **D:** Círculos entrelaçados. **E:** Louros. **F:** Flor-de-lis. Fotografias da autora

Jardim Carlos Gomes, Centro de Campinas

O Jardim Carlos Gomes nomeado em memória do maestro campineiro situa-se no centro de Campinas, entre as ruas Boaventura do Amaral, Conceição, Irmã Serafina e General Osório.

Segundo o Processo de Tombamento do Jardim, (CONDEPACC, 001, v. 1 – 4, 200 p.) a área brejosa até então utilizada para despejo de dejetos da cidade recebeu melhorias ainda nos anos 1880: chafariz e palmeiras imperiais no seu perímetro. Durante a gestão de Heitor Penteado em 1912, Ramos de Azevedo propõe novo desenho criando ambiente acolhedor e propício à sociabilidade, desenhando canteiros sinuosos, coreto filigranado em metal, pequeno lago e bancos segundo o gosto pitoresco daqueles tempos, do Romantismo do século XIX. (CONDEPACC, 001, v.4, p.10) O jardim, que foi inaugurado em 1913, aparece com seu projeto executado com esmero na ilustração do Álbum de Campinas de 1922 da Casa Genoud (ANDRADE, 1922) com calçadas do perímetro e caminhos pavimentados com mosaico português (LIMA, 2000, p.124) e as palmeiras que já alcançavam altura e impressionavam pela beleza do conjunto. (Figura 25).

Na década de 1930 algumas praças são remodeladas e em 1934 a prefeitura contrata o paisagista Reynaldo Dierberger para fazer projeto de melhorias principalmente para os canteiros e vegetação.

Somente em 1995 o Jardim Carlos Gomes passou por outra reforma com manutenção dos desenhos do piso, restauração do coreto e preservação do traçado original. O Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas conforme orientação do conselheiro Antonio da Costa Santos resolve que: “Deverão ser mantidos os mosaicos portugueses sendo apenas substituídos onde for necessário. Desenhos são ilustrativos de estereótipos musicais, liras e estrelas.” (CONDEPACC, 001 v. 3, p.8) (Figura 99). Assim na reforma de 1995, manteve-se o piso de mosaico português e onde havia possibilidade de restauro utilizou-se as pedras originais. Segundo a entrevista com o Sr. Marcos Grande²¹, a empresa Pedramista refez a placa de mosaico e uma parte original que se apresentava em melhores condições foi preservada ao longo da Rua Gal. Osório.

O tombamento que ocorreu em dezembro de 1998 e no nos quatro volumes do processo não constam desenhos ou fotografias ilustrando sistematicamente o mosaico, seu desenho e motivos. Seu desenho bicolor é limpo, sem muitos detalhes se

²¹ Entrevista 2. No Apêndice.

constituindo principalmente de faixas contrastadas que fazem bordadura ao longo dos canteiros e coreto. Em alguns pontos desenhos de estrelas e liras pontuam os caminhos. A notável vegetação de grande porte e o coreto *Art nouveau*, o pequeno lago com ponte e caixa de areia com playground completam o cenário tradicional da cidade.



Figura 99. Desenhos do piso do Jardim Carlos Gomes 2011 (mosaico restaurado na reforma de 1995.)
Fotografias da autora

Praça Prof^a Silvia Simões Magro. Antigo Largo São Benedito

O Largo São Benedito, localizado em área contígua ao centro velho da cidade do é delimitado pelas ruas Duque de Caxias, Irmã Serafina, Cônego Cipião e Boaventura do Amaral, região urbanizada nos limites da área urbana nos fins do século XIX. Fica

próximo ao Bosque dos Jequitibás, o primeiro parque dedicado ao recreio e lazer de Campinas, de projeto paisagístico de Ramos de Azevedo (MONTEIRO, 2009, p 74 e 75). Nessa época o local do Largo São Benedito era um descampado onde havia o cemitério dos cativos e também se instalou o 1º Grupo Escolar (hoje EEPG Francisco Glicério), a Capela São Benedito e o Circolo Italiani Uniti, (hoje a Casa de Saúde de Campinas, já bastante descaracterizada de seu projeto original) (MONTEIRO, 2009, p 85 a 93) (Figura 100 A), mais três obras de Ramos de Azevedo dos anos 1880

Segundo o Processo CONDEPACC 011, volumes 1 a 4, que foi aberto em 1989, a Praça Silvia Simões Magro foi tombada em 12 de Junho de 1995, juntamente com a EEPG Francisco Glicério e área envoltória. No mesmo há um inventário de espécies arbóreas de grande porte e planta do seu desenho de caminhos de pedestre que se cruzam em diagonal e se unem numa avenida central onde se erguem altas palmeiras imperiais. No entanto não há descrição de seu piso em mosaico português em três cores Monteiro (2009, p. 84) informa que a praça foi arborizada na primeira década do século XX. Também Siomara Barbosa de Lima (LIMA, 2000, p.117) cita que o largo foi ajardinado em 1913 na gestão de Heitor Penteado. Pelo tipo de desenho floral, pelo tamanho das pedras que só chegam a 6 cm nas faces , podemos perceber que o logradouro pode ter sido calçado ainda na gestão de Heitor Penteado , de 1911 a 1920, quando diversas áreas publicas receberam melhorias, e entre elas foi executada reforma no Jardim Carlos Gomes com calçamento de mosaico português (LIMA, 2000, p.124). O piso do antigo Largo São Benedito hoje apresenta grandes florões tricolores compostos com o molde da *onda*. (Figura 100, B e C) e bordadura sinuosa bicolor nas calçadas do seu perímetro. (Figura 100 D) A placa está em bom estado de conservação, embora apresente grossa camada de sujeira assentada ao longo dos anos, o que impede a visualização dos motivos ornamentais.



Figura 100. A: Casa de Saúde de Campinas. B, C e D: Piso da Praça Profª. Sílvia Simões Magro, antigo Largo São Benedito. XX Empresa Pedramista. Moldes/gabaritos da onda. Fotografias da autora

O CONDEPACC informa que todos os documentos referentes aos bens tombados em Campinas estão disponíveis *on line*²², portanto não há fichas de inventário para levantamento criterioso de condições físicas e patologias dos referidos bens. Fato que se torna mais um entrave à preservação dos mesmos

²² Encontrados na página web <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-tombados/listaBens.php> Acesso em Maio de 2011

Imóvel no centro de Campinas, Rua Luzitana 1117

Na importante publicação “Testemunhos do passado campineiro” (GONÇALVES, 1986) que consta tanto no texto de Jaime Pinsky “Uma caminhada nostálgica” e de Benedito Barbosa Pupo “As construções antigas de Campinas”, quanto no registro gráfico “Cento a Sessenta e Nove Desenhos a Traço, a Nanquim, do Passado Campineiro” de Fúlvia Gonçalves, verifica-se a falta de visibilidade dos mosaicos antigos que desde os primeiros anos do começo do século XX adornam os passeios públicos e praças da cidade. Somente em uma única prancha (Figura 102) a autora registra brevemente sem os detalhes do contraste de cores, o antigo desenho do piso de uma calçada campineira na frente do imóvel da Rua Luzitana nº 1117, no centro antigo de Campinas. (Figura 101 A e B)



Figura 101. A: Fachada de imóvel na Rua Lusitana, **B:** Piso de mosaico floral na calçada. Fotografias da autora



92 -Fachada com porão alto,
hoje transformada em pensão.

Figura 102. Fachada do imóvel Rua Luzitana, em desenho de Fúlvia Gonçalves in GONÇALVES, 1986
ilustra o desenho do piso em mosaico

A partir da observação das calçadas adornadas de Campinas percebe-se a crescente destruição de exemplares com a segmentação da continuidade sofrida com a substituição por outros tipos de piso, cimentados ou até mesmo por mosaico português com paginação diversa do resto da quadra e exclusiva de cada testada de lote. A segmentação dos motivos contínuos tem causado uma sucessão de diferentes tipos de pavimentação ao longo da mesma quadra. Essa variedade de tipos, em grande parte inadequados ao transitar a pé, prejudica a compreensão do espaço de circulação e não favorece a acessibilidade proporcionada quando a rua é calçada com um só tipo de piso. Os inventários de tombamento analisados não contemplam os mosaicos e a consequente contribuição para a preservação de alguns exemplares não se verifica. A adequação da preservação de características materiais e artísticas do patrimônio público às necessidades da vida urbana no século XXI é tarefa necessária para adequar a identidade da cidade a novos usos e demandas.

Muito se estuda atualmente em relação à acessibilidade a ser proporcionada a usuários com necessidades diversas em todos os espaços de uso coletivo. As práticas projetuais do desenho universal visam a generalização dos usos e a facilidade de acesso e inclusão da maior parcela possível de usuários. Em algumas cidades brasileiras a remoção dos antigos pisos de mosaicos tem sido creditada à necessidade de substituição por pisos mais adequados às atuais normas de acessibilidade, mas tal motivo não se verifica verdadeiro pois o mosaico português adequadamente assentado, corretamente nivelado e regularmente mantido é durável, muito resistente ao desgaste mecânico, relativamente permeável à água, antiderrapante, adaptável às rampas, desníveis, inclinações e curvas e às variações de área pavimentada: das mínimas aos grandes espaços abertos, e finalmente, como característica muito importante, há a possibilidade de reutilização do material rochoso. (ALMEIDA, 2005, p.103, no Anexo.). Assim também Sitte (1992), autor contemporâneo das reformas urbanas que ocorreram em várias cidades do mundo, entre elas Campinas, discorre sobre a necessidade de contemplar necessidades técnicas e também artísticas no desenho da cidade:

“mesmo a renúncia às numerosas belezas pinturescas e à crescente importância das reivindicações da higiene e do tráfego nas novas construções, não deveriam desencorajar a busca por soluções artísticas e fundamentar a aceitação passiva das soluções técnicas, como na construção de uma estrada ou de uma máquina.”

“É preciso ter em mente que a cidade é o espaço da arte por excelência”. “A administradora dos negócios públicos deveria ocupar-se também dessa questão, e por isso é necessário que se demonstrem as possibilidades de conciliar princípios dos antigos às necessidades modernas.” (SITTE, 1992, p.117)

7. A TÉCNICA DO MOSAICO PORTUGUÊS

7.1. Pedrinha por pedrinha: o trabalho dos calceteiros

Abrangendo a totalidade das calçadas uma enorme área urbana de cerca de 25.527.000 m² de tapetes contínuos, as *molduras urbanas* apresentam um grande número de diferentes motivos decorativos, que podem ser colocados em categorias como *florões*, *ondas* e derivações, *geométricos retilíneos ou curvilíneos*, *andorinhas*, *estrelas* e outros.

Por isso é importante lembrar que o calçamento em mosaico português em Campinas foi executado por calceteiros que aprenderam seu ofício na lida diária, a maioria trabalhando desde muito jovens, sem oportunidade de educação formal, e assim mesmo reproduziram e modificaram ornatos tradicionais e também criaram no canteiro de obras a maioria dos desenhos que hoje ainda podemos observar na cidade. Pode-se notar que grande parte dos desenhos derivou das formas dos padrões tradicionais disponíveis, notadamente da forma utilizada para compor o padrão da *onda copacabana*, fato informado por um dos mais antigos calceteiros de Campinas.²³ (Figura 57)

²³ Entrevista 3 no Apêndice .



Figura 103. Exemplos da utilização das formas *onda* em desenhos diversos. **A:** O módulo da *onda copacabana*. **B:** Para florão, **C:** Para arabesco e **D:** Para motivos curvilíneos. Moldes da onda copacabana da empresa Pedramista e possibilidades de combinações. Fotografias da autora

Ao compor novos ornatos e padrões utilizando o mesmo molde de modo criativo e engenhoso, trocando cores, adicionado ou suprimindo faixas laterais e adaptando novos desenhos a diferentes quadras, os calceteiros de modo discreto, mas persistente interferiram na paisagem da cidade, e multiplicaram as possibilidades da antiga *artesanía*, anonimamente criando novos desenhos. Trabalho que feito a serviço dos moradores da cidade, assentado manualmente com destreza e capricho embora sem caráter autoral.

Também se nota que a determinação da legislação de interromper o motivo comum somente nas esquinas era obedecida. Tal fato muito observado e registrado em todos os bairros de Campinas comprova que o poder público pretendeu que a ornamentação se constituísse em bem coletivo que embelezasse a rua e o bairro, fazendo dela uma moldura para as edificações, embora não muito percebida e cuidada. (Figura 69)



Figura 104. Troca de padrão nas esquinas **A:** Jardim Chapadão, **B:** Bonfim e **C** Taquaral. Campinas, SP.
Fotografias da autora

Pode-se considerar tal trabalho de caráter único dentre tantos outros da construção civil no Brasil, pois como nota Yázigí (2000, p.135) “nesta arte, artista e executor são a mesma pessoa”.

Mesmo tendo sido executados em Campinas por meio de extenso trabalho manual e criativo, pedrinha por pedrinha, como diz a escritora Cora Ronái²⁴, o trabalho caprichoso, minucioso e durável dos calceteiros vai sendo rapidamente substituído por outros tipos de pavimentação que, diz-se, não precisam de manutenção, mas que se provam mais deterioráveis que o mosaico português, que se comprova em inúmeros casos, já duram mais de um século em boas condições.

“Por último, devemos fazer menção aos materiais e aos lugares em que devem ser empregados. O importante em todo caso, é que sejam duradouros e consistentes. Eles impõem certa disciplina no trabalho de realçar o valor do solo e esta qualidade é a que, definitivamente, confere ao pavimento sua característica final.” (CULLEN, 1981, p.129)

²⁴ Crônica publicada no jornal O Globo em In Jornal “O Globo”, Rio de Janeiro, 14 de Maio de 2009.

Em várias cidades do mundo os pisos calcetados são preservados pelas entidades oficiais e recebem manutenção especializada quando há necessidade de remoção para reparos na infraestrutura urbana ou em caso de rupturas ocasionais. (Figura 105)



Figura 105. Praga, República Checa. **A:** Calçada ornamentada e **B:** Calceteiros fazendo manutenção de mosaico. 2009, Fotografia Raul Lisboa

No Brasil a manutenção sistemática do calçamento não se dá com regularidade, pois tem sido como no caso de Campinas, tarefa relegada ao proprietário do lote, o que dificulta a obtenção de padrões de qualidade para a execução pela diversidade de materiais empregados. Essa diversidade, e mesmo falta de cuidado no tratamento da calçada, causa prejuízos aos transeuntes e gera protestos e reclamações da população a respeito de suas condições materiais. Desde os anos 80 se tem notícias da retirada dos mosaicos de lugares tradicionais, substituídos pelas prefeituras, de locais como a Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro na década de 80, da Avenida Beira-mar, na orla de Salvador no entorno do Farol da Barra, da Avenida Paulista em São Paulo e das avenidas Francisco Glicério e Campos Salles no centro de Campinas em 2010. Essas ações de substituição dos antigos mosaicos por materiais ditos mais modernos tem gerado protestos de vários segmentos da população que se manifestam

contrários á dilapidação do patrimônio visual e histórico das cidades claramente expressos nesse tipo tradicional de pavimentação urbana.²⁵

“Nosso problema é justamente o valor estético da cidade, da cidade como espaço visual. Não colocarei em termos absolutos: o que é arte e se uma cidade pode ser considerada uma obra de arte. ”A cidade”, dizia Marcilio Ficino, “não é feita de pedras, mas de homens.” São os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos. Devemos, portanto, levar em conta, não o valor em si, mas a atribuição de valor, não importa quem a faça e a que título seja feita. De fato, o valor de uma cidade é o que lhe é atribuído por toda a comunidade e se, em alguns casos, este é atribuído apenas por uma elite de estudiosos, é claro que estes agem no interesse de toda comunidade, porquanto sabem que o que hoje é ciência de poucos, será amanhã cultura de todos. (ARGAN, 1993, p.228)

Dadas as informações dos trabalhadores no setor, relatos do Brasil e até de Portugal, entende-se que a atividade no futuro terá poucos profissionais atuantes e o custo da colocação ou restauração desse tipo de pavimento será muito alto e inviável para população e prefeituras. (NERO, 2000, p.84.) Torna-se então importante identificar exemplares antigos localizados em locais tradicionais e restaurá-los para que possam servir de referência por mais tempo na paisagem de Campinas, sem perder seu caráter utilitário.

“A tarefa do urbanismo não é projetar a cidade do futuro, mas administrar no interesse comum um patrimônio de valores, econômicos, por certos, pois o terreno é um bem que deve render (conquanto não possa ser explorado), mas também históricos, estéticos, morais, coletivos, individuais, devidamente reconhecidos e inventariados, ou

²⁵ Documentos no Anexo.

sedimentados, latentes no inconsciente. Querendo tentar uma definição dessa disciplina flutuante entre estética e sociologia, economia e política, higiene e tecnologia, eu sugeriria a seguinte: o urbanismo é a ciência da administração dos valores urbanos.” (ARGAN, 1993, p.233)

7.2. A técnica da calcetaria: tradição e transformação

A forma tradicional portuguesa de colocação das pedras, cortadas a mão sobre base de areia e saibro, perdura até hoje. Os calceteiros tiram partido da diáclase do calcário e basalto, quebrando as peças a mão, desdobrando blocos grandes até o tamanho desejado, golpeando-os com martelo onde há a propensão ou a “vocaçãõ” natural da fratura, e obtendo superfícies planas, assim facetando peças em secção quadrada, sextavada ou irregulares. O terreno nivelado e devidamente compactado de acordo com cota previamente determinada - dependendo da dimensão das pedras (geralmente de 5 a 7 cm de lado) - recebe uma base de caliça (areia de calcário triturado) ou areia de rio, de cerca de 8 a 10 cm. (NERO, 2000, p.83)

Para calçadas com desenhos utilizam-se moldes, de madeira, aglomerado ou metálico, que é então envolvido externamente com as pedras que vão compor o fundo do desenho. Depois de totalmente cercado pela cor de fundo, o molde é retirado e são colocadas as pedras de cor contrastante que formam o “enfeite”, ajustadas exatamente a fim de haver travamento do conjunto por atrito dos vértices e arestas dos blocos. Esse ajuste muitas vezes necessita que peças menores sejam quebradas pelos calceteiros para obtenção de peças especiais adaptadas aos desenhos. Em Portugal há alguns trabalhos que são ajustados tão precisamente que até parecem juntas secas, são chamados de “malhete”, “à portuguesa”, ambos de faces poligonais irregulares, “sextavados” ou “a gnês” de faces quadradas que compõem a *calçada a correr*. (CABRERA, 1998, p. LIII)

Os espaços entre as juntas são preenchidos com caliça ou areia distribuída sobre o conjunto e introduzida nas frestas por meio de vassoura para que se integre á base. Em seguida usa-se o “maço” (Figura 11) e mais recentemente em Portugal as

placas compactadoras para garantir a planura e nivelamento. (NERO, 2000, p. 83). Uma camada de areia fina é espalhada por cima e regada para que o preenchimento seja completado pela ação da água que forma uma massa aglutinadora que preenche as juntas e completa o travamento. A varrição final dá acabamento e revela o trabalho em suas formas, contrastes e cores.

A técnica da calcetaria foi introduzida em Campinas em 1908 com a vinda de calceteiros portugueses que haviam trabalhado no Rio de Janeiro e originalmente era trabalho que não utilizava cimento na base ou no rejunte, fiando-se na colocação precisa das pedras e no firme preenchimento dos vãos com saibro para o travamento do conjunto. Nos mosaicos mais antigos de Campinas, como os da Praça Luis de Camões, da Real Sociedade de Beneficência Portuguesa, do Instituto Agrônomo de Campinas, ainda pode-se notar essa característica como nota o calceteiro entrevistado²⁶ que afirma ter observado pedras “limpas”, isto é, sem traços de massa de cimento ao fazer reparos em alguns desses locais. Portanto os primeiros pisos de mosaico português em Campinas eram assentados com a técnica original portuguesa. A permeabilidade às águas pluviais era uma característica importante desse tipo de assentamento. As pedras usadas nesses pisos tinham pequenas dimensões para se ajustarem a desenhos mais elaborados e intrincados que requeriam que pedras fossem cortadas no local e fossem ajustadas a ângulos agudos. As guias eram de granito lavradas a mão. Medidas as pedras dos mosaicos mais antigos de Campinas, da Praça Luis de Camões, do Instituto Agrônomo de Campinas, entre outros, verificou-se que as dimensões das arestas medem de 2 a 5 cm.

²⁶ Entrevista 3 no Apêndice.



Figura 106: A, B, C: Dimensões das pedras assentadas em mosaicos do começo do século XX no IAC e D: em calçada no centro. Reparos com pedras maiores E: Acima reparo recente com pedras maiores e abaixo as originais mais antigas e menores. F: Pedras originais e menores à esquerda e reparo recente com pedras maiores à direita. Campinas, SP. 2009 a 2011. Fotografias da autora

A técnica se modificou com o uso do cimento primeiramente na base de assentamento e posteriormente também nas camadas de rejunte, como informam dois entrevistados²⁷, em razão da necessidade de acesso do automóvel às residências e comércio, o que fez com que o mosaico adquirisse condição de suportar o tráfego de veículos com peso, compressão e tração maiores do que anteriormente eram exercidos somente pelo pedestre. Também as pedras passaram a ter dimensões maiores, entre 6 e 10 cm de lado nas faces e os desenhos foram sendo simplificados e apresentando menor diversidade, persistindo mais comumente o desenho da *onda copacabana*, salpicados e retilíneos como as faixas contrastadas.

7.3. A técnica da calcetaria em Campinas no século XXI

Assim temos em 2011 a técnica do mosaico português já adaptada desde o fim dos anos 60 do século XX para as necessidades do tráfego pesado sobre calçadas e estacionamentos

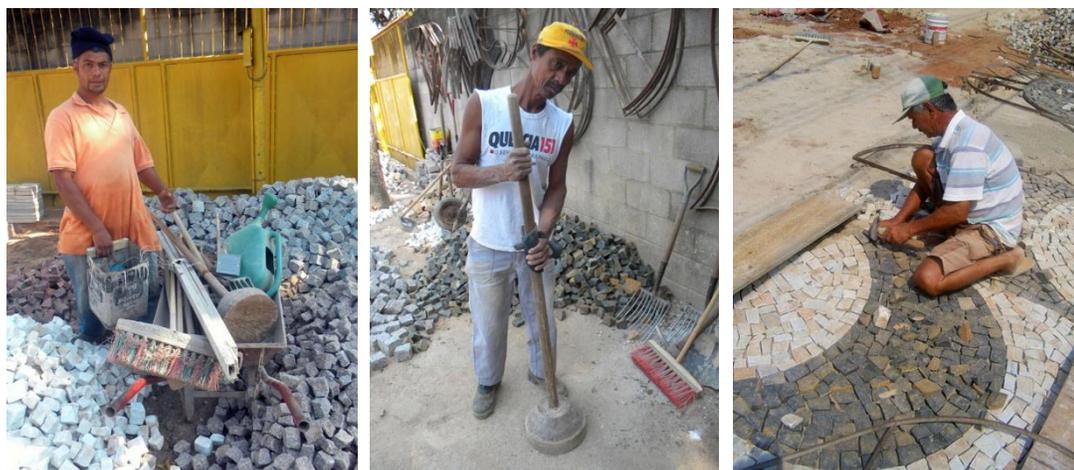


Figura 107. A: Ferramentas. **B:** Soquete ou batedor. **C:** Posição de trabalho. Campinas, SP. 2009 a 2011
Fotografias da autora

²⁷ Entrevistas 2 e 3 no apêndice.

No canteiro de obras trabalham pedreiros e ajudantes que nivelam o terreno com enxadas, acertando os níveis de caimento necessários ao escoamento de águas pluviais e assentam as guias. Usam enxadas, picaretas, pás, marretas, trenas, linhas, nível e pegadores de guias para transporte de pesadas peças de concreto.



Figura 108. A: Preparação do terreno para colocação de guias. **B:** Colocação de guias com pegadores de metal. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

A calçetaria é feita mais comumente por duplas que trabalham simultaneamente: o calceteiro mais experiente comandando e executando o trabalho e o ajudante servindo o material necessário, fazendo as misturas de base e rejunte, também assentando as pedras e rejuntando o conjunto. Atualmente há muitos autônomos que trabalham em duplas oferecendo trabalho de calçamento e reparo de porta em porta, utilizando seus próprios veículos de passeio para transportar ferramentas, moldes, que podem ser até de papelão, e latas com pedras.

As ferramentas de uso mais comuns são o carrinho de mão, usado para transporte de material e medida de volume para a mistura da base e rejunte; o garfo ou pá para remover pedras, a enxada para fazer nivelamento do terreno e mistura de massa, a trena, formas metálicas (que podem ser de compensado recortado ou até mesmo de papelão), martelo de metal, o batedor para compactação, regador ou mangueira e vassourão.

Primeiramente os calceteiros fazem o nivelamento fino do terreno previamente preparado pelos pedreiros, verificam a declividade e fazem ajustes necessários com a enxada.

Colocam então sobre a área a ser trabalhada uma base de 8 a 10 cm de altura constituída de uma mistura de pó de pedra e cimento, na razão de 6 carrinhos de pó de pedra para 1 saco de cimento. O pó de pedra vem da pedreira e é proveniente da moagem dos rejeitos de quartzito e basalto. Espalham com enxada, alisam e nivelam com vassourão.

Essa etapa do trabalho requer experiência para que o piso fique nivelado com outros já existentes, que mantenha a inclinação determinada se adapte placas, às saídas de garagem e guias rebaixadas, aos equipamentos da via pública como postes, lixeiras e também à arborização, considerando e algumas vezes cortando raízes superficiais que possam interferir na placa de piso. Nota-se que a tarefa de preparação da base não é entregue aos calceteiros mais jovens ou ajudantes e é feita com muito cuidado, observação acurada e medições com nível.



Figura 109. A: Preparação da base do mosaico. **B:** Espessura da base (9 cm) e pedra a ser assentada. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

A seguir colocam as formas de metal seguindo desenho já existente na calçada ou iniciando um motivo decorativo estipulado pelo proprietário do imóvel lindeiro. Essa tarefa exige marcações, ajustes, algumas vezes estaqueamento e cálculos que são desenvolvidos com a prática do trabalho ao longo dos anos.



Figura 110. Colocação das formas (moldes/gabaritos) sobre a base seguindo desenho existente na calçada. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

As pedras tem forma de paralelepípedo de 6 faces atualmente tem de 6 a 10 cm de lado, são colocadas separadas por cor em grandes montes em local próximo para que possam ser transportadas pelo ajudante e colocadas aos poucos nos espaços entre as formas para que o calceteiro possa alcançá-las sem que precise sair da posição de trabalho.



Figura 111. Dimensão das pedras. De 6 a 10 cm de lado nas faces dos blocos. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

O assentamento das pedras na base se faz com golpes de martelo. Usam martelos de pedreiro de 2 tamanhos conforme o serviço. O martelo maior tem 21,5 cm de comprimento e pesa 1 kg.



Figura 112. Martelos de pedreiro em dois tamanhos. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Para assentar pedras de maior dimensão cavam uma depressão na camada base com o bico do martelo e encaixam a pedra.



Figura 113. Assentamentos das pedras ao redor da forma. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Golpeiam a pedra primeiramente usando a cabeça achatada do martelo para que a pedra penetre na camada da base e deitam o martelo nos últimos golpes usando seu comprimento para nivelar com outra pedra previamente assentada.



Figura 114. A: Ajuste da pedra. **B:** nivelamento com as pedras previamente assentadas. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Quando necessário quebram pedras com golpes do bico do martelo, diminuindo suas dimensões e acertando suas formas para que se adaptem ao desenho, mas essa tarefa raramente é necessária nos trabalhos observados. O desenho da *onda copacabana* não requer que as pedras sejam recortadas no canteiro de obras para ajustes, por este não apresentar ângulos agudos e por ter um padrão linear. Nota-se que também não há a necessidade que as pedras sejam colocadas muito juntas, com seus vértices em contato para haver o travamento por junta seca, pois hoje não mais assentam placas de mosaico sem uma forte mistura de areia e cimento no rejunte.

Assentam as pedras, uma cor de cada vez nas áreas em volta das formas, que depois de serem preenchidas por toda a volta são retiradas e recolocadas mais além na seqüência do desenho que vai sendo preenchido sucessivamente, alternando as áreas de diferentes cores. O desenho bicolor guia o posicionamento das formas.



Figura 115. A, e B: Colocação e assentamento das pedras. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Depois de assentadas as pedras numa determinada área, variável de acordo com as dimensões do trabalho, das condições climáticas, do tempo disponível ou da disponibilidade de materiais, é feito o primeiro rejunte. A mistura seca do rejunte é feita com enxada revolvendo e misturando bem a areia e cimento na razão de 1 carrinho de areia para 1 saco de cimento.



Figura 116. Mistura do rejunte. **A:** Traço, 1 carrinho de areia e 1 saco de cimento. **B:** Revolvendo a mistura para que fique homogênea. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Essa mistura homogênea é colocada em pequenos montes sobre as pedras já assentadas, espalhadas e varridas em todas as direções com vassourão para que penetre nos vãos quase até a superfície das pedras. A quantidade de mistura necessária para o rejunte da área é determinada pela experiência dos calceteiros, adquirida na prática do ofício.



Figura 117. Completando a colocação das pedras para iniciar o 1º rejunte que já está sendo colocado. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora



Figura 118. A: Varrição do 1º rejunte que penetra nos vãos entre as pedras. **B:** Colocação de material de rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora



Figura 119. Várias tarefas se desenvolvem ao mesmo tempo no canteiro. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora



Figura 120. As primeiras 3 fases do trabalho: base, pedras assentadas e primeiro rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Em seguida a área é totalmente compactada com um soquete, ou batedor manual que pesa entre 6 e 7 quilos, trabalho que exige força não só para levantar o soquete, mas também para empurrá-lo contra o piso, pois apenas deixá-lo cair causa o deslocamento das pedras já assentadas e não realiza a tarefa da compactação que visa a compressão e inserção das mesmas na mistura base e também o nivelamento do conjunto.



Figura 121. A, B, C e D: Compactação com batedor para nivelamento do conjunto. Campinas, SP. 2011.
Fotografias da autora

Concomitantemente à compactação do piso, molham e lavam a área do trabalho com regador, ou mangueira, e vassourão e esperam que a água penetre nos vãos assim umedecendo bem a mistura. Depois dessa lavagem o desenho aparece nitidamente pela primeira vez.



Figura 122. Compactação e rega da placa de mosaico. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora



Figura 123. A e B: A placa de mosaico após o 1º rejunte e lavagem. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Após de molhado o primeiro rejunte, já as áreas contíguas vão sendo trabalhadas seguindo a sequencia de tarefas já descritas.

Depois que a água seca nos vãos das pedras, por drenagem e evaporação, é feito o segundo rejunte, tarefa que os calceteiros chamam de *cardeação*. Essa etapa do trabalho pode ser efetuada em outro dia, pois o primeiro rejunte já agrega as pedras, não havendo risco de movimentação do conjunto com o pisoteamento. Novamente é

preparada uma mistura homogênea de areia e cimento na razão de 1 carrinho areia para 1 saco de cimento, que é espalhada seca sobre a área do trabalho com o vassourão.



Figura 124. A e B: Colocação do 2º rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora



Figura 125. A: Varrição e rega para que o rejunte penetre entre as pedras. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

Molhada com água, varrida e esfregada em todas as direções sucessivamente, essa mistura se torna uma massa mole que recobre toda a área. Uma varrição vigorosa que exige força garante que a maior parte desse segundo rejunte penetre nos vãos desta vez preenchendo-os completamente de maneira adequada até o nível superior das pedras. Essa massa acaba por recobrir também a superfície das pedras deixando-as de cor acinzentada.



Figura 126. A: Detalhe do piso com o 2º rejunte sobre placa. **B:** Varrição do 2º rejunte. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

A limpeza dessa massa se faz com a remoção do excesso com o vassourão (Figura 126) em seguida espalhando sobre o trabalho uma farta camada de areia que é varrida e esfregada com força sobre o conjunto sendo molhada se necessário. A areia se agrega à massa que restou sobre a superfície do mosaico, limpando-a e deixando as cores das pedras aparentes, ficando solta por cima do mosaico. Essa areia deve ser mantida por cinco dias sobre o trabalho, tempo necessário para que a placa do mosaico endureça e possa ser varrida, lavada e sobre ela tenha o trânsito de veículos liberado. A limpeza final da areia de é feita no fim da obra, a cargo do contratante do serviço. Após feita essa limpeza os calceteiros começam novamente a preparar a base para prosseguir o trabalho continuando o desenho.



Figura 127. **A:** Colocação de areia para limpeza do excesso de rejunte. **B e C:** Varrição vigorosa e **D:** preparação de base para continuar o trabalho. **E:** Calçada e área de estacionamento prontos, com acabamento ajardinado (Julho 2011)²⁸. Campinas, SP. 2011. Fotografias da autora

²⁸ A seqüência de tarefas de obra de mosaico português em padrão *onda copacabana* foi documentada em Campinas na Avenida Jesuino Marcondes Machado 440, nos dias 3, 4 e 18 de março de 2011. O serviço de calçada e área de estacionamento adjacente foi executado principalmente pelo calceteiro Antonio Rubens Julio, de 52 anos, com 20 anos de profissão e seu filho, o ajudante Alex de Sousa Julio de 26 anos, empregados de empresa de calcetaria de Campinas.

8. CONCLUSÕES

Como vimos, legislação determinou alguns parâmetros para garantir a continuidade dos motivos contínuos na paginação das calçadas executadas em pedra portuguesa, e com isso as ruas adquiriram unidade visual mais de 50 anos. A legislação anterior a década de 1970 deu oportunidade para o surgimento de variações formais e cromáticas e a criação de novos desenhos que se multiplicaram em grande número pela cidade, mantendo-se a testada da quadra com uma só padronagem. Também a proximidade com jazidas de quartzito, calcário e basalto na região de São Carlos, SP contribuiu para a larga utilização da técnica pela abundante oferta e baixo custo do material.

Em Campinas a tentativa de padronização na década de 70 com a exigência de um só tipo de desenho para todas as calçadas, a revoada de andorinhas, logo em seguida foi sucedida pela aceitação de outros tipos de materiais para a pavimentação dos passeios o que levou à prática da interrupção da continuidade dos pisos por remoção ou reforma.

Apesar de fazer parte da paisagem da cidade por um século, essa manifestação visual aplicada ao suporte do passeio nos espaços públicos as não se mantém integras e preservadas por falta de interesse do poder público e privado e pelos custos de reparo e manutenção maiores do que outros tipos de pisos.

Os desenhos encontrados ornamentando as ruas e praças se relacionam com períodos e estilos arquitetônicos e na maioria foram criados no canteiro de obras pelos executores, derivados de outros já tradicionais, da utilização das formas de maneira diversa ou seguindo determinações ou sugestões de proprietários dos lotes.

Os tombamentos executados pelo CONDEPACC não contemplam as calçadas do entorno dos bens tombados ou exemplares notáveis de calçamento contínuo em pedra portuguesa, e não há inventário e registros desses desenhos nos processos.

A necessidade de maior durabilidade e coesão entre as pedras para suportar o trânsito de veículos sobre as calçadas nas entradas de garagens e estacionamentos determinou a maior mudança na técnica de assentamento em 100 anos: com uso de mais cimento na base e no rejunte para obtenção de rigidez do conjunto. Atualmente as

pedras são cortadas em tamanhos maiores pois os desenhos são menos detalhados, sem ângulos agudos, na maioria descartando o uso de formas. É possível determinar o período da execução do mosaico das calçadas observando o tamanho das pedras, o tipo de rejunte, o desenho da padronagem e a tipologia arquitetônica do imóvel lindeiro, se ainda não demolido ou descaracterizado.

Quanto ao trabalho da calcetaria, verifica-se a falta de mão de obra no setor, falta de interesse em aprender o ofício por ser trabalho de baixa remuneração e alta exigência física do trabalhador. No entanto há demanda de serviços por se tratar de piso durável e de grande apelo estético. Foi criada em Portugal a Escola de Calcetaria de Lisboa com apoio financeiro da União Européia para suprir a demanda de mão de obra. Do mesmo modo a Prefeitura no Rio de Janeiro contou com profissionais portugueses para ministrar curso de capacitação de calceteiros em 2010. Tais fatos demonstram que embora a calcetaria seja técnica que exige maiores investimentos por parte dos contratantes, há demanda suficiente seja na aplicação em novos projetos ou no restauro de exemplares antigos.

Em manuais de execução de calçamento apropriado à locomoção de pessoas com dificuldades motoras, o calçamento em pedra portuguesa tem sido desaconselhado embora seja sustentado por parte de executores que o piso adequadamente assentado com materiais de boa qualidade, rejuntado e nivelado com técnica precisa não provoca desconforto ou insegurança, sendo adequadamente antiderrapante e suficientemente permeável à água. Com a manutenção correta das placas e reposição de blocos é piso de alta durabilidade resistente às variações de temperatura com material relativamente passível de reutilização no caso de reformas. Há que se fazer pesquisa a respeito do uso do mosaico como piso adequado às normas de acessibilidade.

A partir das constatações do presente trabalho poder-se-á pesquisar o ofício da calcetaria em Campinas no seu aspecto econômico e trabalhista, bem como das características do contingente de trabalhadores e empresários que se dedicaram à atividade ao longo do século XX e XXI. Também a iconografia dos motivos e suas origens poderão ser estudadas sob um enfoque semiológico; estudos sobre patologia

da pavimentação com mosaico português no âmbito da Avaliação Pós Ocupação e pesquisa sobre técnicas de restauro; também poderão ser desenvolvidos projetos orientados por estudos ergonômicos visando à melhoria das condições de trabalho, estudos que poderão ser de grande valia para a continuidade do exercício do ofício e da técnica tradicional.

Considerações finais

Ao selecionar o objeto deste estudo não era possível observar toda a convergência interdisciplinar dos procedimentos metodológicos que ao longo do processo estiveram envolvidos na tentativa de registrar e situar o mosaico português e suas características como parte da paisagem construída em Campinas. A idéia primeira de registrar e localizar cada exemplar ou fragmento de mosaico contínuo que reveste as calçadas da cidade se mostrou inviável no decorrer do trabalho ante ao reconhecimento da grandeza da área da cidade onde eles ocorrem. A área total da cidade onde podem ser ainda observados mosaicos contínuos ou seus fragmentos nas calçadas é de aproximadamente 25.500.000 m² ou 25.50 km². Mesmo assim por observação em diversos locais, foi possível registrar (em mais de 3.000 fotografias) e avaliar muitos exemplares em duas grandes áreas²⁹ de características formais distintas e traçar com alguma precisão os seus limites. Na área de calçamento mais antigo, de cor lilás no mapa, calçada anteriormente à legislação de 1973, há grande diversidade de motivos. Na área de calçamento, assentada após a referida legislação que pretendeu padronizar os motivos decorativos, em azul no mapa, observa-se principalmente o padrão *onda* e *revoada de andorinhas*.

No decorrer da pesquisa percebeu-se a exiguidade de relatos sobre a calçetaria em Campinas e no Brasil, pois poucos autores citam ou se atem a essa característica de muitas cidades brasileiras. No âmbito municipal encontrou-se um único livro, sobre semelhanças entre Campinas e Lisboa, de autoria de um jornalista, que registra em

²⁹ Mapa (Figura 30) p. 66

apenas seis fotografias os mosaicos das calçadas de Campinas, entre outras características urbanas citadas em pequeno ensaio fotográfico. (KASSAB, 2007). Nos relatos de estudiosos ou mesmo memorialistas da cidade essa característica não é citada ou registrada. Tal invisibilidade nos registros, oficiais, jornalísticos e até mesmo acadêmicos, se constitui em um enigma a ser desvendado e reparado, pois essa manifestação visual, quer a chamemos de artística ou artesanal, está presente no repertório paisagístico da cidade há mais de um século, sem no entanto despertar interesse efetivo de registro, preservação e cuidados.

Essa característica da paisagem urbana de Campinas ainda pode ser observada na cidade mesmo já estando alterada e fragmentada em diferentes graus nos bairros estudados. Com o despertar do interesse por esse bem histórico e cultural poderão ser recuperados como marca e assinatura de gerações de campineiros que o determinaram com leis, que a partir dele estabeleceram sua atividade empresarial, que o financiaram compulsoriamente, que sobre ele brincaram, correram e andaram e que o construíram manualmente. A maior parte da história de um século das transformações no modo de vida urbano refletidas nas calçadas foi relatada pela própria materialidade dos mosaicos que ainda restam nas ruas da cidade e pelos relatos pessoais, mais do que por documentos, registros oficiais e publicações. Tal fato denota além da invisibilidade nas publicações sobre a cidade também o declínio do poder público e institucional no projeto e manutenção de espaços públicos e a conseqüente privatização ou situação de abandono dos espaços comuns de uso cotidiano.

Ao utilizar o material e a técnica tradicional do mosaico português em suas obras, na década de 1970, o eminente artista e paisagista brasileiro Roberto Burle Marx chamou a atenção de arquitetos e artistas para o grande valor da calcetaria em aspectos não só referentes às características plásticas importantes para a composição visual de projetos paisagísticos, bem como para os aspectos físicos que o material e sua utilização trazem em termos de durabilidade e adaptabilidade a condições diversas, tanto como referência histórica, remetendo às nossas tradições de desenho urbano.

“O emprego de pisos em mosaico ou painéis em azulejos são dois elementos de tradição portuguesa, reconhecidamente absorvidos pela moderna arquitetura brasileira. O mosaico – também chamado empedrado, oi mosaico português divido à repercussão que teve o trabalho realizado no Castelo de São Jorge, em Lisboa no século passado – mostrou-se apropriado à constante dilatação do material, nos climas quentes, e à possibilidade de despertar novos interesses para as áreas de passeio.” (MOTTA,1983, p.75).

Se o Plano Diretor de Campinas de 27 de dezembro de 2006, no capítulo VII, Seção I Art. 54 atesta que são objetivos e diretrizes da Política de Cultura do município, o fomento à “pesquisa histórica, preservação dos registros das artes e manifestações culturais, priorizando comunidades e etnias que representem o Município” e que se deve “coordenar, integrar e executar as políticas de pesquisa, sistematização e conservação do patrimônio cultural;” percebe-se que há um hiato e uma grande falta concernente ao espaço público urbano, sua história e feições, pois nada consta nos registros e inventários oficiais sobre as características visuais desse espaço. Talvez por que tipologia e desenho de calçadas não sejam ainda considerados como parte importante do desenho urbano, da memória da cidade ou, no mínimo, do envoltório de edificações significativas. Por tudo isso também é imperioso pesquisar e divulgar, pois sem a preservação os mosaicos estão se acabando dia a dia por substituição ou pela deterioração e falta de manutenção. Mesmo que sejam somente consideradas como parte importante do envoltório de edifícios ou de conjuntos arquitetônicos tombados, as calçadas de mosaicos têm importância no desenho da cidade, se consideradas como parte de sítios de importância histórica e artística, como está expresso na Carta de Burra, no “Artigo 8º:

“A conservação um bem exige a manutenção de um entorno visual apropriado, no plano das formas, da escala, das cores, da textura, dos materiais, etc.” (ICOMOS 1980)

Pode-se considerar que, por sua ampla abrangência espacial no território urbano de Campinas, pelo tempo que têm estado presentes na cidade dando um testemunho visual, quer pelas suas mais diversas formas, cores e enorme variedade de interessantes desenhos, quer pela técnica apurada e antiga que pouco se modificou para adaptá-lo às mudanças de uso revelando o trabalho de gerações de calceteiros, os antigos tapetes de mosaico de pedra portuguesa nas calçadas de Campinas merecem registro, inventário e visibilidade na memória da cidade. Campineiros de ontem e de hoje têm nos mosaicos a visão diária que enriquece a paisagem urbana e faz referências à sua memória.

“Na cidade persistem elementos de vários tempos. Edificações e configurações de seu assentamento primitivo convivem com elementos de um passado mais próximo e/ou construções contemporâneas, refletindo a história dos grupos sociais que sucessivamente geraram esse espaço. Assim, a cidade pode ser lida e entendida por meio de sua história, na medida em que essa história se encontra representada nesses elementos construídos que compõem a paisagem urbana.” (LANDIM, 2004, p.37),

Ao observar, registrar e comunicar fatos sobre o objeto de estudo, sobre a técnica usada, bem como sobre o contexto em que foi empregado e as experiências de quem a tem realizado, apresenta-se uma fração do que a atividade representa para a paisagem da cidade e para o habitante e o calceteiro. Este estudo se constitui num prenúncio de estudos mais aprofundados que poderão resultar em reabilitação material de alguns exemplares.

“Nosso problema é justamente o valor estético da cidade, da cidade como espaço visual. Não colocarei em termos absolutos: o que é arte e se uma cidade pode ser considerada uma obra de arte. “A cidade”, dizia Marcilio Ficino, “não é feita de pedras, mas de homens.” São os

homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos. Devemos, portanto, levar em conta, não o valor em si, mas a atribuição de valor, não importa quem a faça e a que título seja feita. De fato, o valor de uma cidade é o que lhe é atribuído por toda a comunidade e se, em alguns casos, este é atribuído apenas por uma elite de estudiosos, é claro que estes agem no interesse de toda comunidade, porquanto sabem que o que hoje é ciência de poucos, será amanhã cultura de todos. (ARGAN, 1993, p.228)

Portanto seria importante para a cidade que a população e também a administração municipal reconhecessem o valor dessa manifestação ornamental tão tradicional de Campinas e dessem exemplo de preservação do patrimônio urbano, fazendo manutenção adequada e reparos cuidadosos, preservando-a onde fazem parte do envoltório de edifícios significativos e onde fosse importante e possível, restaurando os mosaicos na integridade dos seus lindos desenhos contínuos e colocando-os em boas condições físicas para servirem e embelezarem os caminhos cotidianos dos campineiros por mais um século.

“A tarefa do urbanismo não é projetar a cidade do futuro, mas administrar no interesse comum um patrimônio de valores, econômicos, por certos, pois o terreno é um bem que deve render (conquanto não possa ser explorado), mas também históricos, estéticos, morais, coletivos, individuais, devidamente reconhecidos e inventariados, ou sedimentados, latentes no inconsciente. Querendo tentar uma definição dessa disciplina flutuante entre estética e sociologia, economia e política, higiene e tecnologia, eu sugeriria a seguinte: o urbanismo é a ciência da administração dos valores urbanos.” (ARGAN, 1993, p.233)

9. APÊNDICES - ENTREVISTAS

9.1. Sr. Claudio Grande

Fundador da empresa de calcetaria Pedramista, entrevista realizada no dia 14 de Agosto de 2010 na sede da empresa, na Avenida Rosa Belotto Grande, Cambuí, Campinas, SP.

Sr. Claudio Grande tem 72 anos, está aposentado, mas conserva sua sala de trabalho na empresa. A direção da Pedramista está a cargo de seu filho Sr. Marcos Alexandre Grande. Tem outro filho que é contabilista e não trabalha na empresa da família.

Como o Sr. começou a empresa? Já havia essa atividade na família?

Meu pai tinha olaria, faziam telhas e tijolos. Eu trabalhava no banco da Bahia na Rua Barão de Jaguará e sempre fazia outros negócios para completar a renda: vendia linguiça, escapamento de carro, e talvez por indicação de algum amigo, não me lembro como foi, comecei a contratar calceteiros e prestar serviços de calcetaria. Tinha muito serviço na cidade toda. Ninguém calçava com outro material. Em 1974 saí do banco porque a empresa de calcetaria já tinha dado certo, então eu regularizei tudo e eu fiquei trabalhando só aqui. A Pedramista como empresa existe desde 74, mas já fazíamos esse trabalho bem antes desse ano.

Como era o trabalho?

Os calceteiros trabalhavam em duplas e os dois faziam o mesmo trabalho, não tinha ajudante: cortavam as pedras, assentavam e faziam acabamento. Eles levavam todo o material e as ferramentas em uma carrocinha que puxavam pelas ruas. Depois compramos uma caminhonete. Fazíamos trabalhos em outras cidades também: Jundiaí, Limeira, até São Paulo. Todos nos chamavam. Hoje também é assim. Tinha muitos meninos trabalhando, eles aprendiam o serviço aqui mesmo. Eu tratava com clientes e fazia as compra de material e passava o serviço para os calceteiros.

Como eram escolhidos os desenhos a serem colocados no piso?

No começo o pessoal riscava no chão, depois fizemos formas de madeira e mais tarde de ferro como as de hoje. Os calceteiros inventavam na hora ou os clientes diziam como queriam. Ou então faziam como continuação do desenho que já tinha na rua. Acho que a prefeitura queria que fosse assim. A quadra inteira do mesmo desenho, as outras quadras e o outro lado da rua podiam ter desenhos diferentes. Mas o que tinha mais era a onda *copacabana*.

O Sr. Pode citar outros nomes ou tipos de desenhos?

Não me lembro, os calceteiros inventavam, mas tinham muitos tipos.

Como era feita a colocação?

Em baixo areia e cimento, depois a camada de pedras, mais uma camada de areia e cimento e depois areia pura para limpar com vassourão e para proteger a camada de rejunte com cimento.

Qual a sua opinião sobre esse tipo de calçamento?

Eu gosto, na frente da minha casa tem a *onda copacabana*. Eu fui a Portugal e vi os de lá, são maravilhosos. Os daqui são mais ou menos. Aqui não dão muito valor.

9.2. Sr. Marcos Alexandre Grande

Proprietário e diretor da empresa Pedramista, entrevista realizada no dia 24 de Julho de 2010 na sede da empresa, na Avenida Rosa Belotto Grande, Cambuí, Campinas, SP.

Quando foi criada empresa? Como foi estruturada?

A empresa foi criada por meu pai, Claudio Grande em 1974. Trabalhava com colocação de mosaico português. Meu pai administrava a empresa, tratava com os clientes e comprava as pedras nas pedreiras em São Carlos, Descalvado e Santa Rita do Passa Quatro, SP. Na década de 70 havia de 15 a 20 empregados: havia os *cortadores* que cortavam os blocos em pedaços menores para fazer o mosaico,

calceteiros que fazem todo o trabalho: calculavam e separavam o material, nivelavam o terreno, planejavam a colocação das formas, assentavam as pedras e rejuntavam. *Ajudantes/serventes* que auxiliavam e *motoristas* na área de transporte de pessoal, material e ferramentas. Também *pedreiros* que faziam canteiros, escadas e desníveis. Nas pedreiras também há a função de *canteiro* que cortavam blocos para fazer paralelepípedos e guias.

Como está a empresa hoje?

Hoje meu pai já se aposentou e eu dirijo a empresa que é a maior no setor em Campinas e região, com 70 empregados. Faço contato com clientes, arquitetos e empreiteiros, administro e faço compras. Hoje fazemos pisos de mosaico em pedra portuguesa e também o mosaico português em granito. Aqui trabalham 70 pessoas, mas hoje não mais cortamos as pedras aqui porque antes tínhamos que retirar os rejeitos e sobras do corte, por isso os cortadores quebram as pedras lá mesmo nas pedreiras e as recebemos prontas para a colocação. Portanto temos hoje registrados empregados nas funções de *calceteiros*, *ajudantes*, *pedreiros*, *canteiros* e *motoristas*. Hoje temos muito mais trabalho que antes, por que o uso do piso em pedra portuguesa e de outros tipos de pedra cresceu bastante e a cidade também. Já enviamos pedra de mosaico português para muitos lugares, até para Mato Grosso, Estados Unidos e Angola. Hoje diversificamos os produtos oferecendo pisos de cubos de granito em seis cores.

Como é feita a capacitação de mão de obra?

O empregado sempre entra como servente/auxiliar e aprende fazer o serviço com o calceteiro. A formação é feita aqui mesmo, na prática. Temos muitos calceteiros que já se aposentaram, outros tem mais vinte anos de serviço aqui.

Qual é o material dos mosaicos em pedra portuguesa?

O mosaico chamado de pedra portuguesa na verdade utiliza blocos de pedra de quatro tipos de rocha: Quartzito nas cores amarelo (Figura 128) o e vermelho (Figura 129) calcário branco (Figura 130) e verde, basalto preto (Figura 131) e granito: rosa, vermelho, verde, cinza (Figura 132) e cinza escuro (Figura 132). As jazidas são as mesmas de

antigamente. Existem grandes jazidas no Estado de São Paulo, por isso tantas cidades usam esse tipo de calçamento. Mas antigamente as pedras eram cortadas em pedaços bem menores que hoje. (Figura 105)



Figura 128. Calcário amarelo. **Figura 129.** Calcário vermelho **Figura 130.** Calcário branco
2011. Fotografia da autora 2011. Fotografia da autora 2011. Fotografia da autora



Figura 131. Basalto preto **Figura 132.** Granito cinza **Figura 133.** Granito cinza escuro
2011. Fotografia da autora 2011. Fotografia da autora 2011. Fotografia da autora

Quem elaborava os desenhos? Quem elabora hoje?

Antigamente os desenhos eram elaborados pelos arquitetos e construtores ou empreiteiros responsáveis pelas obras dos edifícios e casas. Em Campinas a execução do piso da calçada é do proprietário do imóvel. O arquiteto Renato Riguette elaborava os desenhos das calçadas dos edifícios que ele projetava e havia outros também. Eles criavam desenhos especiais ou copiavam de outros lugares ou dos desenhos tradicionais, como a *onda* e os diversos *florões*. Proprietários de residências também pediam desenhos que eles mesmos elaboravam ou copiavam de outros lugares, muitas vezes mudavam as cores, colocavam faixas nas bordas ou retiravam, mas na maioria

das vezes quando a rua já tinha calçada antiga, seguiam os desenhos que já havia na quadra, continuando o mesmo dos vizinhos. Hoje os desenhos usados são os tradicionais quando o serviço é de restauração e também outros criados por arquitetos e clientes em geral. Esses desenhos são mais simples, geralmente só faixas que podem até ser intercaladas com grama. (Figura 134 A) Atualmente não se usa os desenhos antigos tradicionais em obras novas. Para residências e comércio os clientes querem que a calçada seja diferente da calçada dos vizinhos. Há mais individualismo, não se aceita ter a calçada igual à do vizinho. Condomínios verticais e horizontais também colocam pedra portuguesa nas áreas comuns ou nos jardins das residências. (Figura 134 B)



Figura 134. A: Faixas em desenho com “projeto”, Guanabara. **B:** Mosaico e grama, Condomínio “Barão do Café” em Barão Geraldo, Campinas, SP, 2010. Fotografias da autora

Logomarcas ou desenhos exclusivos são pedidos por empresas industriais e comerciais, condomínios ou particulares. Já fizemos desenhos com base em fotos, como por exemplo, de uma criança tomando injeção para calçada de uma farmácia ou de um cachorro na frente de um *pet shop*.

Como eram os moldes e quem os fazia?

Os moldes para os desenhos eram de madeira ou metal feitos por marcenarias e serralherias que contratávamos. (Figura 135) Hoje para desenhos especiais, com os computadores podemos contratar *plotagem* dos desenhos que são colados em placas de madeira em seguida recortadas aqui mesmo. Hoje a confecção de moldes é muito

mais fácil, mas há menor procura de desenhos decorativos e a moda é dos mais simples que não precisam de moldes.



Figura 135. A: Coleção de formas metálicas da empresa Pedramista, Campinas. **B:** Três formas para a *andorinha*. Campinas, SP. Formas/moldes/gabaritos. Fotografias da autora

Os desenhos têm nomes?

Sim, os mais comuns e tradicionais são a *onda copacabana*, *andorinha* (Figura 135 B), diversos *florões*, *harpa faixa destacada*, *xadrez*, *listrados*, *filetes*, etc. Mais recentemente o *salpicado* (Figura 138 B) Todos podem ter variações de cores. A *andorinha* foi criada durante a gestão do prefeito Lauro Péricles Gonçalves, de 1972 a 1976, que queria padronizar as calçadas com o desenho na época que Campinas completou 200 anos.

Como era assentado o mosaico antigamente?

Desde a sua introdução em Campinas até a década de 70, os mosaicos eram assentados sobre camada de areia de rio, (que muitas vezes vinha contaminada com sementes de ervas daninhas o que propiciava que mato nascesse entre as pedras), colocando-se as pedras bem próximas umas das outras com quinas se tocando para haver travamento do conjunto. Ao terminar a colocação das pedras, que eram bem menores que as que usamos hoje por que os desenhos eram mais detalhados, eram niveladas com um soquete de madeira para a acomodação. Por cima era jogada uma mistura de areia com um pouquinho de cimento para fazer o rejunte. O conjunto era

travado pelas próprias pedras, sem argamassa alguma. O piso era bem permeável a água. Mesmo assentado só com areia eram muito duráveis e resistentes ao desgaste. Existem mosaicos de mais de 100 anos em Campinas, nas calçadas internas e externas do Instituto Agrônomo de Campinas, da Casa de Saúde, Hospital Beneficência Portuguesa e alguns que sobraram em ruas do centro de Campinas.

E atualmente?

Hoje as pedras são bem maiores, cubos de 5 a 6 cm em média, assentadas sobre uma camada de 7cm de areia misturada com cimento de traço 5/1. Completo o conjunto, é batido com o soquete de madeira para nivelar e por cima vai uma camada de areia misturada com cimento na razão de 1/1, que em seguida é regada. Hoje o piso é menos permeável. Para solucionar o problema de aparecimento de ervas daninhas no rejunte entre as pedras nós substituímos a areia da base ou do rejunte por pó de pedra, pedra moída que é estéril, e cimento. Colocamos uma tampa de inspeção para acesso a tubulação e fiação subterrânea com a marca da empresa. Alguns condomínios tem mais cuidado com a infra-estrutura nas calçadas colocando tubulões de concreto para plantio de arvores, evitando assim que as raízes se tornem superficiais e danifiquem o calçamento de pedra portuguesa. O preço hoje é de cerca de R\$70,00 por metro quadrado.

Quais outras mudanças aconteceram?

Antigamente as calçadas serviam apenas para transito de pedestres e o assentamento das pedras era feito sem cimento. Nivelava-se o terreno, colocava-se uma base de areia, por cima os moldes e em seguida as pedras previamente cortadas. Elas eram bem menores para formarem os desenhos que eram mais elaborados e cheios de detalhes, com mais floreios. As pedras eram colocadas bem próximas umas das outras para haver travamento, socadas e niveladas recebiam camada de areia fina para preenchimento com pouquíssimo cimento. O piso era constantemente acomodado pelo pisoteamento e o conjunto adquiria rigidez. No caso de necessidade de remoção das pedras era feita a retirada com facilidade e recolocadas seguindo o desenho. Hoje quando removemos pedras antigas, elas saem limpas. Quase não há desgaste e as pedras podem ser usadas novamente.

Com o aumento da frota de carros particulares houve uma grande mudança porque o mosaico assentado do modo tradicional não suporta o peso e transito de veículos e como a maioria das casas passou a ter garagens, o piso das calçadas não suportava. Muitas vezes eram consertados por pessoal não especializado e os remendos eram feitos sem técnica apropriada e não impedindo a desagregação do conjunto. Também em Campinas há o habito de estacionar carros com duas rodas em cima das calçadas mesmo onde não há entrada de garagem. Os pisos antigos começaram a estragar e as pedras que estavam firmes já há muito tempo se soltavam, o piso desmanchava e apareciam muitos buracos que iam aumentando. Havia muita reclamação e pouco cuidado.



Figura 136. Calçada e entrada de garagem na região central, com piso de mosaico deteriorado, assentado até meados do século XX, com menos cimento na mistura. Rua Prof. Luis Rosa, Centro, Campinas, SP. Fotografia da autora

Então modificamos a técnica de assentamento colocando cimento na areia da base e do acabamento, para haver maior agregação e fazer uma massa mais rija depois da rega. Por volta de 1975 foram feitas fotos mostrando o veículo da empresa e carros estacionados e transitando sobre os mosaicos para mostrar que eram resistentes. Com a nova forma de assentar, a remoção de parte do conjunto em caso

de necessidade de alguma manutenção em canalização fica mais difícil e quase não se pode reutilizar as pedras por restarem pedaços de argamassa de cimento agregado a elas. Depois as residências passaram a ter mais de um carro e ao reformarem a frente das casas para acomodar o segundo ou terceiro carro, acabavam retirando todo o mosaico das calçadas, colocando cimento ou algum material pré-moldado. Raramente o mosaico era refeito ou restaurado por pessoal especializado. Havia também a necessidade de vagas para estacionamento na frente de casas e edifícios comerciais e muitos jardins desapareceram. Quando proprietários de imóveis contratavam serviço para refazer o mosaico, geralmente a maioria escolhia desenhos diferentes dos vizinhos e não continuavam o desenho original da quadra. Com isso os antigos mosaicos foram se acabando. Há também o problema de muitas casas terem esgotos ligados irregularmente à rede de águas pluviais. Com chuvas fortes essas galerias antigas ficam saturadas, se rompem e estragam muitas calçadas, que muitas vezes ainda estavam em boas condições, apesar de algumas serem muito antigas, até de quase 100 anos.

Deveríamos cuidar dos mosaicos que restam em alguns pontos de Campinas antes que desapareçam. É importante preservar pelo menos as calçadas do IAC, algumas praças e locais onde ainda há mosaicos antigos. Nossa empresa fez o piso de pedra portuguesa da Praça Carlos Gomes quando ela foi reformada no governo do prefeito José Roberto Magalhães Teixeira em 1996. Parte do piso antigo foi preservado e recuperado, sendo integrado ao novo. Acho que assim deveríamos fazer com outros pontos de interesse histórico. Profissionais portugueses que estiveram em Campinas se emocionaram ao verem os mosaicos de nossas calçadas mais antigas e principalmente ao observarem o estado precário que elas apresentam, demonstrando o descaso que a cidade tem com essa tradição. Quando foi reformado o calçadão da Rua Treze de Maio em 2006, nós propusemos que o piso fosse feito em pedra portuguesa, mas foi escolhido um piso de material trazido do sul, que não tem a durabilidade, adaptabilidade e a tradição do mosaico. Agora em 2009 retiraram o que restava na Avenida Campos Sales como fizeram na Avenida Paulista em São Paulo, substituindo o piso de mosaico da paisagista Rosa Kliass por placas de concreto. Aqui as placas vão ser entremeadas com quadrados de mosaicos com uma andorinha de desenho mais

moderno em preto e branco. Tiveram intenção de ter os mosaicos em algumas placas, mas o novo material não aceita reformas ou acesso a infra-estrutura subterrânea.

Os mosaicos antigos de Campinas deveriam ser restaurados por fazerem parte da nossa história. Nos países da Europa que tem mosaicos de pedra portuguesa nas calçadas, principalmente em Portugal e Espanha, há manutenção e preservação e eles têm interesse turístico e histórico. Campinas tem muitos mosaicos antigos que poderiam ser preservados e cuidados com manutenção apropriada, porque no futuro não vamos encontrar cortadores e calceteiros especializados para fazer a restauração. Na Europa também não há muitos profissionais para restaurar desenhos antigos, esse trabalho é muito especializado e a mão de obra cara. Deveríamos preservar as nossas calçadas enquanto temos mão de obra especializada e exemplares antigos na cidade.

9.3. Sr. Dorivaldo dos Santos

Calceteiro, 56 anos, morador de Campinas. Entrevista realizada em 14 de Agosto de 2010 na sede da empresa Pedramista em Campinas.

Qual a sua profissão? Já trabalhou em outra atividade?

Minha profissão é de calceteiro, trabalho colocando mosaico português desde os 10 anos de idade.

Como o Sr. começou na profissão e como aprendeu o ofício?

Comecei a trabalhar em 1964 quando conheci um rapaz de uma firma de calcetaria, que foi de Campinas a Serrana, SP, onde eu morava com minha família, colocar o calçamento da praça de lá. Ele passou uma temporada trabalhando lá e começou a namorar a minha irmã mais velha. Eu aprendi o trabalho com ele, gostei e já fiquei trabalhando enquanto eles estiveram em Serrana. Depois de pouco tempo ele voltou para lá e se casou com minha irmã e eu vim com eles morar em Campinas. Eu trabalhava de dia fazendo calçadas e estudava a noite. Trabalhei em muitas firmas. Aos 12 anos já era registrado como calceteiro. Nunca trabalhei em outra coisa.

Como eram as condições de trabalho antigamente e como são hoje?

O trabalho é o mesmo, mudou pouca coisa, mas eu trabalhei em empresas que não pagavam direito ou não registravam. Faz 18 anos que trabalho na Pedramista e aqui as condições são excelentes. Pagam direito, temos 13º, férias, trabalho garantido e bom material de trabalho. Eu já consegui duas casas próprias, carro, sustento minha família. Tudo só com o trabalho em calcetaria. Eu trabalho com amor no serviço, a gente sente prazer em fazer um trabalho bonito, bem feito. Mas já estou quase me aposentando.

Qual o seu rendimento mensal?

Eu tenho muita prática porque comecei menino, então eu assento 280 a 300 m² de piso por mês, o que dá entre R\$ 2.500,00 a R\$ 3.000,00 mensais. Um calceteiro com experiência assenta em média 10 m² de piso por dia. Mas se o calceteiro não tiver prática, ele assenta pouco por dia, desanima e desiste do serviço.

Como o Sr. vê a profissão de calceteiro hoje em dia?

Antes os calceteiros começavam a trabalhar bem novos, ainda meninos, e o corpo ia acostumando a trabalhar agachado: principalmente os joelhos e as costas. Se um rapaz começar mais velho, aos 18 ou 19 anos, ele não agüenta ficar tanto tempo na posição de trabalho: os joelhos e as costas não acostumam mais depois de formados. É preciso ter condicionamento físico para esse trabalho. Muitos rapazes começam no serviço e depois largam por que não agüentam o trabalho, que é duro. (Figura 124) As juntas dos joelhos não acostumam mais. Os joelhos têm que aguentar ficar horas dobrados. (Figura 115) Antes eu agachava de manhã e só levantava na hora do almoço e hoje eu sinto que os joelhos já não estão muito bons, e tenho que levantar e sentar algumas vezes no meio do serviço. Também tem que ter força para bater o soquete, que é pesado, para nivelar as pedras. (Figura 121)

Mas hoje criança, menor de idade, não pode mais trabalhar e os maiores não querem aprender e se quiserem nem agüentam. É muito difícil aprender calcetaria depois de grande. O serviço é pesado e é delicado ao mesmo tempo. Tem que ter força, condicionamento físico, capricho. E tem que gostar do serviço. Então eu acho

que logo não vai mais ter quem faça o mosaico português. Tem muitos curiosos que fazem de qualquer jeito, não são profissionais. A concorrência não é boa porque fazem mais barato e mal feito. Não são profissionais. Aprendem um pouquinho e oferecem serviço por aí. O serviço fica feio, dura pouco e depois dizem que a calçada de pedra portuguesa não é boa, que racha e quebra. Hoje tem pouca gente que faz o serviço direito.

Como era a técnica antigamente e como é hoje?

Antes não se usava cimento embaixo. As pedras eram assentadas no saibro e travavam bem. Tem até hoje calçadas em Campinas que são feitas só com saibro, rejunte também de saibro. Já vi no Cambuí, na Beneficência Portuguesa, no Hospital Vera Cruz. Eu cheguei a fazer pisos assim. As pedras são praticamente as mesmas. Mas antes usávamos mais calcário e hoje é mais basalto e arenito.

Depois começaram a fazer com 3 partes de areia para 1 de cimento para o arremate, a camada de cima, e continuava só areia na de baixo. Hoje fazemos com cimento em baixo também, de 4 a 6 partes de areia para 1 de cimento, para durar, e 3 de areia para 1 de cimento em cima. Essa camada de rejunte não pode ser muito forte Por que tem que ter dilatação, tem que respirar. Se puser mais cimento a mistura fica muito forte e trinca e o piso se quebra se subir caminhão em cima ou se soltar uma pedra e não recolocar. Então a gente coloca a mistura certa, que é para dilatar e não quebrar. As calçadas quebram só se subir caminhão em cima ou se uma pedra soltar e não recolocar no lugar.

Antes usávamos mais formas para os desenhos, hoje são mais retos, usam muito o salpicado e faixas. A gente tinha que saber cortar a pedra também para fazer blocos com forma mais de acordo, e encaixar certo nas formas. Depois das pedras colocadas, tem que nivelar bem com o soquete, corrigir com nível, e só depois colocar a mistura do rejunte por cima e varrer bem com o vassourão para toda a mistura penetrar nos vãos das pedras, sem ficar por cima delas porque ela tem cimento e pode manchar as pedras. Molhamos um pouco e o rejunte assenta entre as pedras e colocamos areia pura por cima para proteger o trabalho.

Como eram feitos os desenhos nas calçadas?

Na maioria das calçadas eram usadas as formas da *onda copacabana*, e com ela a gente fazia muitos desenhos diferentes: a gente virava a forma de muitos jeitos e compunha desenhos, mudava as cores, fazia faixas dos lados, fazia muitos tipos de *florão* e inventava desenhos quando o morador pedia sugestão. Eu inventei muitos desenhos com essa forma. Se o desenho fosse reto, fazíamos com régua de madeira. Para a *andorinha* e outros desenhos mais complicados tem gabaritos e formas especiais.

Quando já havia na rua uma parte calçada com um tipo desenho, como era feitas as calçadas seguintes?

Se fosse a primeira calçada da quadra, o morador pedia sugestão ou pedia algum desenho da preferência dele, ou algum que viu em outro lugar. Mas se já tinha alguma calçada feita na quadra, tinha que continuar o desenho igual ao do vizinho. Todos acompanhavam o que já tinha. O desenho só mudava no outro lado da rua ou na esquina.

Antigamente, até uns 20 anos atrás, a prefeitura obrigava fazer piso de mosaico e o morador tinha que seguir a seqüência do desenho que já tinha na quadra. Tinha que tirar alvará para fazer o calçamento na frente da casa. Os vizinhos acompanhavam mesmo. Acho ruim hoje que fazem de qualquer material, cimentado, lajota, ou de qualquer desenho, fica tudo diferente, parece tudo remendado, cada casa fica de um jeito.

Hoje fazemos mais com *projeto* (Figura 133), principalmente em condomínios, já vem o serviço com desenho que eles querem. Mas a maioria faz cada casa diferente da outra e muitas vezes até separam o lote com uma faixa. (Figura 135) Eu não acho isso bonito, não dá seqüência. Era mais bonito quando a rua ficava toda igual. (Figura 136)



Figura 137. A: Mosaico interrompe a continuidade do motivo da quadra, no Cambuí. B: Desenho da lira e C: Bairro Guanabara, Campinas, SP. Fotografias da autora

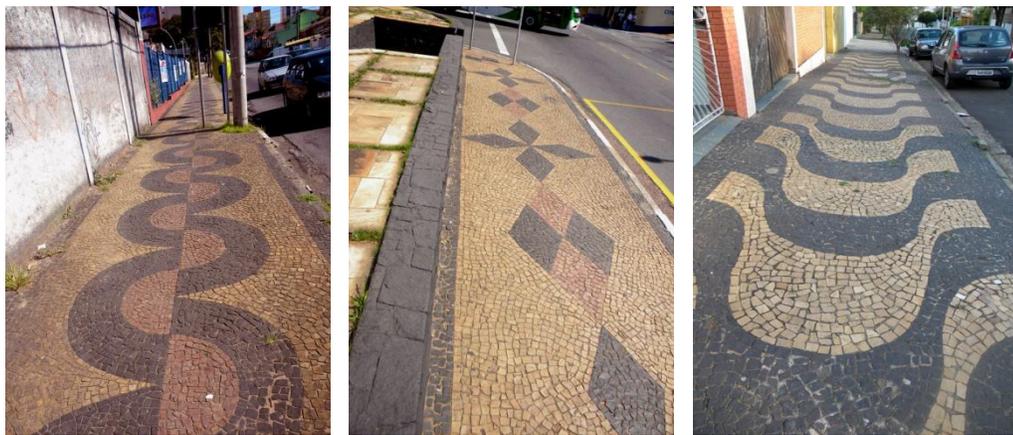


Figura 138. Calçadas com mosaico contínuo. A: V. Itapura. B: Taquaral. C: Guanabara. Campinas, SP. Fotografias da autora



Figura 139. A: *Onda copacabana*. B: Salpicado. Campinas, SP. Fotografias da autora

O Sr. tem calçada com pedra portuguesa na frente da sua casa?

Sim, tem a *onda copacabana* que eu mesmo fiz. E na outra casa tem o *salpicado*. (Figura 137)

O Sr. Dorivaldo dos Santos se aposentou em 2011, abriu uma marmoraria e continua na atividade da calcetaria empregando outros calceteiros.

9.4. Sr. Cosmo Passos

Entrevista realizada em 20 de Maio de 2011. Sr. Cosmo tem 86 anos, é funcionário público do Estado, aposentado. Reside perto do IAC, à Rua Dona Ana Eufrosina, 143, no bairro Jardim Guanabara.³⁰

O Sr. é natural de Campinas? Em quais bairros o Sr. morou? Como era o seu bairro na época da sua infância?

Eu nasci em Barão Geraldo no sítio de meu pai, ele trabalhava com lenhadora (cortava lenha e vendia aqui na cidade para uso em fogão econômico). Quando eu tinha 6 anos minha família se mudou para a cidade, moramos pouco tempo no bairro Taquaral e no Cambuí e em 1932 meu pai comprou terreno do loteamento Rossi Borghi, (que depois foi chamado Jardim Brasil, e agora chamam de Jardim Guanabara) aqui nesta Rua Dona Ana Eufrosina e construiu a primeira casa da quadra.

Só havia mais 3 casas na rua que ainda não era asfaltada nem calçada. Mas tinha Luz, água e esgoto. E a maioria dos terrenos vagos. Tinha linha de bonde na avenida Brasil e na Barão de Itapura. Eu ia a pé ao grupo escolar Guanabara, já demolido, que ficava em frente ao Colégio Imaculada na Avenida Barão de Itapura.

Também com colegas ia passear no IAC, beber garapa que eles davam lá. Foi antes de construírem os dois prédios iguais³¹, só tinha o principal e a casa do diretor e as estufas. O jardim do IAC era muito bonito, ajardinado, com flores e tinha os caminhos de pedra portuguesa e também as calçadas, tudo muito bem cuidado.

³⁰ Localização das moradias originais citadas pelos entrevistados no mapa (Figura 30)

³¹ Os edifícios gêmeos, Conselheiro Antonio Prado e Franz Daffert, que ladeiam o prédio D. Pedro II, ambos edificadas a partir de 1838 e inauguradas em 1943. (Figura 87)

Aqui era o fim da cidade. O Jardim Guanabara entre a Avenida Brasil e o Castelo era um loteamento dos ingleses, com os dois bosques (dos Alemães e dos Italianos), de lotes mais caros, todo cercado com ciprestes, demorou mais para ser povoado.

A Vila Nova era lugar de chácaras e algumas casas soltas. Chamavam o pessoal que morava lá de “pé vermelho” porque era tudo sem asfalto nem calçamento e o pessoal ficava com o pé sujo de terra. A Rua Buarque de Macedo aqui ao lado, foi a primeira do bairro que foi asfaltada.

Em 1938 nossa rua já tinha várias casas então meu pai teve que pagar o asfalto e o calçamento. O asfalto era calculado pela metragem da frente do lote da casa e o custo dividido com o vizinho da frente. Mas a calçada era toda paga pelo dono do lote.

Depois que a casa estivesse pronta, a prefeitura exigia e dava prazo para fazer, todas em mosaico português. A casa da esquina já tinha escolhido o desenho do piso, então na frente da nossa casa foi feito igual. Meu pai pagou o serviço a prestação. Contratou o serviço de um empreiteiro português chamado Pedro Carmona que tinha firma disso, trouxe as pedras e dois empregados fizeram o piso. Aqui era o fim da cidade, o Jardim Guanabara entre a Avenida Brasil e o Castelo era um loteamento dos ingleses, mais caro, todo cercado de ciprestes que demorou mais para ser povoado. As ruas que tinham menos casas demoraram mais para serem asfaltadas e calçadas, mas tudo foi feito antes de 1940.

O Sr. costuma/costumava andar a pé pelo bairro?

Antigamente todo mundo andava a pé ou de bicicleta, crianças e adultos. Íamos ao centro de bonde. Depois de ônibus e agora todo mundo só sabe andar de carro. Ninguém mais anda a pé.

Como era o calçamento de outros locais da cidade?

Eu me lembro bem do centro: do Largo do Rosário antes da demolição da igreja porque meu pai entregava lenha lá para os padres, tinha um jardim bonito com parreiras num terreno grande ao lado da igreja. Os padres tinham bancos para sentarem na sombra do parreiral, tudo bem arrumado. O Jardim Carlos Gomes tinha coreto, palmeiras na volta toda e também o calçamento de pedrinhas. Lá era o footing.

Tem também o Largo São Benedito, uma praça grande, perto da Casa de Saúde e a praça na frente da Beneficência Portuguesa, todos ajardinados e calçados com pedrinhas. A cidade toda era assim, porque era exigido. Não era barato, mas as pessoas pagavam porque o dinheiro valia e todo mundo podia planejar as melhorias nas casas. E a prefeitura fiscalizava. A cidade era bem arrumada.

O Sr. Trabalhava no bairro? Sua família possuía carro? E seus vizinhos?

Quando eu era menino eu ajudava meu pai, depois trabalhei em alguns serviços (oficina mecânica, metalúrgica) e já mais rapaz, trabalhei no departamento de Engenharia e Mecânica do Estado (DEMA) e depois no ITAL (Instituto de Tecnologia de Alimentos, Campinas) no setor de óleos. Eu ia trabalhar de bicicleta, de bonde ou a pé mesmo. Os primeiros ônibus de linha do bairro foram do Bonavita, depois de 1940. Em 1953 eu me casei e comprei o lote ao lado da casa do meu pai, aqui na mesma rua e construí a casa. Depois pedi autorização para a Prefeitura para fazer a calçada, de pedra portuguesa igual ao resto da quadra. Ninguém tinha carro aqui na rua. Só fui comprar meu primeiro carro, um *Fusca* bege, em 69, quando já tinha quatro dos meus seis filhos. Depois em 74 eu comprei uma *Variant*. Era fácil comprar porque a gente dava 40% do preço do carro à vista e pagava o restante sem juros. Nessa época de 1970 em diante os vizinhos começaram a comprar carros também. Depois meus filhos cresceram e os mais velhos dirigiam meu carro.

O que o Sr. acha das calçadas de mosaico português? Com está sua rua hoje?

Eu acho que antes era muito bom porque a prefeitura fiscalizava. E as ruas ficavam mais uniformes, as calçadas davam sequência. Se tivesse pedras faltando na calçada ou estivesse ficando esburacada, o dono da casa recebia intimação com prazo para consertar. Depois, por causa de muita política, relaxou tudo. Não tomam conta da cidade. Tinha um grande chapéu de sol na frente da minha casa, já tão velho que as raízes estragaram todo o piso da calçada, então eu pedi autorização para cortar, já faz uns 20 anos. Plantei outras duas árvores que estão já crescidas e na época tive que mandar refazer todo o piso da calçada. Puderam usar as mesmas pedras do antigo, mas porque não tinham mais como fazer o desenho com as curvas, igual ao que era antes, fizeram só com faixa e tudo da mesma cor. Então a minha calçada ficou

diferente do resto. Eu não acho bonito assim tudo recortado. Mas hoje isso não tem importância mais, está tudo diferente mesmo. Tem lugares que a calçada é toda estragada, nem tem mais calçamento e a prefeitura não exige nada.

O Sr. se recorda de algum desenho dos pisos?

Tem calçada com os desenhos de curvas, tem aquele que parece uma onda e depois teve as andorinhas, por que diziam que Campinas tinha muita andorinha.

9.5. Sr. Carlos Amilcar Parada

Professor Doutor universitário do Instituto de Biologia da UNICAMP, 49 anos, nasceu e se criou em Campinas. Entrevista realizada em Campinas no dia 15 de Agosto de 2010

O Sr. é natural de Campinas? Em quais bairros o Sr. morou? Há quanto tempo saiu de lá?

Sim. Morei sempre no Bairro do Castelo (Bonfim). Em 1996 fui morar na França por 3 anos. Em 2000 fui para os Estados Unidos por 3 anos. Entre 2004 e 2007 morei também em Ribeirão Preto, e atualmente moro em Campinas e em Piracicaba. Desde 2004, todo final de semana vou para Campinas, na mesma casa que passei minha infância onde moram meus pais.

Que idade o Sr. tinha quando morou nesses lugares?

Nasci e morei no Bairro do Bonfim (Castelo), mais precisamente na rua Rafael Penteado, entre as ruas Theodoro Langard e rua Germânia. Quando tinha 4 anos mudamos para a casa da minha avó na rua Theodoro Langard, a dois quarteirões de onde nasci e finalmente para a av. Alberto Sarmiento esquina com Padre Camargo Lacerda, na rua acima da casa de minha avó, onde ainda moram meus pais.

O Sr. costuma/costumava andar a pé pelo bairro? Aonde o Sr. ia a pé? Com que frequência?

Andar a pé ainda é uma atividade que mais gosto de fazer. Na minha infância frequentemente íamos a pé do Castelo à Vila Teixeira onde moravam parentes. Fazia isso com minha avó quase toda semana. Nos finais de semana íamos a pé para

Vila Industrial até a Rua Dr. Carlos de Campos. Também andava muito a pé pelo meu bairro numa área que vai da Avenida Andrade Neves à Governador Pedro de Toledo.

Quais atividades o Sr. fazia na rua? E os adultos da sua família?

Brincávamos na rua. A rua era um espaço que servia como extensão da casa. Pela manhã íamos à escola e a tarde nos reuníamos em frente a casa da minha avó que ficava na rua de baixo e era menos movimentada. Até hoje pessoas, mesmo adultas, se reúnem na calçada e sentam em bancos improvisados para conversar. Andar de bicicleta, jogar futebol, subir nas árvores, empinar pipas, estas coisas eu fazia na rua. Durante minha adolescência, porém, frequentei clube (Círculo Militar, no Chapadão), mas ia a pé ou mais comumente de bicicleta. Bicicleta foi uma grande diversão para mim, costumava passear por vários bairros de Campinas porque gostava de passear por lugares e ruas: Chapadão, Vila Nova, Taquaral, Botafogo, Guanabara, Cambuí e outros. Andando, com meus pais ou avós, visitava parentes que moravam em outros bairros como Vila Teixeira e Vila Industrial.

Sua família possuía carro? E seus vizinhos? O Sr. usava transporte coletivo? Com que frequência?

Em 1974, quando tinha 14 anos meu pai comprou seu primeiro automóvel, um Fusca vermelho. Até então andávamos de ônibus ou a pé. Atualmente eu, meus pais, meus irmãos possuímos carros. Alguns vizinhos dos meus pais possuem carros, outros não. Usei transporte coletivo para ir ao Colégio Técnico da Unicamp, à Rua “Culto à Ciência” onde estudei até aos 17 anos. Hoje eu raramente uso transporte coletivo, mas quando tenho oportunidade, gosto de passear de ônibus e passar pelos bairros e ruas diferentes.

Como era o piso das calçadas das casas nas quais O Sr. morou? Como era o piso da calçada das casas vizinhas à sua?

Eram de calçamento português. Embora modificada a calçada ainda hoje é de pedra portuguesa. Nas casas vizinhas também de pedra portuguesa. Era o calçamento mais comum no meu bairro. Também na Vila Industrial, Vila Teixeira, Botafogo e Guanabara aonde íamos com mais frequência as calçadas eram de pedra portuguesa.

O Sr. lembra dos detalhes ou desenhos desses pisos? O Sr. lembra de outros desenhos diferentes que havia no seu bairro ou em outro local, rua ou praça, que você frequentava? O Sr. se lembra dos desenhos que havia na sua vizinhança?

Lembro-me bem dos desenhos das calçadas do meu bairro. Eram alguns poucos motivos geométricos ou florais e que se repetiam entre os quarteirões. Em algumas poucas calçadas em frente alguns Parques às vezes o desenho era a silhueta de uma andorinha, símbolo de Campinas. No meu quarteirão os desenhos eram na sua maioria de duas cores apenas, (pedras pretas e amareladas). Em alguns quarteirões eram vermelhas e amareladas, e às vezes vermelhas, pretas e amareladas. Tanto do lado das casas quanto rente à sarjeta havia sempre uma faixa, normalmente de pedras pretas. Havia três desenhos mais comuns no meu bairro: Uma flor estilizada formada de um círculo central e quatro pétalas em forma de semicírculo. (Figura 139 A)



Figura 140. A: Florão simples. B: Florão duplo. C: Losango “moderno”. Campinas, SP. Fotografias da autora

Um desenho em forma de ornato formado 2 círculos centrais e duas formas triangulares e curvas. (Figura 139 B) e um losango desenhado no centro da calçada que normalmente decorava as calçadas casas mais modernas, geométricas, construídas na década de 70 e comuns nos bairros do Castelo, Chapadão e Guanabara. (Figura 139 C) Na Avenida Alberto Sarmiento, porém, era comum encontrar desenho em forma de ondas feito de pedras amareladas e pretas e em frente à antiga IBAF, fábrica desativada onde hoje é a “Forte” Veículos, a calçada tinha o símbolo da fábrica.

Como era chamado esse tipo de piso na época? Como o Sr. chama esse tipo de piso?

Chamávamos “calçada portuguesa” ou com “pedras portuguesas” e até hoje chamo assim.

Quais desenhos o Sr. pode citar? Que cores há/ havia?

Flores variadas, losangos, o ornato descrito anteriormente, ondas e a andorinha. Preto, vermelho e amarelado (caramelo). Raramente branca.

Como era a conservação? Ótima (), Boa (), Regular (X), Ruim (), Péssima ().

O Sr. reparava no piso na época? O Sr. repara hoje?

Sim, muito, devido os desenhos e por conta de uma brincadeira comum quando íamos visitar os parentes distantes. Eu, meus irmãos e meus primos brincávamos de só poder pisar em uma dada cor na calçada. Assim tínhamos muitas vezes que pular de um ponto a outro da calçada, o que era divertido e ao mesmo tempo nos fazia prestar atenção no desenho das calçadas. Ainda hoje observo muito as calçadas.

O que o Sr. acha desse tipo de piso? Quais as qualidades? Quais os defeitos?

O Sr. identificava problemas no piso?

Hoje vejo este piso com reminiscência e romantismo. A beleza decorativa e a uniformidade das calçadas.

Este tipo de calçamento era muito susceptível ao peso de alguns automóveis ou caminhões que por algum motivo passassem pela calçada. Além disso, este tipo de piso pode se tornar perigoso para as pessoas mais idosas e com dificuldade de locomoção. Como este tipo de piso era comum em bairros antigos da cidade onde, conseqüentemente, viviam pessoas mais idosas, houve muito acidente com estas pessoas que não raramente tropeçavam nas pedras mal assentadas. A conservação deste calçamento se tornou cara devido ao trabalho artesanal.

O Sr. já viu ou se lembra da colocação e ou da manutenção? Quando?

Sim, várias vezes. Durante a minha infância era com muita curiosidade que víamos os “calceteiros” (era assim que os chamávamos) trabalharem. Também, o barulho do bater dos martelos nas pedras chamava a atenção das crianças.

Lembro que os “calceteiros” trabalhavam sentados na calçada com uma pilha de pedras ao lado de onde escolhiam aquelas que melhor encaixavam no “mosaico”. Iam martelando cada pedra fixando-as no chão preparado com areia e cimento. Com relação à calçada da minha rua que tinha um desenho em forma de flor estilizada, do que eu me lembro, os calceteiros inicialmente com uma linha de pedreiro delimitavam o espaço das faixas da sarjeta e da casa. Quando terminado o assentamento desta parte da calçada, colocavam uma forma de madeira compacta em forma de círculo no centro da calçada e assentavam pedras amareladas em torno deste círculo. Depois colocavam as formas em forma de pétalas ao redor desta linha circunferência de pedras amareladas. Começavam então a assentar pedras amareladas no espaço entre a faixa (preta) e as formas das pétalas. Depois retiravam as formas e preenchiam os espaços com pedras pretas e finalmente retiravam a forma do círculo e preenchiam com pedras também pretas ou eventualmente vermelhas. Depois de assentadas todas as pedras batiam sobre elas com uma espécie de peso de madeira arredondado fixado por um cabo longo para torná-las uniformemente fixadas. Ao final jogavam uma mistura de areia e cimento sobre a calçada e varriam o excesso fazendo esta mistura penetrar nas frestas. Por último jogavam água sobre a calçada. Faziam Flores variadas, losangos, o ornato descrito anteriormente, ondas e a andorinha.

O Sr. se lembra de substituições no desenho ou material do piso do calçamento?

Sim. Muitas vezes quando os moradores reformavam a calçada recolocavam as pedras sem refazer os desenhos. Outras vezes trocavam o calçamento de pedras por pisos mais baratos, como o de cimento.

Alguma casa em que o Sr. morou passou por reforma? A reforma gerou alguma modificação no piso da calçada? Qual?

Quando a casa dos meus pais foi construída, no início da década de 70, foi feita calçada de pedras portuguesas como determinava a prefeitura na época, mas sem desenhos decorativos.

Era hábito de sua família limpar/lavar as calçadas?

Sim, era e é até hoje.

Sua rua era arborizada?

Sim, muito.

Qual o melhor tipo de piso para calçadas?

Não acredito que exista um único piso ideal para calçada, mas considero importante um piso que permita o deslocamento das pessoas normais ou deficientes, sem ou com carrinho de criança e que seja ao mesmo tempo bonito e uniforme. Acredito que a calçada deveria ser uma extensão da rua e não da casa, e portanto, deveria manter uma uniformidade ao longo da rua, no bairro ou mesmo na cidade. A calçada deveria ser tratada como é um espaço público visando sempre o pedestre transeunte e não um espaço em função dos habitantes da casa.

O Sr. acha que esse tipo de piso tem importância para sua casa? Rua? Quadra? Bairro? Cidade?

Acho que sim. Considero um piso que ao mesmo tempo determina uma uniformidade na cidade e possibilita diferentes desenhos decorativos, ao mesmo tempo em que, quando conservado, facilita o tráfego de pedestre. Pessoalmente este tipo de calçamento me trás boas lembranças.

Conhece outras cidades que tem calçadas assim? Quais?

Sim, Santos, e várias cidades do interior de São Paulo como Piracicaba e Sorocaba.

Quais outros marcos, características ou detalhes identificavam seu bairro? Sua cidade?

No meu bairro, a caixa d'água que lembra um castelo e que deu nome ou apelido ao bairro. Os flamboyants, árvores que eram típicas do Castelo e do Jardim Chapadão. Lembro-me quando eles foram retirados da Avenida Alberto Sarmiento. Campinas era uma cidade muito arborizada.

O Sr. acha que hoje esse tipo de piso é usado/desejado pelos moradores?

Não sei, mas o seu alto custo pesa na decisão de muitos moradores.

Os pisos desses lugares ainda existem?

Sim, mas na maioria dos lugares sem os desenhos. Alguns trechos das ruas destes bairros ainda mantêm este tipo de calçamento com os desenhos originais.

Qual piso o Sr. escolheria para uma calçada e/ou área externa hoje?

Piso de pedras portuguesas.

9.6. Sra. Elis Stela Mello de Oliveira

Pedagoga 43 anos nasceu e se criou na Vila Teixeira, em Campinas. Entrevista realizada em Campinas no dia 23 de Fevereiro de 2011.

A Sra. é natural de Campinas? Há quanto tempo mora/morou na cidade?

Desde que nasci sempre morei em Campinas. Minha família morava na rua Alfredo Contarelli 172, Jardim Santa Vitória, Vila Teixeira. Depois que me casei morei em outros bairros de Campinas.

A Sra. costuma/costumava andar a pé pelo bairro? Aonde ia a pé? Com que frequência?

Andávamos muito a pé, para o centro íamos de ônibus. Íamos à escola a pé e o caminho era longo: saíamos de casa e passávamos pelo Jardim São Bento, Vila Aurocam, Vila Teixeira, Vila IAPI. É um caminho longo cheio de subidas e descidas até a escola e eu percorria com colegas, com minha irmã e muitas vezes sozinha desde o primeiro ano do ensino fundamental. Até atravessava a linha do trem, que depois virou do VLT. A minha rua era de terra, mas as avenidas do bairro já eram asfaltadas. Naquele tempo as crianças andavam a pé desacompanhadas. Íam à escola, faziam alguma compra, nós conhecíamos bem todos os bairros próximos à nossa casa e escola.

Qual a sua lembrança das ruas do seu bairro?

Lembro muito bem dos caminhos que eu fazia para ir à escola e dos lugares marcantes dos bairros por onde eu passava. A vizinhança da minha casa e os bairros próximos eram lugares bem conhecidos e era andando por eles que a gente ficava sabendo das novidades da vizinhança: da quermesse, do circo, da procissão. Passávamos por praças, comércio, igrejas e a feira. Fazíamos variações no caminho da escola, pois sabíamos onde tinha árvores frutíferas, quando era tempo de goiaba ou amora, onde havia jardins com flores - rosas, dalias... E a gente vivenciava as estações do ano com a mudança do clima: O tempo do frio e vento ou chuva, as enxurradas, o tempo de neblina logo de manhã, o tempo que tinha flores de paineira no chão, depois vinham as painas, o tempo de muito calor quando parávamos e bebíamos água na torneira da praça ou balançávamos nos balanços. Outras vezes desviávamos o caminho para comprar sorvete. Outras vezes entrávamos na igreja Santa Catarina e minha irmã, por brincadeira, acendia todas as velas. Algumas vezes eu comprava uma rosa para levar para casa ou para a professora. O caminho era muito interessante.

A Sra. notava o piso das calçadas?

Eu percebia que nas avenidas e em muitas ruas do meu caminho para a escola tinha a “calçada de pedrinhas” e eu perguntava para o meu pai se nós também iríamos ter esse piso na frente da nossa casa. Ele dizia que quando a rua fosse asfaltada deveria a fazer o piso porque a prefeitura obrigava, e eu ficava esperando isso acontecer por que para mim a calçada de ondas simbolizava uma rua melhor e uma casa bem arrumada. Por isso achava que a nossa casa só estaria acabada de verdade com aquela calçada de pedrinhas pretas e brancas. Meu pai também dizia que era um tipo de calçada cara e ele teria que pagar para fazer o piso. Nossa rua era lá no fim do bairro, encostada na Anhanguera.

Eu gostava muito das calçadas de pedrinhas por que eu ia me distraíndo com elas, fazendo brincadeiras: pulando só nas partes escuras ou só nas claras, ou um pé em cada cor, ia falando as tabuadas, ou pulando e contando em dezenas ou em milhares. Também fazia uma competição com meus colegas e minha irmã para ver quem pulava mais longe, de dois em dois, ou de três em três espaços, o que os

maiores conseguiam, ou fazendo a maior seqüência sem pisar nos limites, principalmente quando o desenho era de onda, que tinha mais por lá. Minha irmã não gostava de pisar no limite das cores e preferia andar na faixa escura que fazia a moldura das ondas em muitos lugares. Eu também percebia quando tinham calçado na frente de alguma casa ou tinham feito algum conserto, pois havia sempre uma areia que não era varrida, por cima das pedrinhas. Eu notava que em alguns lugares nascia um matinho entre as pedras, em outros apareciam buracos que depois eram remendados. Em alguns lugares tinha desenhos com pedras marrom avermelhado e raramente umas bem brancas. Meu caminho para a escola era longo, quase 2 km, e hoje eu lembro com era bom poder fazer essas brincadeiras de pular, correr e contar nos desenhos da calçada, por que isso me distraia e quando eu via, já estava perto de casa ou da escola. Essas calçadas são boas lembranças que fazem parte da minha infância.

A Sra. se lembra da colocação do piso?

Minha casa nunca chegou a ter a calçada de mosaico por que depois foi feito um piso de cimento, mas eu me lembro de ver os homens agachados colocando as pedrinhas, batendo com um martelo e fazendo um barulhinho. Depois eles espalhavam uma areia e varriam. Acho que depois colocavam mais areia porque eu reparava que depois do trabalho terminado colocavam areia, que ficava por cima nesses locais, até a chuva lavar.

A Sra. lembra dos detalhes ou desenhos desses pisos? de outros desenhos diferentes que havia no seu bairro ou em outro local, rua ou praça, que frequentava? A Sra. se lembra dos desenhos que havia na sua vizinhança? Conhece outras cidades que tem calçadas assim? Quais?

Lembro bem das ondas, das andorinhas e das flores. Em alguns lugares havia um losango e em outros uma espécie de leque. Lembro que via em praças de Campinas e numa cidade de praia também.

Como era a conservação? Ótima (), Boa (X), Regular (), Ruim (), Péssima ().

O que o Sra. acha desse tipo de piso? A Sra. acha que esse tipo de piso tem importância para sua casa? Rua? Quadra? Bairro? Cidade?

Acho muito bonito. Com esse tipo de calçada a cidade tem um senso de organização, de sequência que dá uma aparência agradável. É bonito e limpo, e pode ser consertado. Com as casas com um calçada de cada jeito não dá essa impressão confortável de sequência nas ruas e na cidade.

Qual piso a Sra. escolheria para uma calçada e/ou área externa hoje?

Eu colocaria o piso de pedrinhas de mosaico.

10. ANEXOS

10.1. *Cristalizações*, de Cesário Verde³²

A Bettencourt Rodrigues, meu amigo.

Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócaras, em linha os calceteiros,
Com lentidão, terrosos e grosseiros,
Calcam de lado a lado a longa rua.

Como as elevações secaram do relento,
E o descoberto Sol abafa e cria!
A frialdade exige o movimento;
E as poças de água, como um chão vidrento,
Reflectem a molhada casaria.

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;
Luzem, aquecem na manhã,
Uns barracões de gente pobrezita
E uns quintalórios velhos, com parreiras.

Não se ouvem aves; nem o choro duma nora!
Tomam por outra parte os viandantes;
E o ferro e a pedra - que união sonora! -
Retinem alto pelo espaço fora,
Com choques rijos, ásperos, cantantes.

Bom tempo. E os rapagões, morosos, duros, baços,
Cuja coluna nunca se endireita,
Partem penedos. Cruzam-se estilhaços.
Pesam enormemente os grossos maços,
Com que outros batem a calçada feita.

A sua barba agreste! A lã dos seus barretes!
Que espessos forros! Numa das regueiras
Acamam-se as japonas, os coletes;
E eles descalçam com os picaretos
Que ferem lume sobre pederneiras.

³² Cesário Verde poeta português nascido em Lisboa, (1855 —1886) sendo considerado um dos precursores da poesia que seria feita em Portugal no século XX.

E neste rude mês, que não consente as flores,
Fundeião, como a esquadra em fria paz,
As árvores despidas. Sóbrias cores!
Mastros, enxárcias, vergas! Valadores
Atiram terra com as largas pás...

Eu julgo-me no Norte, ao frio - o grande agente!
Carros de mão que chamam carregados,
Conduzem saibro, vagarosamente;
Vê-se a cidade, mercantil, contente:
Madeiras, águas, multidões, telhados!

Negrejam os quintais; enxuga a alvenaria;
Em arco, sem as nuvens flutuantes,
O céu renova a tinta corredia;
E os charcos brilham tanto que eu diria
Ter ante mim lagoas de brilhantes!

E engellem muito embora, os fracos, os tolhidos,
Eu tudo encontro alegremente exacto,
Lavo, refresco, limpo os meus sentidos.
E tangem-me, excitados, sacudidos,
O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!

Pede-me o corpo inteiro esforços na friagem
De tão lavada e igual temperatura!
Os ares, o caminho, a luz reagem;
Cheira-me a fogo, a sílex, a ferragem;
Sabe-me a campo, a lenha, a agricultura.

Mal encarado e negro, um pára enquanto eu passo;
Dois assobiam, altas as marretas
Possantes, grossas, temperadas de aço;
E um gordo, o mestre, com ar ralaço
E manso, tira o nível das valetas.

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores descansam as enxadas,
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo.

Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas;
Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

De escuro, bruscamente, ao cimo da barroca,
Surge um perfil direito que se aguça;

E ar matinal de quem saiu da toca,
Uma figura fina, desemboca,
Toda abafada num casaco à russa.

Donde ela vem! A actriz que tanto cumprimento
E a quem, à noite, na plateia, atraio
Os olhos lisos como polimento!
Com seu rostinho estreito, friorento,
Caminha agora para o seu ensaio.

E aos outros eu admiro os dorsos, os costados
Como lajões. Os bons trabalhadores!
Os filhos das lezírias, dos montados:
Os das planícies, altos, aprumados;
Os das montanhas, baixos, trepadores!

Mas fina de feições, o queixo hostil, distinto,
Furtiva a tiritar em suas peles,
Espanta-me a actrizita que hoje pinto,
Neste Dezembro enérgico, sucinto,
E nestes sítios suburbanos, reles!

Como animais comuns, que uma picada es quente,
Eles, bovinos, másculos, ossudos,
Encaram-na, sanguínea, bruta mente:
E ela vacila, hesita, impaciente
Sobre as botinas de tacões agudos.

Porém, desempenhando o seu papel na peça,
Sem que inda o público a passagem abra,
O demonico arrisca-se, atravessa
Covas, entulhos, lamaçais, depressa,
Com seus pezinhos rápidos, de cabra!

Lisboa, Inverno de 1878

10.2. Artigo do Prof. Cristovão Fernandes Duarte

As pedras portuguesas não têm culpa

Publicada em 28/04/2009 às 16h38m em O Globo

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2009/04/28/as-pedras-portuguesas-nao-tem-culpa-755479977.asp> Acessado em 29/11/2101

Ao longo das últimas semanas, a imprensa carioca vem veiculando um massivo e impiedoso ataque às calçadas de pedra portuguesa. Não se trata de nenhuma novidade. Volta e meia reaparecem os detratores desta eficiente e, por isso mesmo, longeva forma de revestimento de pisos e calçadas.

Nos anos 90, durante as intervenções urbanísticas do programa Rio-Cidade da Prefeitura do Rio de Janeiro, assistimos à execração pública das calçadas em pedra portuguesa da Av. N. S. de Copacabana, que acabaram substituídas por superfícies cimentadas. Curiosamente, no mesmo momento em que as pedras portuguesas eram banidas de alguns bairros da nossa cidade, o Projeto Rio-Cidade da Ilha do Governador construía cerca de 16 mil metros quadrados de novas calçadas em pedra portuguesa.

Quer dizer, a mesma prefeitura que condenava a pedra portuguesa em alguns bairros (mesmo sob protestos de parte da população), aprovava a sua utilização em outras áreas da cidade, demonstrando não haver um consenso estabelecido sobre a questão.

Os argumentos daqueles que querem ver banidas as pedras portuguesas não mudam nem se renovam. A tônica é sempre a mesma: a falta de manutenção dos calçamentos acarreta o aparecimento de buracos e pedras soltas, submetendo as pessoas a todo tipo de constrangimentos e riscos. A rusticidade das conclusões chega a ser comovente: as pedras estão fora de lugar? As calçadas estão esburacadas? Pronto, o veredito está dado! A solução será a remoção integral das pedras e sua substituição por outro tipo de revestimento (tudo isso nos fazendo lembrar de um antigo prefeito desta cidade que, para evitar que as marquises desabassem sobre a cabeça dos transeuntes, resolveu proibir a construção das marquises por toda a cidade).

Claro está que o problema não se refere à escolha do tipo de revestimento, mas à falta de gestão pública do espaço urbano, que não tem se mostrado capaz de assegurar o cumprimento da boa técnica de execução dos mosaicos em pedra portuguesa, nem a manutenção adequada das calçadas. Desde há milhares de anos (reparem: eu disse milhares de anos!) os mosaicos feitos com pedras calcárias multicoloridas são utilizados como revestimentos artísticos de paredes, colunas e pisos em todos os cantos do mundo. Trata-se, portanto, e na melhor das hipóteses, de um julgamento apressado condenar

este tipo de revestimento, cuja recorrência ao longo da história das cidades se revela de modo sistemático e persistente.

Escavações arqueológicas revelam a existência deste tipo de revestimento nas cidades da Mesopotâmia, no antigo Egito e nas cidades da antiguidade greco-romana. Entre os exemplos mais conhecidos, pode-se destacar a cidade de Pompéia, onde nem a devastadora erupção do Vesúvio (no ano 79 d.C.) foi capaz de apagar a solidez e a durabilidade dos painéis e pisos realizados segundo aquela técnica.

Tal herança, de resto utilizada em várias cidades do mundo, seria reavivada em Lisboa no século XIX, consagrando-se, a partir de então, como técnica preferencial para o revestimento de pisos de praças e áreas públicas nas cidades portuguesas, tanto na Metrópole como nas colônias do Império Ultramarino português.

As principais vantagens do revestimento em mosaico de pedra decorrem do seu sistema construtivo que, por analogia, pode ser aproximado a um jogo de "quebra-cabeça". Enumeraremos a seguir algumas dessas vantagens (às vezes pouco lembradas ou desconhecidas por seus detratores):

1) O mosaico resulta da justaposição de pequenas pedras (como as peças do "quebra-cabeça") que se tocam nos seus bordos. Essa característica confere grande flexibilidade e maleabilidade ao calçamento, permitindo, pedra após pedra, acompanhar as eventuais ondulações do terreno, como também ajustar-se com perfeição às mais complexas e inesperadas formas geométricas das superfícies a revestir;

2) Uma vez completado o mosaico, torna-se extremamente difícil retirar qualquer uma das pedras que o compõem. O atrito resultante do contato dos bordos das pedras entre si assegura um elevado grau de estabilidade ao calçamento (por esse motivo dificilmente encontramos partes faltantes na extensa área da Praça do Rossio em Lisboa, toda revestida de mosaico calcário). Tal característica física do sistema construtivo dispensa o uso de rejuntamento das pedras com argamassa de cimento ou qualquer outro tipo de aglomerante (alguns manuais técnicos admitem a utilização de uma farofa seca de saibro e cimento no preenchimento das juntas). Para assegurar a fixação das pedras basta apenas que elas estejam encaixadas uma às outras, de modo a que os bordos se toquem pelo maior número de pontos possível (não obstante a forma irregular das pedras), estreitando-se, assim, as juntas entre as pedras. A montagem paciente e cuidadosa deste "quebra-cabeça" é, aliás, o mister da arte da calcetaria (arte essa cada vez mais rara em nossa cidade, como demonstra a largura excessiva das juntas entre as pedras do calçamento que se tenta inutilmente compensar com a utilização de argamassa de cimento);

3) As pedras são (ou deveriam ser) assentadas sobre uma camada de areia que, por sua vez, se assenta sobre um solo compactado e convenientemente preparado para drenar as águas superficiais. Disso resulta outra grande vantagem da pedra portuguesa, sobretudo numa cidade como o Rio de Janeiro, sujeita a regimes de chuva intensa e com uma topografia acidentada. Trata-se de sua capacidade drenante, já que, se for observada a boa técnica de execução do calçamento (com pedras de junta seca,

sem cimento ou aderentes), teremos diante de nós um piso permeável, capaz de absorver parte das águas pluviais;

4) A junta seca permite ainda uma incomparável capacidade de regeneração da calçada após as intervenções das concessionárias de serviços públicos tais como águas e esgotos, energia elétrica, gás, cabos subterrâneos etc. As pedras são retiradas com a ajuda de uma ferramenta manual e repostas tão logo seja concluída a intervenção. No caso das calçadas de cimento, além de necessitar do emprego de ensurdecedoras britadeiras para quebrar a calçada, elas mantêm expostas as marcas dos remendos das sucessivas intervenções realizadas, gerando frequentes fissuras e trechos quebradiços entre a velha calçada e o trecho reconstruído;

5) A durabilidade dos pisos calcetados com pedra portuguesa em relação a outros tipos de revestimento (asfaltamento, cimentados, cerâmicos etc.) é bem conhecida e atestada por diversos autores. Acrescente-se ainda a significativa economia representada pelo baixo custo de manutenção ao longo do tempo, já que as pedras podem ser retiradas e reaproveitadas a cada reparo ou intervenção sofrida pelas calçadas;

6) Por fim, embora esta listagem não seja exaustiva, destaca-se a indiscutível beleza dos mosaicos artísticos que ornamentam o piso de praças, calçadas e áreas públicas na cidade. Os desenhos formados, a habilidade do calceteiro e as tonalidades das pedras utilizadas conferem feições estéticas originais aos pisos fazendo com que cada mosaico seja diferente dos demais.

As considerações acima apresentadas têm por objetivo não apenas contribuir para o debate sobre as calçadas em pedra portuguesa da cidade, mas também ampliá-lo, aprofundando as questões que lhe são concernentes. Para que o "choque de ordem" não se imponha de forma autoritária e tecnocrática (ou venha se esgotar apenas nos seus efeitos midiáticos) será necessário que se proceda também a um choque de gestão pública e democrática do espaço urbano. Significa dizer que uma cidade precisa ser construída e reconstruída todos os dias, pedrinha por pedrinha, tal como os mestres calceteiros nos ensinaram ao longo da história das cidades. E que a força de cada pedrinha decorre da força do sistema como um todo, gerado pelo fato de todas as pedrinhas compartilharem solidárias o mesmo projeto de cidade.

Cristovão Fernandes Duarte é doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ e professor do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

10.3. Parecer Ordep Serra, Docente da UFBA

PARECER SOBRE PROJETO DE REFORMA DA CALÇADA DO PORTO DA BARRA

Vamos começar nosso arrazoado por uma consideração básica. Uma paisagem urbana que alcança reconhecimento de sua beleza e de sua significatividade, não apenas em âmbito local, mas ainda além, conferindo a um sítio amplo prestígio, integra o patrimônio de um povo; deve ser protegida, jamais adulterada pelos governantes. Os elementos que compõem a paisagem urbana se organizam em uma sintaxe que é decisiva para a apreciação do conjunto. Considerar o Forte de São Diogo, o Forte de Santa Maria e o Farol da Barra (Forte de Santo Antônio) como monumentos isolados, como “ilhas” em um vazio, esquecendo seu entorno, contradiz o espírito da legislação pertinente ao patrimônio cultural. Desrespeitar os componentes do arranjo espacial que os liga um ao outro é tirar-lhes o valor de monumentos, é degradá-los. Um monumento vem a ser degradado não apenas quando se compromete sua visibilidade ou se descuida de sua manutenção; também é desqualificado quando o espaço que os emoldura ou flanqueia sofre intervenção desfiguradora, como está acontecendo. O conjunto formado por esses fortes e a linha de calçada que os interliga na orla construída, com a correspondente balaustrada, é um conjunto monumental. Esse conjunto deve ser respeitado: há que levar em conta o valor estético da paisagem como um todo. O passeio que limita a orla construída na Barra, dando acesso à praia através de escadarias, tem inegável importância estratégica para a composição da paisagem. A alteração das balaustradas ou do piso pode afetar o conjunto de maneira negativa, como está sucedendo. Elevando-se o piso, as balaustradas evidentemente “diminuem”, pois uma proporção é quebrada. E o piso do passeio, no trecho entre o Farol da Barra e o Forte de São Diogo, também tem um valor pictórico que afeta o conjunto. Tirar-lhe esse valor pictórico, que é garantido pelo arranjo das pedras portuguesas compondo um desenho característico, é subtrair qualidade estética à composição da paisagem da orla da Barra. Mais do que isso: o arranjo tradicional da calçada é um componente estilístico do conjunto. Merece a proteção devida à memória arquitetônica do mesmo. Desfigurá-la é atentar contra a integridade de bens reconhecidos como significativos para o patrimônio nacional.

Que a calçada em pedra portuguesa integra conjuntos monumentais harmonizando-se com a arquitetura desta mesma tradição pode-se ver facilmente contemplando logradouros famosos em Setúbal, Santarém, Tomar, Vila Do Conde (para citar só alguns exemplos) em terras lusitanas; este elemento característico também é um componente ineludível e inseparável de conjuntos arquitetônicos e urbanísticos em Angola (Lobito, Lubango) e em Macau, onde sua presença compõe uma marca histórica. No Brasil, a pedra portuguesa confere um valor estético e um caráter memorável a sítios famosos como Copacabana e Ipanema, no Rio de Janeiro; sua remoção ou substituição evidentemente descaracterizaria tais sítios.

Os argumentos com que se tem procurado desqualificar a composição do piso com pedra portuguesa na Barra são infantis, como é o caso da alegação de que as pedras aí empregadas não são efetivamente portuguesas. Quando se fala em pedras portuguesas, não se faz referência à simples origem do material: a expressão designa uma modalidade de calcetaria que se reporta a um modelo lusitano.

A tese de que as pedras portuguesas provocam necessariamente terríveis traumas ortopédicos não é menos bisonha. Nos muitos lugares, no Brasil, na Europa, na África e na Ásia, em que os calçamentos em pedra portuguesa têm conservação cuidadosa e constante, esses acidentes não acontecem. Não há registro de queixas dessa ordem com relação, por exemplo, ao Calçadão de

Londrina ou ao logradouro chamado de Bosque Portugal, em Curitiba, onde os poderes municipais têm tido cuidado de conservar bem o piso. De resto, nenhum calçamento resiste ao descuido e à negligência na manutenção: haja vista o mau estado do piso de granito na Praça da Piedade, em Salvador, colocado há pouco tempo. O piso de cimento do trecho Farol da Barra – Clube Espanhol, feito antes e depois do último carnaval, evidentemente foi posto e repostado de forma tão precária que agora já o estão recompondo — sabe-se lá com que durabilidade.

Substituir o piso da calçada no trecho Farol da Barra – Forte de São Diogo, onde as pedras portuguesas o enriquecem com um desenho agradável, por um piso de granito que evoca lápides de cemitério, é desfigurar a orla construída, apagando o movimento e o colorido da linha pontilhada que faz a ligação entre elementos significativos com que ela se harmoniza. A substituição por granito e concreto, além de elevar extraordinariamente o custo da intervenção, desfaz um componente da memória paisagística. Quem o ignora não leva a sério o patrimônio da cidade.

Já foi sugerido o asfaltamento do Pelourinho para viabilizar o trânsito de cadeirantes. Mas nesse caso, o cadeirante teria garantido o direito de transitar em algo que não seria mais o Pelourinho. O trânsito de pessoas em cadeiras de rodas na (projetada) nova calçada cemiterial da Barra, numa orla desarborizada, seria o passeio por um espaço adulterado e desprovido de um componente não desprezível de sua beleza natural. (A largura mínima do passeio para permitir o trânsito dos cadeirantes é de um metro e meio. Para atender a esse imperativo, nenhuma árvore aí poderia subsistir). Não é possível que os técnicos da Prefeitura não encontrem uma solução que não seja predadora para viabilizar o projeto alegadamente inclusivo.

Salvador sofre hoje um sério dano ecológico com a perda cada vez mais acentuada de cobertura vegetal, com a devastação do verde, sem um trabalho sério de reposição das árvores, que são tratadas como obstáculos para a “urbanização” mutiladora. Na calçada praiana da Barra, tivemos de uma vez seis árvores de grande porte eliminadas. Tempestivamente? Cabe a dúvida, até pela simultaneidade do abate. A oportunidade coincide de forma curiosa com o ritmo apressado de uma dispendiosa obra eleitoreira, por iniciativa de uma administração municipal que até o momento nada tinha feito, no período de quatro anos, para a restauração urbanística da Barra: nenhuma conservação, nenhuma provisão de equipamento necessário. Mas pode-se falar em “restauração urbanística” ou “cuidado urbanístico” quando se atenta contra a integridade de um conjunto monumental e se despreza a consideração do ambiente?

Sem ponderar o impacto ambiental, a sumária derrubada de árvores, na calada da noite, dificilmente se justifica. O laudo apresentado não é convincente. No mínimo, seria necessária a consulta a botânicos especializados que verificassem, com os competentes exames a respaldar-lhes o diagnóstico, a imperiosa necessidade de abater de uma vez todas essas árvores, por insuscetíveis de tratamento e pela iminência de sua queda (simultânea?) em curtíssimo prazo. A alegação de que as árvores estariam “obstaculizando” o novo meio fio apenas mostra que o projeto de implantação desse novo meio fio se pretende um imperativo superior a qualquer outra consideração, sobrepondo-se aos cuidados ambientais e ao bem estar dos usuários da área. A desarborização implica em desconforto e a proposta de substituir cada árvore abatida na Barra por cinco outras **em outro local** é cruelmente irônica. Pesquisas recentes têm confirmado e reiterado a importância da arborização para conforto dos moradores em espaço urbano. O desconforto coletivo (térmico, antes de mais nada) será fatal com a desarborização da Barra, que sem dúvida acarretará outros prejuízos ambientais.

É também irônico falar em “revitalização da Barra” com um projeto que não contempla a necessária implantação de banheiros públicos no local, não inclui o conserto das escadas que dão acesso à praia, não prevê medidas de conservação, não contempla a segurança e se mostra omissos no tocante a iluminação.

Esse projeto precisa ser divulgado e discutido amplamente. Seus custos devem ser expostos com toda a transparência e justificados item por item, pois é o povo que vai arcar com os gastos e o interesse do povo deve sobrepor-se ao dos empreiteiros. Convém esclarecer se havia previsão orçamentária para essa obra executada a toque de caixa em período de eleições e porque razão ela não foi inscrita no Projeto Orla de financiamento do Governo Federal. A imagem da Barra é um bem público e sua modificação não pode ser assunto secreto. O desfiguramento da cidade implica em subtração da qualidade de vida dos cidadãos.



Ordep Serra

Antropólogo- professor da FFCH/UFBA

10.4. Carta A.B.A.P.



São Paulo, 25 de abril de 2007

Prezados colegas

Vimos por meio deste documento manifestar a opinião da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP a respeito da recém-publicada cartilha do Programa Passeio Livre.

Foi com grande surpresa que constatamos que, apesar de a ABAP ter participado da comissão do Programa Passeio Livre, quando das reuniões de elaboração desse documento, a redação final dele não exprime com exatidão aquilo que havia sido acordado, e portanto não é possível ratificar nosso apoio ao referido documento no atual formato.

A cartilha do Programa Passeio Livre, no entender da ABAP é, sem dúvida, um instrumento de grande importância e utilidade na construção e melhoria da paisagem urbana da cidade, tendo sido, na época de sua idealização, motivo de grande esperança e satisfação no que diz respeito à regulamentação e normatização das calçadas paulistanas, já que estas nunca foram devidamente priorizadas e fiscalizadas, tanto por parte do poder público quanto do setor privado. Como resultado deste descaso encontramos um sistema caótico de calçadas e passeios públicos, inadequado, mal conservado e extremamente desfavorável aos pedestres, sobretudo aos cidadãos portadores de necessidades especiais de locomoção, para quem as calçadas chegam a ser hostis.

Pela abrangência desse documento e importância que as calçadas têm no espaço urbano, optamos por nos manifestar com veemência quanto ao texto final da cartilha, já que este contém normas e informações superficiais ou tendenciosas.

Em primeiro lugar, gostaríamos de salientar que a *oficialização* por meio da recomendação para especificação de um único material, no caso os derivados de cimento, foi uma surpresa nada agradável, pois não condiz com aquilo que fora debatido nas reuniões iniciais da comissão e, no nosso entender, não traz benefício algum para a cidade, pois sabemos que seu envelhecimento se dá de forma bem mais rápida e menos atraente que o apresentado pela maioria das pedras, por exemplo.

Além disso, a diversidade de elementos é muito importante para a constituição de um mosaico de referências, formas, cores e texturas, que permitem qualificar e identificar a paisagem urbana. Suplantar essa diversidade pavimentando a cidade com materiais fabricados a partir da mesma base pode criar uma paisagem monótona e pouco criativa. A normatização e o estabelecimento de padrões para a implantação dos passeios é, sem dúvida, uma ação muito bem-vinda, porém a sua total homogeneização parece não ser desejável.

Vale ressaltar que também não concordamos com o extermínio da tradição do uso de pedras em calçamentos. Essa tradição, que foi herdada de nossos irmãos portugueses,

e que já pode ser considerada uma tradição brasileira, está tão arraigada que talvez nem a percebamos, mas basta observar com um pouco mais de atenção que ela se faz evidente. As ruas de Parati, o calçadão de Copacabana, os calçadões do centro de São Paulo, entre tantas outras praças e parques, de Manaus a Porto Alegre, parte da nossa paisagem urbana, são testemunhas disso. Sem falar na calçada da Av. Paulista, cujo tradicional piso de pedra portuguesa está, no nosso entender, de maneira inconseqüente, prestes a ser substituído por blocos de cimento, o que irá descaracterizar um espaço urbano já consagrado. Com isso, definitivamente, não podemos compactuar.

E uma escala mais aproximada e sob o ponto de vista técnico, a cartilha também tem problemas. Do modo como foi redigida, cria a impressão de que o uso da pavimentação intertravada resolveria todos os problemas de manutenção e de reparos inadequados causados por intervenções de concessionárias de serviços urbanos (água, energia elétrica, telecomunicações etc.), o que talvez não seja expressão exata da realidade e mascara o problema. A questão mais importante é que, independentemente do material utilizado, a conservação e a manutenção devem ser realizadas por mão-de-obra qualificada e com o devido cuidado, considerando a importância do espaço público urbano.

A mesma importância deve ser dada para esse espaço quando da sua implantação, ou seja, qualquer material utilizado em calçamento urbano, seja ele cimentício, de pedra ou cerâmico deverá ser colocado e assentado de modo adequado, por uma mão de obra capacitada e respeitando-se suas características e especificações técnicas, caso contrário este poderá apresentar falhas e defeitos.

Se a cartilha – e isso julgamos ser muito acertado – se propõe a capacitar mão-de-obra para execução de calçadas, por que não capacitar os calceteiros para assentar vários tipos de materiais, ampliando sua capacidade técnica e dando chance aos que desenham a cidade para criar fazendo uso dessa mão-de-obra tecnicamente qualificada? Além disso, muitos dos materiais excluídos da cartilha têm procedimentos de execução muito semelhantes com os ali detalhados, o que facilitaria o processo de capacitação de mão-de-obra.

Gostaríamos ainda de ressaltar que não somos contra o uso dos pisos cimentícios apresentados, mas devemos evidenciar algumas questões que parecem pertinentes ao tema quando se nota a forte tendência para o uso desse material:

- O comportamento desse material a longo prazo e seu envelhecimento são dados poucos conhecidos. Poucas áreas têm implantado esse tipo de piso há mais de 30 anos. Além de desconhecemos os prazos necessários para a sua renovação.
- O direcionamento para um único material pode gerar dependência de alguns produtos e fornecedores, situação que seria muito desfavorável para uma política de concorrência e ajuste de preços.
- Se o Estado de São Paulo possui as maiores jazidas e o maior número de calceteiros do Brasil, a ausência do mosaico português é no mínimo surpreendente. Este tipo de calçamento é utilizado em praticamente todos os municípios do Estado, devido à facilidade e ao baixo custo de aquisição das pedras.



Por fim, acreditamos que a cartilha é um instrumento importantíssimo para a cidade e não questionamos a sua validade. Por isso gostaríamos de sugerir que fossem analisados outros materiais a serem recomendados para uso nas calçadas, sendo adicionados ao texto os respectivos detalhes construtivos, a exemplo dos demais materiais, detalhando especificações, manutenção e desempenho desses materiais.

Colocamo-nos, também, à disposição dos departamentos da PMSP para indicar profissionais especializados para ajudar na análise e especificação de outros materiais, quando se fizer necessário.

Sem mais para o momento,

Atenciosamente

Eduardo Barra
Presidente ABAP

Fabio Robba
Vice Presidente

11. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aires A.G. **A pedra na reabilitação do espaço público urbano em aglomerados históricos**. Dissertação de Mestrado (Orientação Prof. Dr. Brandão Alves) Porto: 2005.

ANDRADE, Domingos (org.) **Álbum de Campinas – Commemorativo do centenário da Independência do Brasil – 1822 - 1922**. Campinas: Typographia da casa Genoud, 1922.

ARGAN, Giulio C. **A História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 280 p.

ARTIGAS, João Vilanova. 2G, GG Edições, Barcelona, N° 54, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiências a Edificações, Espaços, Mobiliários e Equipamentos Urbanos: NBR-9050**. Rio de Janeiro: 1994.

AZEVEDO, André N. **A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana**. In Revista Rio de Janeiro, UERJ, n. 10, p. 39 – 79. Maio - Agosto. 2003.
Disponível em http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-AndreAzevedo.pdf
Acesso em 12 de Setembro de 2010.

BADARÓ, Ricardo. Campinas. **O Despontar da Modernidade**. Campinas: Unicamp, 1996. 161 p.

BAENINGER, Rosana. **Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista**. Campinas: Neppo, CMU UNICAMP, 1996. 148 p.

CABRERA, Ana e NUNES, Marília. **Olhar o Chão**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda. 1998. 130 p.

CAMPINAS. Decreto nº 76, de 16 de Março de 1934. Ratifica a Lei nº 349 de 1926. Código de Posturas Municipais: Dos passeios. **Leis, Decretos e Resoluções Promulgados no Exercício de 1934.**

CAMPINAS. Decreto nº 4301, de 6 de Agosto de 1973. Regulamenta a Lei nº 4037, 10 de Julho de 1973. Dispõe sobre limpeza de terrenos, construção e conservação de muros e dá outras providências. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Decreto 5635, de 22 de Fevereiro de 1979 (regulamenta a Lei 4770 de 18 de Janeiro de 18 de Janeiro de 1978.) Dispõe sobre a limpeza, conservação de terrenos, construção de muros e passeios e dá outras providências. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei nº 114, de 14 de Agosto de 1906. Estabelece ladrilho de cimento para a factura dos passeios. **Leis Resoluções e mais Actos Promulgados Durante o Anno de 1906.**

CAMPINAS. Lei nº 349, de 16 de Novembro de 1926. Sobre serviços de calçamentos. **Leis, Resoluções e mais Actos Promulgados Durante o Anno de 1926. Câmara Municipal de Campinas.**

CAMPINAS. Lei nº 1.486, de 22 de Maio de 1956. Exige construção de muros e passeios e dá outras providências. **Leis, Decretos e Resoluções Promulgados no Exercício de 1956.**

CAMPINAS. Lei nº 1.993, de 29 de Janeiro de 1959. Código de Obras e Urbanismo do Município de Campinas. Dos direitos e deveres da utilização das vias públicas. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei nº 5.333, de 17 de Maio de 1983. Dispõe sobre a limpeza, conservação de terrenos, construção de muros e passeios e dá outras providências. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei nº 6.148, de 21 de Dezembro de 1989. Dispõe sobre a limpeza, conservação de terrenos, construção de muros e passeios e dá outras providências. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei nº 6.632, de 26 de Setembro de 1991. Dispõe sobre a construção de muros e passeios. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei nº 11.455, de 30 Dezembro de 2002. Dispõe sobre a limpeza, conservação, construção de muros e passeios em terrenos particulares ou públicos do Município de Campinas e dá outras providências. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei Complementar nº 09, de 23 de dezembro de 2003. Dispõe sobre o código de projetos e execuções de obras e edificações do Município de Campinas. Das Calçadas, Passeios, Guias e Sarjetas. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei Complementar nº 15, de 27 de Dezembro de 2006. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Campinas. **Diário Oficial do Município.**

CAMPINAS. Lei Complementar nº 18, de 27 de Março de 2007. Acrescenta dispositivo na Lei Complementar Nº 09 de 23 de dezembro de 2003, e dá outras providências. **Diário Oficial do Município.**

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Unesp Estação Liberdade, 2001. 282 p.

COELHO, Ana M. A. **Calçadas – Espaço cidadão**. Discutindo a paisagem, Coleção Paisagem Aberta. V.1, p.191-214. 2006.

CONDEPACC. Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas. Secretaria da Cultura de Campinas. **Processos de tombamentos**.

Disponíveis em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-tombados/index.php> Acesso em 10 de Maio de 2011.

CULLEN, G. **El Paisage Urbano**, Barcelona: Editorial Blume: 1981. 200 p.

DAOU, Ana M. **A Belle Époque Amazônica**. 3 ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores 2004.

DAOU, Ana M. **Natureza e civilização: os painéis decorativos do Salão Nobre do Teatro Amazonas** História, Ciências, Saúde. Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.51-71, 2007.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais, entre o Rio de Janeiro e São Paulo**. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 14, n.2. Julho – Dezembro, 2006.

FRANÇA, José-Augusto. **A Arte em Portugal no Século XIX**. Volume I. Lisboa: 1990. 2v: il.

FRANÇA, José-Augusto. **A Arte Portuguesa de Oitocentos**. Lisboa:Ministério da educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.121 p.

FERRARA, Lucrecia D. **A Estratégia dos Signos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.197 p.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999. 688 p.

GONÇALVES, Fúlvia. **Testemunhos do Passado Campineiro**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. 169 p.

GOULART, Edmo. Campinas, **Ruas da época Imperial**. Campinas: Editora Maranata. 1983. 141 p.

GROSSMAN, Janet B. **Greek funerary sculpture**. Los Angeles: Getty Publications. 2001. 162 p.

HALPRIN L. **Laurence Halprin**. Process Architecture NO4 Tokio: 1978. 262 p.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980. p. 383. 2v. 1.186 p.

HENRIQUES, A; MOURA, A e SANTOS, F. **Manual da Calçada Portuguesa**. Lisboa: Direcção Geral de Energia e Geologia, 2009. 179 p. Disponível em: http://issuu.com/rochas.info/docs/manual_da_cal_ada_portuguesa Acesso em fevereiro de 2011.

HOMEM, Maria Cecília N. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867 - 1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 287 p.

HUNDERTWASSER, **Hundertwasser Architecture - For a more human architecture in harmony with nature: Manifestoes, speeches, writings** Cologne: Taschen Verlag, 1997. 319 p.

INGOLD, Tim. **Culture on the ground: The World Perceived Through the Feet**. Journal of Material Culture, 9(3) p. 315-340. University of Aberdeen, Scotland: 2004.

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **Carta de Burra**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=DA28CEF127506F599C8C87DE6C8EB8E2?id=251> Acesso em 04 de Julho de 2010.

JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Towns** New York: Vintage Books/ Random House, 1961. 458 p.

KASSAB, Fernando. **Lisboa – Campinas: Olhares Cruzados**. Campinas: Arte Escrita Editora/Centro de Memória UNICAMP Publicações.

LANDIM, Paula C. **Desenho de Paisagem Urbana. As cidades do interior paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LAPA, José Roberto A. **A Cidade. Os cantos e os antros: Campinas 1850 - 1900**. São Paulo: EDUSP, 1996. 361 p.

LEENHARDT, Jacques (org.) **Nos Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006. 149 p.

LIMA, Siomara Barbosa. **Os Jardins de Campinas: o surgimento de uma nova cidade**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2000.

LIMA, Solange Ferraz. **O trânsito dos ornatos: Modelos ornamentais da Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?)**. Anais do Museu Paulista. v.16. n.1.p. 151-199. Jan- Jun. 2008.

LING, R. **Ancient Mosaics**. Princeton: Princeton University Press.1998. 144 p.

LORETTE, Antonio Carlos R. **Cemitérios de Campinas: a transformação do espaço para sepultamentos (1753-1881)**. Dissertação de mestrado, PUC-Campinas, Campinas, 2001.220 p

LUZ, A. **Porous Topography: Weaving pavements and other urban punctuations at interstitial landscapes**. Bartlett School of Architecture, Researching Cultural Spaces Conference, London: 2006.

MACEDO, Silvio S. **O Paisagismo Moderno Brasileiro - Além de Burle Marx.**

Paisagens em Debate, FAUUSP, nº01, Outubro 2003. Disponível em

<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2003SilvioM-Burle.pdf> Acesso em Outubro de 2010.

MACEDO, Silvio S. **Quadro do paisagismo no Brasil.** São Paulo: FAPESP : CNPq : Laboratório da Paisagem, Quapa USP, 1999. 143 p.

MATOS, Ernesto. **Assinaturas: Um passeio poético pela calçada portuguesa.**

Lisboa: Edição do Autor. 2006.

MATOS, Ernesto. **Calçada portuguesa: Uma presença no Mundo.** Lisboa: Edição do Autor. 2004.

MECO, José. **Azulejaria portuguesa.** Lisboa: Bertrand Editora, 1989. 96 p.

MONTEIRO, Ana Maria R.G. **Ramos de Azevedo: Presença e atuação em Campinas.** Campinas: UNICAMP/CMU Publicações; Arte Escrita, 2009. 181 p.

MONTEIRO, Evandro Z. **Três largos campineiros: Carmo, Rosário e Catedral.** 2001. 111p. Dissertação de Mestrado FAU PUC Campinas. Campinas 2001.

MOTTA, Flavio. L. **Roberto Burle Marx e a Nova Visão da Paisagem,** São Paulo: Nobel, 1984. 247 p.

MOTTA, F. L. **Textos Informes.** São Paulo: FAU USP, 1973.

NERO, J.M.G. **Trabalhar a pedra em jeito e arte.** Arquitectura e Vida, Lisboa: Loja da Imagem, nº9, p.80 - 84, 2000.

OLIVEIRA, Lucia Torres M. V. de, **Um passeio através do Movimento Paranista in Espaço Urbano,** Revista do IPPUC, Curitiba N° 3 janeiro p. 22 - 30. 2003.

OVADIAH, Asher. **Geometric and Floral Patterns in Ancient Mosaics**. Roma: L'Erma, 1980. 252 p.

PUPO, Benedito B. **Oito bananas por um tostão: Crônicas Campineiras**. Campinas: Secretaria municipal de Cultura, Esportes e Turismo, 1976.

SITTE, Camilo. **A Construção da Cidade segundo seus Princípios Artísticos**. Andrade (org.), São Paulo: Ática, 1992. 239 p.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público. As Tirantias da Intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SUREDA, MILICUA. **L'Art de la Renaissance. Le quattrocento italien la peinture flamande et son rayonnement**. Paris: Larousse, 1991. 422 p.

TOLEDO, Benedito L. **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: Ex-Libris - João Fortes Engenharia, 1987. 174 p.

TONON, Maria Joana. **Largo do Rosário através dos anos**. Processo de Tombamento do Largo do Rosário, CONDEPACC - Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas, Processo 008 vol2 - 4. 1996. Disponível em <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-tombados/listaBens.php> Acessado em 18 de Setembro de 2010.

TUAN, Y F. **Espaço e lugar**, São Paulo, DIFEL, 1983. 250 p.

VITRUVIO, Marco Polião – **Da arquitetura**. Trad. e notas Marco Aurélio Lagonegro. (Coleção Estudos Urbanos; 13. Série Arte e Vida Urbana) São Paulo: Hucitec, 1999. 50 p.

YAZIGY, Eduardo. **Breve histórico sobre a arte da calcetaria em Portugal e no Brasil: O caso do mosaico português.** In Paisagem Ambiente ensaios. FAUUSP. n. 9, p. 99-123. 1996.

YÁZIGI, Eduardo. **O Mundo das Calçadas: por uma política de espaços públicos em São Paulo**, São Paulo: Humanitas e Imprensa Oficial do Estado, 2000.546 p.

VERDE, Cesário, **O Livro de Cesário Verde: 1873-1886** / publicado por Silva Pinto - Lisboa : Typographia Elzeveriana, 1887. Disponível em <http://purl.pt/123/1/P59.html> Biblioteca Nacional Digital de Portugal. Acesso em Março de 2011.

ZAKIA, Silvia A.P. **Mario Penteadó: Arquitetura e Obra.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2004.

ZEIN, Ruth Verde. **Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão.** São Paulo, Editora Senac -Rio, 2006. 226 p.